

LETICIA HERMES

***DESIGN E PROJETOS SOCIAIS: PROCESSOS E EFEITOS DA EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA***

JOINVILLE

2017

LETICIA HERMES

***DESIGN E PROJETOS SOCIAIS: PROCESSOS E EFEITOS DA EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA***

Relatório Técnico de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Design como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design, pela Universidade da Região de Joinville (Univille).

Orientadora: Professora Doutora Elenir Carmen Morgenstern.

JOINVILLE

2017

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

H553d Hermes, Leticia
Design e projetos sociais: processos e efeitos da extensão universitária/ Leticia Hermes ; orientadora Dra. Elenir Carmen Morgenstern. – Joinville: UNIVILLE, 2017.

134 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Design – Universidade da Região de Joinville)

1. Desenho de moda. 2. Moda – Design. 3. Extensão Universitária. 4. Projetos de desenvolvimento social. I. Morgenstern, Elenir Carmen (orient.). II. Título.

CDD 741.67

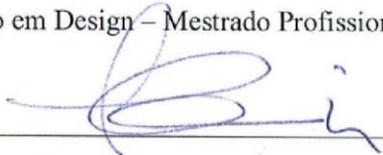
Termo de Aprovação

“Design e Projetos Sociais: Processos e Efeitos da Extensão Universitária”

por

Leticia Hermes

Projeto Final julgado para a obtenção do título de Mestra em Design, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Design – Mestrado Profissional.



Prof. Dra. Elenir Carmen Morgenstern
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Marli Teresinha Everling
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Design

Banca Examinadora:



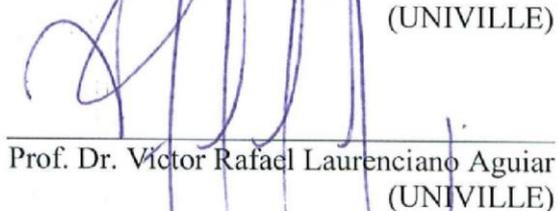
Prof. Dra. Elenir Carmen Morgenstern
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dr. Flávio Glória Caminada Sabrá
(SENAI)



Prof. MSc. Leticia Ribas Diefenthaler Bohn
(UNIVILLE)



Prof. Dr. Victor Rafael Laurenciano Aguiar
(UNIVILLE)

Joinville, 29 de março de 2017

Com gratidão, dedico este trabalho
àqueles que amo, que com carinho e
paciência estiveram sempre ao meu
lado.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente a Deus, a oportunidade de viver este momento e o dom da vida, por me amparar nos momentos difíceis e as pessoas maravilhosas que destinou estarem ao meu lado.

À Universidade da Região de Joinville (Univille) e ao Programa Institucional da Pós-Graduação (PIBPG). Afinal, sem esse auxílio, esta etapa não seria possível.

Agradeço imensamente aos dedicados professores do Mestrado Profissional em Design. A sabedoria e a perseverança de vocês foi de grande valia para o meu crescimento. Especialmente, à minha querida orientadora, Elenir Carmen Morgenstern, a quem devo grande parte das minhas conquistas acadêmicas. Obrigada por acreditar no meu trabalho, por sua dedicação e por seu comprometimento.

Aos professores Victor Aguiar, Flávio Sabrá, Letícia Ribas Diefenthaeler Bohn, Maria Inês Neves Siqueira. A orientação de vocês foi muito importante para esta investigação.

Aos projetos de extensão universitária, que foram parte da minha investigação. Serei sempre grata por terem aberto as portas e contribuído com minha pesquisa. A colaboração de vocês foi imprescindível. Obrigada aos projetos SempreViva, AmaViva, Recosturas da Moda, Mulheres do Bairro e a Associação Damas e Tramas.

As minhas amigas Manuella Schmidt da Maia e Patrícia Krause, por me auxiliarem sempre que possível.

Finalmente, aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, com paciência e amor.

RESUMO

O relatório técnico ora apresentado reflete acerca de processos e consequências oriundas de projetos vinculados ao campo do *design*, desenvolvidos pela extensão universitária. A investigação buscou identificar os saldos obtidos por meio de capacitações perpetradas com grupos femininos de extensão universitária da região de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, fundados nos saberes do *design*. Teve, como objetivo principal, estabelecer conceitos norteadores para o desenvolvimento, êxito e registro das práticas com os referidos projetos. A metodologia empregada ancora-se no método de Pierre Bourdieu, que, concentrado na aplicação prática da teoria, busca respostas sociológicas tendo em vista conceitos-chave de sua abordagem: campo, *habitus* e capital simbólico. Os procedimentos metodológicos desdobraram-se em revisão bibliográfica, focada em extensão universitária, abordagem social do *design* e método base de Bourdieu; coleta de dados, mediante pesquisa de campo e amostragem concentrada em grupos produtores da Região Sul do país; e análise de dados por intermédio da aplicação da teoria na prática, suportada por ferramentas metodológicas do campo do *design*. O principal resultado refere-se à apresentação de estudo representativo dos efeitos das práticas em relação aos projetos de extensão universitária, estruturado em meio ao campo do *design*, e consolidado por conceitos norteadores para a evolução consciente desses grupos, refletindo no empoderamento das agentes envolvidas e na repercussão social das práticas estabelecidas.

Palavras-chave: *design*; extensão universitária; projetos sociais.

ABSTRACT

The technical report presented here reflects on processes and consequences arising from projects linked to the design field, developed by university extension. The research sought to identify the balances obtained through training with female groups of university extension in the region of Santa Catarina and Rio Grande do Sul, based on the knowledge of design. It had, as its main objective, to establish guiding concepts for the development, success and registration of the practices with the mentioned projects. The methodology used is anchored in Pierre Bourdieu's method, which focuses on the practical application of the theory and seeks sociological answers in view of key concepts of its approach: field, habitus and symbolic capital. The methodological procedures were deployed in a bibliographic review, focused on university extension, social design approach and Bourdieu's basic method; Data collection, through field research and concentrated sampling in producing groups of the South Region of the country; and data analysis through the application of theory in practice, supported by methodological tools of the field of design. The main result refers to the presentation of a representative study of the effects of the practices in relation to the projects of university extension, structured in the middle of the design field, and consolidated by guiding concepts for the conscious evolution of these groups, reflecting in the empowerment of the agents involved and social repercussion of established practices.

Keywords: design; university extension; social projects.

LISTA DE SIGLAS

Acafe	Associação Catarinense das Fundações Educacionais
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Comung	Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas
Cras	Centro de Referência da Assistência Social
Dieese	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ForExt	Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária
ForProex	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras
Ices	Instituições Comunitárias de Educação Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
Lamov	Laboratório de Modelagem e Vestuário
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
SAS	Secretaria de Assistência Social
Sebrae	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
Sinaes	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
SIMBOL	Projeto de Pesquisa: O <i>Design</i> e Suas Fronteiras na Instituição Social da Cultura Simbólica
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UNE	União Nacional dos Estudantes
Univali	Universidade do Vale do Itajaí
Univille	Universidade da Região de Joinville

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Eventos de discussão sobre a extensão universitária no Brasil	28
Figura 2 – Marca do Projeto SempreViva.....	38
Figura 3 – Atividades e oficinas do Projeto SempreViva	39
Figura 4 – Marca do Projeto AmaViva.....	40
Figura 5 – Marca SempreFlor: produtos dos projetos AmaViva e SempreViva.....	41
Figura 6 – Resíduos industriais: doações de empresas calçadistas gaúchas	43
Figura 7 – Fábrica da Cidadania: sede das atividades do Moda em Produção.....	44
Figura 8 – Oficinas do Projeto Moda em Produção	44
Figura 9 – <i>Ecobags</i> produzidas pelo Projeto Recosturas da Moda para o 11.º Moda Insights.....	46
Figura 10 – Oficinas do Projeto Mulheres do Bairro	47
Figura 11 – Seção fotográfica de encerramento de turma do Projeto Mulheres do Bairro.....	48
Figura 12 – Associação Damas & Tramas – Projeto ProModa.....	50
Figura 13 – Produto da Associação Damas & Tramas para trabalho de conclusão de curso da aluna Roberta Bonatto.....	51
Figura 14 – Produtos da Associação Damas & Tramas	52
Figura 15 – Projeto em parceria com alunos de graduação da Associação Damas & Tramas	86
Figura 16 – Livro em comemoração aos 10 anos do projeto de extensão SempreViva.....	104
Figura 17 – Cartilha Instrutiva.....	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Coleta de dados por intervenção	66
Quadro 2 – Relação dos procedimentos metodológicos	68
Quadro 3 – Quadro de direcionamentos conceituais.....	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População residente no Rio Grande do Sul: processo de urbanização de 1940 a 2010	72
Tabela 2 – População residente em Santa Catarina: processo de urbanização de 1940 a 2010	72
Tabela 3 – Produções e efeitos dos projetos de extensão	85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade das agentes capacitadas e em capacitação	70
Gráfico 2 – Grau de escolaridade das agentes beneficiárias dos projetos.....	71
Gráfico 3 – Migração das agentes beneficiárias dos projetos	71
Gráfico 4 – Número de filhos e porcentagem de permanência dos filhos em casa das agentes beneficiárias dos projetos	73
Gráfico 5 – Estado civil das agentes beneficiárias dos projetos.....	74
Gráfico 6 – Geração de renda pela capacitação das agentes beneficiárias dos projetos	75
Gráfico 7 – Objetivos resultantes da capacitação das agentes beneficiárias dos projetos	76
Gráfico 8 – Idade economicamente produtiva das agentes beneficiárias dos projetos que objetivam gerar renda com o projeto.....	78
Gráfico 9 – Estímulo para a geração de renda pelos projetos sentido pelas agentes beneficiárias dos projetos.....	81

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	16
INTRODUÇÃO	20
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	25
2.1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	26
2.2 PROJETOS DE EXTENSÃO FUNDADOS NOS SABERES DO <i>DESIGN</i>	37
2.2.1 Projeto de Extensão SempreViva – Joinville/Univille	38
2.2.2 Projeto de Extensão Moda em Produção – Novo Hamburgo/Feevale	41
2.2.3 Projeto de Extensão Mulheres do Bairro – Itajaí/Univali	47
2.2.4 Projeto de Extensão ProModa – Caxias do Sul/UCS.....	49
2.3 APORTE TEORÉTICO: Método e Conceitos	53
2.3.1 Campo	55
2.3.2 <i>Habitus</i>	57
2.3.3 Capital simbólico.....	60
3 METODOLOGIA E APLICAÇÃO PRÁTICA DA TEORIA	63
3.1 CRUZAMENTO DOS DADOS COLETADOS, REALIDADE ENCONTRADA E TEORIA PROPOSTA	69
3.1.1 Agentes capacitadas e em capacitação	70
3.1.2 Coordenação dos projetos de extensão	84
3.2 DIRECIONAMENTOS CONCEITUAIS PARA PROJETOS DE CAPACITAÇÃO FUNDADOS NOS SABERES DO <i>DESIGN</i>	94
3.2.1 No tocante à universidade e à extensão universitária	95
3.2.2 No tocante ao grupo de agentes beneficiárias e aos projetos de extensão.....	97

	15
4 RESULTADOS.....	103
4.1 LIVRO <i>DESIGN E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS ASSOCIADAS INTEGRANDO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO</i>	103
4.2 CARTILHA INSTRUTIVA.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS.....	113
GLOSSÁRIO.....	118
APÊNDICES	120
APÊNDICE 1 – FORMULÁRIO PARA ENTREVISTA A: COORDENADORES DE PROJETOS DE EXTENSÃO FUNDADOS NOS SABERES DO CAMPO DO <i>DESIGN</i>	121
APÊNDICE 2 – FORMULÁRIO PARA ENTREVISTA B: EGRESSOS DE PROJETOS DE EXTENSÃO	123
APÊNDICE 3 – QUADRO PARA CONDUÇÃO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: TÓPICOS PARA SE ATENTAR DURANTE A PESQUISA DE OBSERVAÇÃO ARTIFICIAL	125
APÊNDICE 4 – RELAÇÃO DE REGISTROS DOS PROJETOS DE EXTENSÃO	126
ANEXOS.....	130
ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	131
ANEXO 2 – CARTAS DE ANUÊNCIA	134
ANEXO 3 – AUTORIZAÇÃO PARA BIBLIOTECA.....	137

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O intuito de realizar esta investigação em parte foi para buscar respostas a conhecidas dúvidas, frequentes perguntas que oscilavam nas minhas práticas e nas de minha orientadora, Elenir Carmen Morgenstern. Pela minha trajetória, seis anos envolvida em projetos de extensão que capacitam pelo *design*, observei e questionei as ações da extensão universitária. A referida pesquisa veio ao encontro dessas reflexões e gerou muitas outras.

Na universidade, tive a oportunidade de exercitar meu pensamento crítico por diferentes olhares: bolsista de extensão, pesquisadora de iniciação científica de graduação e pós-graduação, estudante de mestrado. Todos eles permitiram que eu reconhecesse o valor dos projetos de extensão universitária, para mim, como aluna, para as mulheres da comunidade com quem travei relações, para os professores envolvidos e para os voluntários com quem dividi diversas funções, entretanto não cruzava comumente com relatos acerca desses efeitos, e essa foi a primeira proposta que divagamos.

Em seguidas reuniões com minha orientadora, discutimos aspectos que poderíamos analisar e considerar nesta investigação, um processo recorrente, afinal a área extensionista é fértil para reflexões. Ademais, a extensão ainda é breve na história da universidade, se compararmos à pesquisa, por exemplo, o que nos propiciou ponderar a respeito de que âmbito poderíamos aprofundar uma investigação. Nesse entremeio, três viagens à Europa possibilitaram ampliar minha visão acerca do assunto, o que se tornou também parte da proposta inicial da referida pesquisa. Porém, ao deparar com a realidade de um novo contexto, compreendi que o que era visto por nós não era visto de mesmo modo no exterior. Aliás, a extensão universitária brasileira está configurada em outros moldes, muito diferentes dos moldes europeus. Nesse aspecto, podemos citar o que argumenta Melo Neto (2002): os primórdios da extensão universitária deram-se na Europa, mas com o intuito de disseminar conhecimento técnico. Todavia, as universidades americanas tinham outro ideal, voltado à prestação de serviços. Na América Latina, a extensão desenvolveu-se voltada a movimentos sociais. De fato, não faria sentido considerar propostas de intervenção social tão distintas, contudo essa etapa exploratória foi muito relevante. Por meio dela, norteiei minha proposta: a investigação precisaria manter-se em

projetos de mesmos moldes, para atingir um resultado coerente com minha base teórica. Fundamentamos a investigação, principalmente, nos conceitos-chave de Pierre Bourdieu, pautando-nos numa abordagem sociológica.

Partimos do princípio de que, antes de mais nada, precisaríamos saber sobre a dimensão do que estávamos buscando. Estabelecemos como meta pontuar todos os projetos brasileiros que possuíssem o mesmo perfil que o projeto em que atuávamos, o SempreViva, da Universidade da Região de Joinville (Univille), em Joinville (SC). Nossa proposta intentava, nesse período, mensurar os resultados desses grupos: projetos de extensão universitária fundados no *design*. Feito isso, deparamos com mais dúvidas: Por que mensurar o resultado de tantos projetos em todo o país? Como poderíamos encontrar similaridades entre projetos com bases contextuais tão distintas? Conseguiríamos relacionar tantos fatores sócio-históricos e culturais em uma pesquisa de curto prazo (dois anos, referentes ao Mestrado Profissional em Design)?

Então, optamos por manter os limites de investigação para projetos situados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, pois ambos os estados são reconhecidos por similaridades produtivas, industriais, culturais e econômicas. Com base nessas escolhas, direcionamos o objetivo geral da investigação: identificar, relacionar e avaliar os efeitos obtidos, por meio de capacitações recorrentes, de projetos de extensão universitária no Sul do Brasil que visam à geração de trabalho e renda, apoiados teoricamente em ferramentas do campo do *design*. Com os resultados, além de documentar esses efeitos, destacava-se a intenção de elaborar diretrizes estratégicas de inovação relacionadas à evolução dos projetos de extensão.

Entretanto, em meio ao processo de qualificação da investigação, com orientação em banca da professora doutora Elenir, da mestre Leticia Ribas Diefenthaler Bohn e do professor doutor Víctor Rafael Laurenciano Aguiar, novas reflexões foram deflagradas. Quanto aos projetos investigados, possuíamos em amostra grupos de universidades públicas e comunitárias, mas como julgar os resultados de grupos cuja base referencial é diferente? Ou seja, as universidades comunitárias seguem padrões diferentes das universidades públicas, suas fontes de financiamento, orientações de desenvolvimento, avaliação etc. Enfim, muitos aspectos, provenientes dos referenciais que as universidades seguem, influenciam na gestão e condução desses projetos de extensão, o que contribuiu para recortarmos

nossa amostra de pesquisa em: projetos de extensão promotores de capacitações fundadas no *design* e alocados em instituições comunitárias.

Seguindo essas definições, prosseguimos com as intervenções e análises dos referidos projetos de extensão: SempreViva, Moda em Produção, ProModa e Mulheres do Bairro. Quando intentávamos cruzar a teoria elegida com a prática realizada, deparamos com mais uma dúvida que repercutiu em outra importante reflexão: Por que proporíamos diretrizes para a evolução estratégica de tais projetos?

Conforme nossas bases teóricas, entendemos que cada agente, em sua estrutura social, é influenciado por fatores extraestéticos (culturais, econômicos, filosóficos...) que repercutem em seu *habitus*, que, por sua vez, é estruturado e estruturante do campo que integra. Consideramos que o “campo” é o contexto em que o sujeito está inserido e é interdependente ao *habitus* e ao respectivo capital simbólico. De fato, esses contextos possuem suas particularidades, o que torna incoerente propor regras/diretrizes homogêneas (que muitas vezes são compreendidas como normas de procedimento) para a evolução desses projetos. Ademais, esses grupos não são homogêneos; são compostos de agentes com cargas culturais, sociais, históricas e econômicas. São variados os fatores que os conduzem e são correlacionados com a estrutura sistêmica simbólica em que estão dispostos. Esses projetos lidam com vidas, pessoas, isto é, outros “agentes” que nunca sairão iguais das capacitações ocorridas, mesmo que articuladas por um mesmo objetivo.

Fundamentando-nos nesse desdobramento, concluímos que esse veículo de devolução da referida investigação – entendido como o retorno para os grupos analisados – se configuraria em “conceitos norteadores”. Isto é, noções conceituais que sirvam como norte a esses projetos, podendo ser absorvidas de acordo com os seus diferentes contextos e necessidades, sustentadas nas reflexões oriundas das análises realizadas (cruzadas com a teoria de base: método de Bourdieu). Sobretudo, mantivemos em nosso objetivo aquela primeira intenção: poder mensurar representativamente esses efeitos que sempre soubemos que a extensão promove, mas que não tínhamos ciência das dimensões.

Haja vista esses efeitos, a extensão universitária é promotora de resultados que vão além do envolvimento com ações sociais. Ou seja, projetos de extensão universitária diferem-se de projetos sociais isolados. A relação entre ensino, pesquisa e extensão é a âncora dessa capacitação sistêmica tanto para os estudantes, que conseguem exercitar seu conhecimento em um âmbito realístico, como para as

agentes beneficiárias, que são envolvidas em um espaço promotor de muito mais que geração de trabalho e renda, isto é, que instiga a reflexão e o pensamento crítico.

Aliás, acerca do termo geração de trabalho e renda, vale ressaltar que seu emprego nos objetivos dos projetos de extensão precisa ser revisto. Ele difundiu-se com as ações de uma liderança do governo brasileiro, tornou-se modismo, mas perdeu seu significado valoroso ao decorrer da evolução da extensão universitária, bem como dos efeitos que ela produz. Esses projetos vão muito além de meios de gerar renda; articulam o empoderamento, a transformação social.

Tecida a tela em que está configurado este processo investigativo, acreditamos que essas informações orientarão a compreensão do leitor, entretanto vale ressaltar uma conclusão que ponderou mediante nossas reflexões: a verdade é relativa. Ou seja, não estamos apresentando bases absolutas, mas proposições conceituais a serem absorvidas conforme a necessidade e circunstância aplicada. A verdade é também resultado das lutas em um campo, do *habitus* de seus agentes, e é legitimada culturalmente em meio ao contexto social em que está inserida.

INTRODUÇÃO

Este relatório técnico configura-se como um trabalho de conclusão do curso do Mestrado Profissional em Design da Univille. A investigação proposta considera o contexto da extensão universitária tendo em vista as práticas de grupos femininos capacitados para a geração de trabalho e renda¹ situados no Sul do país, incluindo os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Brasil, que utilizam o *design* como âncora para a produção de conhecimento teórico e prático. Observa-se que atualmente os efeitos desses projetos não são acompanhados, nos diferentes âmbitos de seu alcance, pela área extensionista e pela própria coordenação dos grupos. Ademais, trata-se de um ponto relevante para o desenvolvimento social e econômico dos projetos relacionados.

Objetiva-se mapear e relacionar os principais resultados obtidos, por meio de capacitações promovidas pela área de extensão das universidades, cujo *design* é o aporte teórico e definidor de ferramentas promotoras de geração de trabalho e renda. A investigação fundamenta-se em pesquisa aplicada em grupos femininos de extensão, no contexto brasileiro (modelo de ação social em países ainda em desenvolvimento), com ênfase em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. A relevância deste projeto justifica-se, principalmente, pelos aspectos acadêmico e social e por conta da experiência da proponente.

Entende-se por relevante para a academia a pesquisa baseada em projetos de extensão, pois, do ponto de vista de Souza (2006, p. 3), foi a “necessidade de criar uma relação mais ampla da universidade com a população e formar novas visões e interlocutores que reiniciou a discussão sobre uma nova função social, além do ensino e da pesquisa, chamada extensão universitária”. Torna-se necessária para o progresso da área extensionista a avaliação/análise dos resultados de âmbito social, já que pode promover estratégias associadas ao seu intuito legítimo.

¹ O termo “geração de trabalho e renda”, sigla GTR, difundiu-se principalmente no período do governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com a divulgação de materiais como o *Guia de Geração de Trabalho e Renda* (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO..., 2008) – realização da Fundação do Banco do Brasil, execução do Instituto de Políticas Públicas Florestan Fernandes, pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. No referido texto, o termo foi mantido em razão dos escritos dos projetos de extensão investigados, que também empregam essa definição.

A importância social dá-se pela própria área de atuação da referente pesquisa, que estimula a reflexão acerca de questões socioculturais e pode permitir melhorias estratégicas para o resultado de grupos extensionistas, além da evolução, do empoderamento e do desenvolvimento profissional das mulheres integrantes. Entre os aspectos sociais que incentivam a pesquisa, a desocupação da mulher em vagas de trabalho, bem como a recorrente posição de *chefe de família*, proveniente de uma estrutura familiar contemporânea, aumenta a necessidade de geração de renda alternativa. De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) (2012), por conta da necessidade de cobrir os gastos familiares, contemplando o sustento da família, a mulher passou a ocupar o mercado de trabalho, muitas vezes motivada pelo desemprego familiar ou pela ausência de um cônjuge. De fato, a população brasileira de mulheres em idade ativa chegou aos 84 milhões em 2009. Dessas mulheres, 52,7% preenchiam a condição de desempregada ou ocupada, no referido mercado de trabalho.

Por fim, tem-se a experiência da proponente em um projeto de extensão que capacita mulheres por intermédio dos saberes do *design*, com foco na geração de trabalho e renda. Por mais de cinco anos, a pesquisadora acompanha o trabalho realizado nos projetos, tornando-se perceptível a necessidade de representar os resultados alcançados e, por vezes, não observados ou registrados. Todavia, os resultados para a academia são anualmente registrados (por meio dos relatórios que os projetos de extensão submetem às respectivas secretarias), enquanto o efeito para a comunidade se dá na prática, sem acompanhamento. Busca-se aferir, mediante a pesquisa teórica e prática, se as capacitações podem implicar mudanças das estruturas sociais, se essa arguição é compartilhada por outros grupos, e se a análise dos efeitos sociais repercute em melhorias para a extensão universitária e para os grupos de mulheres capacitadas.

Em suma, esta investigação propôs, como objetivo geral, apresentar um estudo representativo dos efeitos práticos da extensão universitária. Para isso, intencionou identificar e analisar os resultados obtidos por intermédio de capacitações, aplicadas em grupos femininos de projetos de extensão universitária, fundados nos saberes do campo do *design*. Como resultado esperado desta análise, elaboraram-se direcionamentos conceituais, sugerindo a evolução consciente dos projetos de extensão ora investigados, pautando-se nas reflexões provenientes das análises por meio da teoria de base. Essa intenção efetivou-se considerando questões

fundamentais na concepção universitária/extensionista, que podem ser alteradas pelos resultados deflagrados por esses projetos, porém não registrados. Também, quis-se levar em conta o impacto que a capacitação, fundada nas teorias do campo do *design*, pode promover na vida e na renda das agentes integrantes dos grupos femininos.

Assim, destaca-se a problemática: a avaliação, bem como a ciência dos efeitos e impactos sociais dos projetos de extensão universitária, que capacitam com base nos saberes do campo do *design*, pode contribuir com a evolução dos projetos e com o empoderamento das agentes nele envolvidas?

Os projetos investigados desenvolvem-se sem a análise prática dos resultados (informação coletada em pesquisa *in loco*). Todavia, com o estudo de documentos que lhe são referentes (publicações em livros, artigos, relatórios entregues nas áreas de coordenação de extensão)², percebeu-se que os resultados são positivos (principalmente para a academia), mas a falta de ciência acerca dos impactos gerados impede uma evolução direcionada e consciente do projeto de extensão, bem como o progresso das agentes integrantes.

Entende-se que a avaliação e a compreensão do impacto recorrente de projetos de extensão universitária poderão contribuir com a evolução dos próprios projetos e dos agentes neles envolvidos. Ademais, a sistematização de uma avaliação por parte da comunidade ainda é um desafio na área de extensão, legitimando a proposta da pesquisa. A hipótese da investigação é de que a proposição de conceitos norteadores, alinhados pela coleta e análise dos resultados, promoverá o desenvolvimento assertivo dos grupos, pois considerarão questões importantes para sua evolução.

Para alcançar o resultado esperado com a investigação, a pesquisa foi aplicada em três etapas: a) identificação de grupos femininos de extensão universitária no

² A ciência da informação relacionada à análise dos resultados foi obtida por meio de diagnóstico feito com base nos artigos de Cabral (2016), Cezar (2010), De Carli e Peretti (2013), Lorenzi (2015) e Mello *et al.* (2011). Foram considerados *sites* relativos aos projetos: Mulheres do Bairro e SempreViva. Também se consultaram os textos do *Plano Nacional de Extensão Universitária* (BRASIL, 2000/2001), a obra *A extensão universitária como um princípio de aprendizagem* (SÍVERES, 2013) e *Extensão nas Instituições Comunitárias de Educação Superior: referenciais para a construção de uma Política Nacional de Extensão nas ICES* (UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 2013). Por fim, os relatos feitos previamente, em entrevista, pela professora mestre Maria Inês Siqueira Araújo, chefe da área de extensão universitária da Univille, e pela professora doutora Elenir Carmen Morgenstern, orientadora desta investigação e coordenadora do projeto de extensão SempreViva da Univille.

contexto brasileiro³, direcionada aos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que tenham como objetivo a geração de trabalho e renda por meio da capacitação pelo *design*, averiguando metodologias e similaridades; b) mapeamento e análise dos resultados de diferentes projetos extensionistas, alocados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, que viabilizem a geração de renda mediante saberes do *design*; c) proposição de conceitos norteadores para a evolução desses projetos, bem como para o crescimento e o empoderamento⁴ das integrantes, por intermédio dos dados coletados e analisados.

Os capítulos, apresentados na sequência, detalharão as fases da pesquisa desenvolvida. A investigação, os desdobramentos metodológicos e os resultados obtidos serão exibidos em forma de relatório técnico.

Inicialmente, o capítulo intitulado “Contextualização da Investigação” traz a revisão teórica e as reflexões com base no campo de estudo. O primeiro subcapítulo, “Extensão Universitária”, adentra no fundamento da extensão universitária, considerando os padrões de avaliação dos projetos, bem como seus objetivos e planos instrucionais, com base em escritos relevantes para as universidades comunitárias, por vezes usados como guias de direcionamento aos projetos.

O segundo subcapítulo, intitulado “Projetos de Extensão Fundados nos Saberes do *Design*”, considera os relatos publicados de todos os projetos escolhidos para esta investigação, inclusive informações coletadas por meio dos instrumentos de pesquisa de dados definidos e utilizados na etapa metodológica. Objetivou destacar as características dos quatro projetos estudados, suas bases metodológicas, aspectos quantitativos e qualitativos dos grupos, as oficinas ministradas, os produtos desenvolvidos, os meios de gerar renda e outras especificidades.

O terceiro subcapítulo, “Aporte Teorético: método e conceitos”, esclarece a principal base teórica desta investigação, considerando o método fundado em conceitos-chave do sociólogo Pierre Bourdieu⁵: campo, *habitus* e capital simbólico.

³ De início, foi feito o mapeamento de projetos encontrados na *web*, considerando todo o Brasil, que possuíssem o mesmo perfil de capacitação. Porém, com o aprofundamento teórico, concluiu-se que para resultados mais coerentes os projetos de extensão precisariam estar em um contexto sociocultural similar, tendo em vista um resultado compatível ao perfil da investigação.

⁴ O termo empoderamento está integralmente relacionado ao conceito de poder, distribuído dentro e entre as sociedades. O processo de empoderar determinada parcela social, que nesta investigação são as mulheres em projetos de extensão, busca intervir em desequilíbrios de poder e ajudar a aumentar esse aporte, além do acréscimo de conscientização e “faculdade crítica”. Mais informações no glossário deste relatório técnico.

⁵ Conforme Wacquant (2002), Pierre Bourdieu foi um filósofo francês bastante conhecido no século XX, com grandes produções na sociologia e na antropologia. Mantém-se na atualidade como uma das

Esses conceitos nortearam as reflexões da referida pesquisa, buscando relacionar a teoria construída com a realidade encontrada, transformando-se no arcabouço para a elaboração dos conceitos norteadores.

O capítulo terceiro do relatório técnico aponta os procedimentos metodológicos definidos e aplicados na investigação, aborda diferentes dimensões dos projetos de extensão, seus coordenadores, os agentes capacitados e em vias de capacitação, as práticas, os produtos, os meios em que os grupos são conduzidos. Busca considerar o contexto sociocultural dos projetos por uma análise extraestética, que leva em conta o contexto do objeto de estudo, discorrendo também acerca dos dados e resultados publicados e arquivados pelos organizadores e pesquisadores envolvidos nos grupos. Intencionou-se, em essência, aplicar a teoria consolidada na prática oportunizada.

Com esse arcabouço teórico e prático, congregam-se as metodologias de *design* (campo de formação da referente pesquisadora e também contexto em que se fundamentam as oficinas dos projetos de extensão) à análise fundada nos conceitos de Bourdieu, buscando perpetuar as informações e reflexões em forma de conceitos norteadores para a evolução consciente dos projetos de extensão. Esta investigação também se valida na ânsia de analisar e registrar os efeitos dos projetos de extensão universitária, com foco na geração de trabalho e renda, muitas vezes ancorada à economia solidária, e analisar se, além da capacitação eficiente, é sobretudo um veículo de transformação e melhoria social.

principais referências na academia, por conta da sua grande contribuição em estudos para diversas áreas do conhecimento humano, destacando-se: educação, cultura, arte, literatura, moda, mídia, política, linguística etc. Afirma que o contexto social deve ser compreendido por meio de três conceitos: campo, *habitus* e capital simbólico.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Esta investigação ancora-se em temas centrais para seus desdobramentos teóricos e práticos, voltados ao objeto foco de estudo, ou seja, a extensão universitária, tendo em vista práticas de grupos femininos de geração de trabalho e renda fundados nos saberes do *design*. Destaca-se, como primeira abordagem, a extensão universitária, seguida da descrição dos agentes envolvidos na área: projetos de extensão com ênfase em capacitação baseada no *design* estabelecidos no Sul do Brasil.

Em sua primeira etapa, este relatório técnico traz aspectos no tocante à extensão universitária¹, ressaltando em seu arcabouço teórico os documentos: *Extensão nas Instituições Comunitárias de Educação Superior: referenciais para a construção de uma Política Nacional de Extensão nas ICES (UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 2013)*; *Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2000/2001)*; e *A extensão universitária como um princípio de aprendizagem (SÍVERES, 2013)*.

Em sua segunda etapa, apresentam-se, como amostra de estudo, projetos de universidades comunitárias² alocados na Região Sul do país: Projeto SempreViva (Univille); Projeto Moda em Produção (Universidade de Novo Hamburgo – Feevale); Projeto Mulheres do Bairro (Universidade do Vale do Itajaí – Univali); e ProModa (Universidade de Caxias do Sul – UCS)³, levando em conta relatos acerca da metodologia aplicada, das oficinas realizadas, dos produtos desenvolvidos e da relação entre o *design* e a capacitação pela extensão universitária.

¹ Para contextualizar o termo “extensão universitária”, buscaram-se referências teóricas relacionadas à extensão na universidade comunitária, visto que as universidades públicas, privadas e comunitárias seguem diferentes diretrizes, vinculadas aos respectivos moldes administrativos, meios de fomento, fóruns de referenciais e planejamento etc.

² Optou-se por limitar a investigação a projetos somente de universidades comunitárias, já que estas são regidas pelo mesmo modelo, com apoio do Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior (IES) Comunitárias (ForExt).

³ Projetos encontrados nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul que seguem os requisitos estipulados para a pesquisa: vínculo com uma universidade comunitária; capacitação fundada no *design*; carga horária maior ou igual a 72 horas; e similaridade entre produtos, oficinas ministradas, aos demais projetos.

Por fim, na terceira e última etapa, a pesquisa fundamenta-se e valida-se na teoria de Pierre Bourdieu, enfatizando os conceitos-chave da mesma: campo⁴, *habitus*⁵ e capital simbólico⁶. Propõe-se o método de Bourdieu, que considera a teoria aplicável à prática, para a compreensão sociológica do contexto das agentes integrantes dos projetos de extensão, rumo às análises que orientarão a construção de diretrizes para a evolução estratégica de projetos de extensão fundados no *design*.

2.1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Neste tópico, visando contextualizar o estudo, elencam-se aspectos relacionados à extensão universitária, seus objetivos em âmbito social e histórico, bem como seus meios de avaliação.

A área de extensão universitária configura-se em um dos três pilares que estruturam a universidade: ensino, pesquisa e extensão⁷. Sua origem provém da Europa, no século passado, e seu objetivo principal era difundir o ensino técnico produzido pela universidade. Partiu da Inglaterra a proposição de que as instituições de ensino deveriam colaborar com a sociedade, no sentido de contribuir por meio de conhecimento produzido. A extensão americana, por outro lado, desde seu advento, manteve a função de prestação de serviços. A extensão na América Latina desenvolveu-se inicialmente em movimentos sociais, com a premissa de que a cultura fosse disseminada para as classes populares (MELO NETO, 2002).

⁴ De acordo com Bourdieu (2008), campo é um espaço social resultado da diferenciação social e das relações de força e luta entre os agentes, conferindo-lhes posições. Constitui-se por instituições que lutam pela autoridade, para assim conceder o poder e ditar as regras e normativas desse mesmo campo.

⁵ Para Bourdieu (2008), o *habitus* está presente nos agentes de um mesmo campo e é “esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas”.

⁶ O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo óbvio (BOURDIEU, 2011, p. 145).

⁷ Conforme o artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988, a universidade deve obedecer ao conceito de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (JUSBRASIL, 2016).

Em 1961, um documento escrito em um congresso na Bahia da União Nacional dos Estudantes (UNE) estabeleceu que a universidade serviria ao povo, com prestação de serviços e cursos a serem desempenhados pelos estudantes em faculdades. Ou seja, o local seria democrático e apresentaria a realidade aos estudantes. Ainda no Brasil, o período da ditadura militar foi responsável por estimular vários projetos de extensão do conhecimento. O Projeto Rondon, por exemplo, originou-se nesse ínterim (MELO NETO, 2002).

É relevante situar a evolução da extensão no contexto brasileiro. Ao contrário da pesquisa, que parte de um campo filosófico e antigo, a extensão universitária difundiu-se muito mais tarde, no Brasil aproximadamente nos anos 1960. Desse modo, recentes são as discussões acerca de suas metodologias, processos avaliativos, indicativos, resultados etc. Para ilustrar tais discussões, apresenta-se a figura a seguir, com o histórico das atividades nacionais inerentes à área.



Figura 1 – Eventos de discussão sobre a extensão universitária no Brasil
Fonte: adaptado de SÍVERES, 2013

Entendeu-se no contexto social brasileiro que a extensão universitária é a expressão de cidadania a partir da universidade, mantendo compromisso social e educacional com a comunidade. Trata-se da manifestação indissociável da pesquisa e do ensino, permitindo a realização prática do conhecimento por meio da relação aluno-comunidade.

O Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias (ForExt) (UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 2013) argumenta em seus documentos que essa indissociabilidade faz parte do desenvolvimento acadêmico e é transformadora no aspecto ensino-aprendizado, já que a articulação entre a comunidade e a academia (alunos, professores e universidade) é como a de um sujeito dessas funções, nesse diálogo permanente em busca da produção de conhecimento. Esse envolvimento interdisciplinar é responsável pela ampliação de conhecimento integrado e real. Vê-se o desenvolver da extensão, por intermédio da pesquisa, quando suas ações promovem a melhoria na realidade da população, sendo, portanto, um processo importante na academia, e a pesquisa e o ensino não podem ser desconectados. Do mesmo modo, o estudante envolvido na extensão eleva seus conhecimentos, deixando o papel de receptáculo, daquele saber transmitido, para presenciar a aplicação da teoria em uma realidade. Para Síveres (2013), é “um processo mediador de construção do conhecimento e uma atividade que aponta para a finalidade do percurso da aprendizagem, qualificando o valor epistemológico, ético e político da instituição, que deve ser vivenciado, cotidianamente, pelos sujeitos acadêmicos e comunitários”.

De mesmo modo, Tauchen (2009, p. 93) explicita que a indissociabilidade torna esses pilares interdependentes. Não se pode pensar na extensão isolada do ensino, ou da pesquisa; estas são partes de um mesmo saber construído:

É, portanto, necessário pensar esse princípio não de forma simplista, mas considerar que, efetivamente, seus elementos devem ser associados e essa associação precisa ser construída, interligando-os, integrando-os para o alcance dos objetivos da universidade e, finalmente, para que os membros da comunidade universitária possam agir, de fato, como cidadãos. O conceito de indissociabilidade remete a algo que não existe sem a presença do outro, ou seja, o todo deixa de ser todo quando se dissocia. Alteram-se, portanto, os fundamentos do ensino, da pesquisa e da extensão, por isso trata-se de um princípio paradigmático e epistemologicamente complexo.

Nesse perfil, o ForExt (UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 2013, p. 19) também discute o acréscimo da extensão à comunidade acadêmica:

A Extensão Universitária efetiva-se na interface com o Ensino e a Pesquisa, por um processo pedagógico participativo, tornando-se instrumento de formação de profissionais cidadãos, que pautem suas ações pela competência técnica e pelo compromisso ético. Portanto, a extensão universitária é uma atividade que constitui um novo paradigma para as instituições de ensino superior, pois agrega a exigência da interação com a sociedade e da democratização do saber. A Extensão Universitária amplia os canais de interlocução da ICES com segmentos externos e, simultaneamente, esse contato retroalimenta o Ensino, a Pesquisa e a própria Extensão, contribuindo para o desenvolvimento de novos conhecimentos científicos. Destaca-se, pois, o caráter articulador da extensão nessa interface considerando que os resultados e as produções acadêmicas do Ensino e da Pesquisa carecem de visibilidade e comunicação com a sociedade, ou seja, a extensão é o ponto de convergência dessas atividades para que a função social das ICES se concretize através do compromisso social que coloca a produção do conhecimento (pesquisa) e a transmissão de saberes (ensino) à serviço das demandas da sociedade.

Desse modo, tem-se a extensão, em tese, como capacitadora dos atores de ambos os meios, acadêmico e comunitário, contribuindo para a transformação consciente da sociedade por meio de conhecimentos teóricos e empíricos e para a formação cidadã dos alunos. O que se discute, nesta investigação, é a legitimidade e/ou consecução de tal paradigma nas práticas dos grupos femininos vinculados aos projetos de extensão.

A extensão é, por vezes, alvo de críticas acerca de um ponto de vista assistencialista percebido em suas ações. Nesse ínterim, Melo Neto (2002) afirma que a extensão tem potencialidade para assumir uma postura de trabalho social útil na sociedade, por seu modo participativo, de efetivo exercício de cidadania, porém faz parte de um exercício de busca por novos conhecimentos e objetos de pesquisa atrelados à realidade. A atividade extensionista põe em prática a correlação entre ensino e pesquisa, configurando-se em um trabalho social útil, pois não é de desenvolvimento individual e está atrelada ao interesse ou à necessidade humana. Para Melo Neto (2002, p. 179), “diferencia-se das dimensões outras da universidade, tratadas separadamente: o ensino e a pesquisa. Através desse diálogo, pode cumprir o seu papel acadêmico contribuindo, de forma concreta, para a produção teórico-acadêmica”.

A relação apresentada pela universidade propõe um viés de envolvimento cujos propósitos principais são a produção e a disseminação de conhecimento, às vezes associado a necessidades emergenciais da população.

É importante ressaltar que a intervenção na realidade não visa levar a universidade a substituir funções de responsabilidade do Estado, mas sim produzir saberes, tanto científicos e tecnológicos quanto artísticos e filosóficos, tornando-os acessíveis à população, ou seja, a compreensão da natureza pública da universidade se confirma na proporção em que diferentes setores da população brasileira usufruam dos resultados produzidos pela atividade acadêmica, o que não significa ter que, necessariamente, freqüentar seus cursos regulares (FORPROEX, 2001, p. 6).

A função da extensão universitária aparenta legitimidade desde que seu objetivo seja consolidado em suas diversas ações, vinculadas às demandas emergenciais da população ou não.

A atividade extensionista, em âmbito social, é tão relevante quanto em âmbito acadêmico/educativo, pensando que, em termos de formação pessoal, é capaz de estimular o desenvolvimento de entendimento crítico sobre a visão de mundo, voltado para uma posição analítica e também para a origem de conhecimentos e estudos ligados à transformação social (UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 2013).

Os projetos de extensão ora investigados podem ser intitulados como cursos de caráter “livre”, “informal” e até mesmo “popular”. Fala-se isso com base no conceito de Freire e Nogueira (1993) para *educação popular*. A capacitação proposta pela área de extensão universitária busca estender o conhecimento àquele que um dia lhes foi negado. Além disso, reafirma os conhecimentos empíricos, as práticas dos agentes envolvidos, considera a formação cidadã, os conhecimentos intrínsecos ao povo e utiliza-os para a construção de novos saberes (que atingem, para além das mulheres do grupo, os professores e alunos envolvidos no processo). A educação popular não ensina para a academia; ensina para o cotidiano, para a vida, para o crescimento social (FREIRE; NOGUEIRA, 1993).

As discussões concernentes à extensão universitária também resultam da dificuldade de sua legitimação na academia, o que passa pela necessidade de sua valoração simbólica, instituída pela prática. Os discursos decorrentes da atividade extensionista defendem-na como atividade universitária, apesar de críticas atreladas

à sua prática marginal. Dois obstáculos destacam-se nesse âmbito: prover o ambiente ideal para implementar as objetivações da extensão e consolidar a extensão como indissociada do ensino e da pesquisa na compreensão dos docentes (SILVA, 2013). De fato, os atores principais da universidade por vezes não assumiram a extensão como legítima, visto que entendem a universidade como instituição ligada principalmente à pesquisa, e ainda não têm percebido a potencialidade da extensão no aspecto construção de conhecimento e realidade (SILVA, 2013).

Como citado anteriormente, a extensão ainda tem suas fronteiras em busca de distinção social, diferentemente do ensino e da pesquisa, práticas muito antigas, com material suficientemente produzido para legitimar sua existência. Desse modo, cabe aos docentes, alunos, atores sociais envolvidos na extensão: documentar, comprovar e comunicar os efeitos desse campo, a fim de reafirmar sua relação teórica e prática com a academia e comunidade, à luz da cientificidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) ressalta no artigo 43 alguns compromissos da instituição superior. Como se vê na Lei n.º 9.394/96, da Educação Superior, itens IV, VI e VII:

IV – Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações e de outras formas de comunicação.

[...]

VI – Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade. Seção de 18 Abril de 2016

VII – Promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (BRASIL, 2005).

Faz-se necessário o reconhecimento da extensão universitária nos limites da própria instituição, como promotora de valores democráticos, ligando o conhecimento do ensino e da pesquisa às demandas da comunidade. No aspecto avaliação, as universidades seguem modelos estabelecidos por fóruns e encontros relacionados às instituições, por exemplo, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (ForProex), para as universidades de ensino superior públicas, e o ForExt (para universidades de ensino superior comunitárias).

Todavia, o ForProex (2001, p. 34) afirma que a metodologia de avaliação estabelecida pela universidade deve ser aplicada de acordo com suas necessidades: “O processo de avaliação, no contexto da autonomia universitária, exige que o modelo a ser implementado em qualquer universidade, seja concebido de acordo com sua realidade e metodologias próprias”. De mesmo modo, o ForExt (UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 2013) afirma: “É preciso enfatizar que a gestão sem planejamento e sem avaliação tende à incoerência, à medida que se desenvolve sem parâmetros e sem o necessário equacionamento entre recursos, necessidades e demandas”. O documento do Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária ainda enfatiza que os critérios para a avaliação da extensão devem estar claros e serem divulgados. Isto é, aplicados baseados nos princípios da democracia, horizontalidade e transparência. Garante que a institucionalidade da extensão permite que as instituições de ensino superior sigam orientações comuns para a avaliação de suas ações, reduzindo a pulverização e diversidade de indicativos, por exemplo.

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes)⁸, em seu documento oficial, propõe um roteiro básico para a avaliação da extensão universitária, bem como de outros campos que permeiam a universidade, que perpassa vários temas relevantes para a área e para a criação de indicativos internos e externos de avaliação da prática extensionista. Quanto aos tópicos desse roteiro, para o âmbito social, podem-se destacar:

- Indicar a concepção de extensão e de intervenção social afirmada no projeto institucional e avaliar a efetividade de instrumentos, órgãos e normas de implantação e acompanhamento das ações.
- Avaliar a participação dos estudantes nas ações de extensão e intervenção social e o impacto disso em sua formação.
- Avaliar os impactos das atividades institucionais de extensão e intervenção social em questões como capacitação profissional de setores da comunidade, criação de postos de trabalhos, efeitos sobre salários.
- Avaliar impactos das atividades da IES na qualidade de vida da população em aspectos como educação, saúde, lazer, cultura, cidadania, solidariedade, criação de organizações econômicas e sociais (SINAES, 2003, p. 122).

⁸ Base do Ministério da Educação que analisa as instituições de ensino superior brasileiras, os respectivos cursos e o desempenho dos alunos.

O roteiro proposto pelo Sinaes direciona a produção de indicadores pela universidade, para a avaliação dos projetos e resultados, de modo que é responsabilidade da instituição aplicar tais orientações. Em aspecto geral, a avaliação da extensão pode englobar, então, três níveis de quesito sistêmico que correlacionam o impacto das ações extensionistas nas camadas/nos grupos/nos agentes sociais em que atua: os processos, as metodologias e os métodos envolvidos na avaliação, além do compromisso da instituição para com a efetivação e a estruturação das atividades extensionistas. O meio de avaliação proposto para as instituições de ensino superior de modo comum tem por finalidade o controle dos projetos desenvolvidos nas universidades, em termos gerais, mas não direciona a mensuração dos resultados de meio qualitativo, ou outro modo relacionado, ao integrante da comunidade, cujo objetivo foi receber algum benefício proveniente da universidade. Em outras palavras, a avaliação é em grande proporção voltada à relação extensão-academia, e não à relação extensão-comunidade. Poucas são as ações que visam compreender o efeito dessas atividades no tocante ao membro da comunidade, por um olhar que considere as especificidades daquele contexto.

Partindo do princípio de que a indissociabilidade é a base para a universidade, também se pode compreender que a visão e a avaliação dos pilares ensino, pesquisa e extensão precisa ser sistêmica, levando em conta suas interdependências, e que o olhar isolado desses campos é senão uma maneira de contrariar a legitimidade das três áreas. Logo, essa relação indissociável precisa ser considerada ao propor qualquer tipo de inovação na orientação de projetos de extensão.

Em 1997 no Fórum Nacional de Extensão Universitária, em Curitiba, estabeleceram-se alguns direcionamentos acerca da aplicabilidade da avaliação no âmbito da extensão. Esse evento fomentava o envolvimento de toda a comunidade acadêmica em um processo avaliativo que considerasse a pesquisa quantitativa e que englobasse os cursos oferecidos pelas instituições e sua responsabilidade social e acadêmica. Ainda em 1997, em Brasília, criou-se uma lista de indicadores por região que serviria para guiar a avaliação pelas universidades, contudo esses indicadores contemplavam em geral quesitos quantitativos, como número de projetos, público, número de eventos realizados (FORPROEX, 2001)⁹.

⁹ Esse evento ocorreu antes da fundação do ForExt (1999), de modo que o ForProex possui influência em grande parte das publicações existentes. Logo, mesmo sendo um fórum para universidades públicas, tornou-se referência para outras produções e publicações.

A avaliação quantitativa é, aparentemente, coerente do ponto de vista regulamentador das atividades extensionistas. Ela controla sua evolução, a necessidade de recursos, mensura resultados acadêmicos etc., porém o agente atingido por essas ações é colocado em segundo plano, o que pode sequenciar uma avaliação insuficiente, partindo do princípio de não levar em conta o impacto da extensão universitária em sua totalidade, ou seja, social, cultural e histórica. Não que isso signifique o sucesso da extensão. Pelo contrário, os efeitos dos processos de capacitação (nesse caso, dos projetos ora investigados) podem ser os mais variados, se pensarmos que são influenciados por características relevantes ao campo, ao *habitus* e ao capital simbólico. Todavia, a observação sistêmica dessa relação academia-comunidade tende a ser mais efetiva para a evolução consciente e orientada desses projetos. Afinal, considera ambos os lados do processo de aprendizagem pela extensão: os atores da academia e os atores da comunidade.

De qualquer forma, para o ForProex (2001), a pesquisa deve ser integrada, no aspecto academia-população, e estar sistemicamente ligada aos grandes problemas da humanidade, destacando a sociedade como participativa, sujeitos de um mesmo estudo, para além de um espectador isolado.

Por esses dois enfoques, observa-se que alguns documentos consideram a visão integrada da análise (agente-sociedade-academia), enquanto outros propõem a análise parcialmente isolada (sociedade-academia). Com base nas documentações encontradas, percebe-se evolução na concepção de “metodologia avaliativa”: os arquivos mais recentes indicam a avaliação sistêmica da extensão universitária, analisando também aspectos qualitativos. Os documentos mais antigos, relacionados à extensão universitária, ressaltam regulamentações avaliativas voltadas à academia, suas práticas e produções científicas, isolando as questões sociais a outros meios de análise e mensuração.

De acordo com ForProex (2001), é responsabilidade da academia definir indicadores diagnósticos para a extensão universitária, por conta do risco eminente de que suas ações continuem marginalizadas nos processos de avaliação na universidade, resultado da ausência de medição.

O ForExt, em seu documento acerca da extensão nas universidades de ensino superior, apresenta uma visão mais recente, que discute a necessidade da avaliação qualitativa:

O método da avaliação é importante para garantir um mínimo de eficácia ao trabalho e, quanto mais objetivo for, mais úteis e legítimos tendem a ser seus resultados. Em qualquer tipo de avaliação, é de fundamental importância a coleta e a organização de informações, que devem ser suficientes e adequadas se pretendem alcançar certa objetividade e precisão no processo de avaliação. Vale considerar que a avaliação de projetos ou programas sociais está imersa em três grandes modelos ou três formas de perceber o processo da avaliação:

- a) a avaliação com base nas metas estabelecidas, para saber se os programas/projetos estão atingindo os objetivos propostos;
- b) a avaliação com base no processo, onde se analisam as potencialidades, as limitações e funcionamento dos programas/projetos;
- c) a avaliação com base nos resultados obtidos, quando se identifica o benefício para o público-alvo (UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 2013, p. 53).

No item c apresentado pelo ForExt, prevalece o agente, citado como público-alvo. Vê-se a necessidade de acompanhar o indivíduo impactado. Não se descreve em quais níveis devem ser feitos esses acompanhamentos, mas apresenta o “benefício para o público-alvo” como aspecto essencial para a avaliação da atividade extensionista.

O documento do ForExt (UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 2013) também discorre a respeito dos resultados a longo prazo, preocupa-se com a avaliação consciente, diagnostica que alguns impactos com o advento da extensão precisam de tempo de “maturação”, o que conseqüentemente carece de tipos de avaliação distintos e/ou personalizados. Ainda discute que, para o “monitoramento e avaliação de programas e projetos de extensão, a participação dos beneficiários introduz novos elementos de análise dos processos (implementação/análise de desempenho) e dos resultados e impactos da intervenção da [instituições de ensino superior] IES” (UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 2013, p. 52).

Entende-se que o processo de avaliação aplicado, quando levados em conta os agentes envolvidos na totalidade da ação extensionista (integrante da academia e agente beneficiado), possibilita uma evolução mais consciente dos projetos de extensão, visto que os resultados mensurados contemplam as características principais da extensão: pesquisa, ensino e sociedade. Desse modo, a avaliação estará considerando a aplicação do projeto, seu sucesso nesse quesito, mas também outro fator relevante, acerca do potencial de transformação social promovido pelo projeto.

Pode-se estimular o exercício democrático da universidade por meio mais assertivo, seguro de resultados a longo e curto prazos, nos âmbitos acadêmico e social.

2.2 PROJETOS DE EXTENSÃO FUNDADOS NOS SABERES DO *DESIGN*

Neste capítulo, apresentam-se projetos de extensão universitária que objetivam a capacitação por meio dos saberes do *design*. Eles estão alocados nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Os grupos foram selecionados baseando-se em suas similaridades e por contexto aproximado¹⁰ aplicado. Os projetos citados fazem parte da amostra de estudo da referente investigação. Abordam-se os projetos de extensão universitária: SempreViva (Univille), Moda em Produção (Feevale), Mulheres do Bairro (Univali) e ProModa (UCS). Esses são todos os projetos encontrados em publicações e materiais acadêmicos alocados nos referidos estados, provenientes de universidades comunitárias que seguem os sistemas de ensino Associação Catarinense das Fundações Educacionais (Acafe) (em Santa Catarina) e Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (Comung) (no Rio Grande do Sul), articuladas à câmara sul de extensão e ao ForExt.

O material exibido nos tópicos a seguir provém de publicações feitas por acadêmicos e docentes pertencentes a esses projetos, também de reportagens e *sites* respectivos e por meio de pesquisa aplicada no processo metodológico. Consideram-se relevantes todas as informações divulgadas pelos grupos, tornando-se material para estudo e compreensão do processo de capacitação aplicado aos agentes envolvidos, bem como sua articulação com a extensão universitária, afinal, opta-se por uma pesquisa que considere o homem em seu contexto, assim como Freire (1983 p. 17) defende: “Por outro lado, o homem, que não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um ‘ser-em-situação’, é também um ser do trabalho e da transformação do mundo. O homem é um ser da ‘práxis’; da ação e da reflexão”.

¹⁰ Nesse caso, consideram-se “contexto aproximado” as características socioeconômicas em que os projetos estão aplicados, que estão também atreladas à posição geográfica dos consecutivos estados, ao perfil produtivo principalmente industrial, bem como às particularidades culturais, provenientes das colonizações italiana e alemã.

2.2.1 Projeto de Extensão SempreViva – Joinville/Univille

O projeto de extensão universitária SempreViva (figura 2), desenvolvido pelo Departamento de Design da Univille, efetiva-se mediante parceria entre a universidade e a Secretaria de Assistência Social de Joinville (SAS), com apoio de empresas patrocinadoras alocadas na região catarinense. Em sua proposta, evidencia-se a intenção de capacitar integrantes da comunidade cadastradas e encaminhadas pela SAS, por meio do acesso a práticas e teorias provenientes do *design*, visando à geração de trabalho e renda (SEMPREFLOR, 2016).



Figura 2 – Marca do Projeto SempreViva

Fonte: adaptado da página virtual do Projeto SempreViva, 2016

O projeto mantém-se ativo desde 2007, com turmas anuais formadas com 25 a 30 integrantes, todas mulheres de idade entre 18 e 55 anos, com renda de até meio salário-mínimo (*per capita*), com baixa escolaridade e sem qualificação profissional. O curso é composto de oficinas (figura 3) com diversas temáticas que contemplam em sua metodologia os itens: serigrafia, modelagem, costura, *patchwork*, projeto de programação visual, projeto de produto e administração.

Além dos conhecimentos repassados, o projeto propõe a valorização do conhecimento tácito, da produção artesanal regional e a relação social recíproca entre o *design* e o artesanato. Ele ainda se preocupa em, após a capacitação, congrega algumas das remanescentes do SempreViva em um novo grupo, intitulado AmaViva, cujo objetivo é produzir, no meio associado, para feiras, eventos e demandas do mercado regional. Não são todas as integrantes capacitadas que ingressam no AmaViva, somente aquelas que sentem necessidade de continuar pertencendo a um grupo (LORENZI, 2015; PROJETO DE EXTENSÃO SEMPREVIVA – UNIVILLE, 2016; SEMPREFLOR, 2016).



A



B



C



D

Figura 3 – Atividades e oficinas do Projeto SempreViva
 Fonte: adaptado da página virtual do Projeto SempreViva, 2016

O SempreViva é um projeto de extensão articulador. Ao seu entorno, existem outras iniciativas vinculadas à graduação e pós-graduação *stricto sensu*, tornando-o um laboratório de vivências e práticas entre alunos, comunidade e corpo docente. Faz parte dos objetivos do projeto estimular a produção de conhecimento também interna, por alunos e docentes. Podem-se citar vários projetos de iniciação científica e investigações de mestrado que se relacionam e interferem nas atividades do grupo de extensão. Até o momento, seis trabalhos de conclusão de curso (TCC) desdobraram suas atividades em parceria com o SempreViva, nove pesquisas de iniciação científica foram desenvolvidas nesse grupo de extensão universitária e três investigações de mestrado tiveram o projeto como objeto de estudo ou coadjuvante (MORGENSTERN, 2016; MORGENSTERN *et al.*, 2012).

O projeto de extensão SempreViva possui uma longa trajetória. De início, intitulava-se Girassol e buscava explorar a gravura, com base em oficinas de técnicas de serigrafia e colagem. No ano de 2007, o projeto estimulou mulheres, mediante a

geração de ocupação produtiva e renda. Foi com os resultados e a busca constante por melhorias que o nome SempreViva surgiu, um projeto de extensão interdisciplinar apoiado por professores do Departamento de Design, Administração e Artes. Gradativamente, novas oficinas foram sendo empregadas no processo de capacitação, considerando diferentes técnicas voltadas para as práticas do *design*. Aulas teóricas também foram adicionadas ao curso, promovendo conscientização ambiental, habilidade de projetar produtos inovadores, pensar em mercado, público-alvo, estratégias de venda etc. (MORGENSTERN, 2016; MORGENSTERN *et al.*, 2012).

Em 2009, o grupo de professores/coordenadores/bolsistas percebeu a necessidade de criar um novo projeto, que congregasse aquelas mulheres que não se sentiam prontas para desvincular-se do SempreViva e queriam seguir produzindo. O AmaViva foi desenvolvido com o SempreViva, como uma extensão do processo de capacitação cujos objetivos eram a produção e comercialização de produtos de forma associada. Com o passar dos anos, o AmaViva também aplicou oficinas para as integrantes, buscando aperfeiçoamento contínuo (MORGENSTERN, 2016; SEMPREFLOR, 2016).



Figura 4 – Marca do Projeto AmaViva

Fonte: adaptado da página virtual da marca SempreFlor, 2016

Nos anos de 2009 e 2010, o grupo de apoio aos projetos de extensão citados intentou valorizar e aumentar a visibilidade do AmaViva e SempreViva por meio do *design*. Com auxílio de bolsistas e voluntários da graduação, traçou-se uma estratégia de desenvolvimento de identidade visual e delineamento de conceitos atrelados a planejamento estratégico de marca. Nesse processo colaborativo, as mulheres dos projetos, alunos e professores definiram um nome, um desenho gráfico para a marca

e possíveis aplicações da identidade visual. SempreFlor é atualmente a marca dos produtos desenvolvidos e comercializados pelo SempreViva e AmaViva (MORGENSTERN *et al.*, 2012; SEMPREFLOR, 2016).



Figura 5 – Marca SempreFlor: produtos dos projetos AmaViva e SempreViva
Fonte: adaptado da página virtual da marca SempreFlor, 2016

O projeto SempreViva, objeto de estudo desta investigação, possui sua metodologia baseada em um processo colaborativo e híbrido¹¹ de aprendizagem, considera conhecimentos teóricos (provenientes da academia) e conhecimentos artesanais (resultado da cultura local, da influência colonial e da bagagem pessoal das integrantes). Preocupa-se em absorver as integrantes do SempreViva que não possuem segurança em continuar por uma produção independente, ou tradicionalmente profissional, oferecendo a oportunidade de colaborativismo e produção associada, por meio do AmaViva.

2.2.2 Projeto de Extensão Moda em Produção – Novo Hamburgo/Feevale

O segundo projeto investigado, denominado Moda em Produção, foi fundado em 2008 pela Universidade Feevale, em Novo Hamburgo (RS), parte da premissa de

¹¹ Proveniente do termo “hibridismo cultural”, conceituado por Néstor Canclini (2013). Trata-se do processo em que estruturas discretas (não puras, já resultantes de hibridações) se relacionam e conseqüentemente resultam em uma nova estrutura (culturas, práticas, objetos etc.), sendo considerada híbrida.

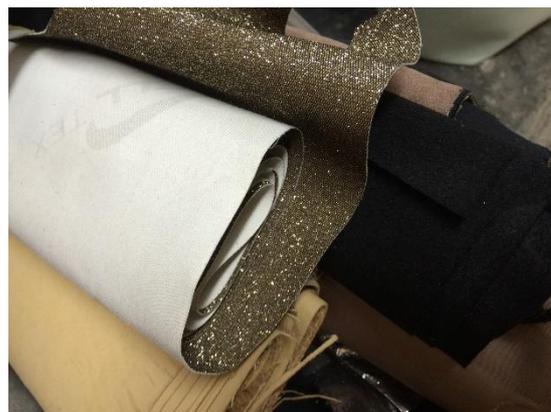
que uma universidade precisa contribuir para o desenvolvimento regional, disseminando o conhecimento produzido. Tem por objetivo capacitar mulheres entre 20 e 70 anos congregadas de bairros em situação de risco e/ou vulnerabilidade social, unindo práticas de artesanato e conhecimentos técnicos e teóricos do *design* de moda¹².

O projeto trabalha com o aproveitamento de resíduos da indústria da região, promovendo a consciência ambiental. O Rio Grande do Sul é um referente produtor de calçados nacionais. Desse modo, os principais resíduos (figura 6) provenientes dessas indústrias são: couro, lonas sintéticas e vinílicas, tecidos resistentes, *courvin*, corano etc., além de outros materiais atrelados às tendências de moda e sazonalidade. O projeto busca, portanto, estimular a socialização e o trabalho em equipe, visando melhorar a qualidade de vida das integrantes. Mais de 250 mulheres já receberam a capacitação do Moda em Produção. Ainda, ele propõe que a capacitação seja emancipadora, para que as agentes possam continuar a gerar renda sem estar vinculadas ao projeto. Pretende disseminar o *design* por meio de suas ações, com vistas à formação qualificada, à atualização para o trabalho, ao exercício de cidadania e da geração de renda (CEZAR, 2010; 2016).

¹² Nesta investigação, consideram-se o *design* e suas variações como parte de um mesmo campo, o campo artístico, seguindo as concepções de Bourdieu (2008; 2011) e Morgenstern e Cipiniuk (2011).



A



B



C



D

Figura 6 – Resíduos industriais: doações de empresas calçadistas gaúchas
Fonte: Primária, 2016

Os encontros do projeto são semanais, e sua metodologia inclui oficinas como técnicas de corte, costura, modelagem, artesanato e customização, princípios de organização de produção, qualidade e empreendedorismo. Tais oficinas são ministradas pela interdisciplinaridade dos cursos de Design, Design de Moda e Tecnologia e Psicologia da Feevale, contando com docentes e alunos para o suporte do projeto. A prefeitura da região oferece um espaço onde as atividades são executadas, um galpão conhecido por Fábrica da Cidadania (figura 7), porém uma vez ao mês a Feevale abre as portas de seus laboratórios e as oficinas (figura 8) são ministradas dentro da universidade, com o intuito de aproximar a comunidade do ambiente universitário (CEZAR, 2010; 2016).



Figura 7 – Fábrica da Cidadania: sede das atividades do Moda em Produção
Fonte: Primária (2016)



A



B



C

Figura 8 – Oficinas do Projeto Moda em Produção
Fonte: CEZAR, 2010; Primária, 2016

Em 2016, o referido projeto foi relançado com o título Recosturas da Moda, porém manteve as bases do Moda em Produção, aperfeiçoando e evoluindo diversos aspectos relacionados à metodologia de capacitação e ao comportamento sustentável. Nesse sentido, o projeto efetiva-se em dois encontros semanais: o primeiro, para o planejamento, que envolve os alunos (voluntários e bolsistas) e professores e é quando os materiais recebidos são avaliados e propostos para uso em produtos; e o segundo encontro, com as agentes “capacitantes”, para aplicação do processo de aprendizagem e relacionamento academia-comunidade. O projeto, em sua nova versão, também visa

melhorar o aproveitamento de recursos têxteis descartados, por meio de geração de alternativas sustentáveis de desenvolvimento de produtos, em parceria com órgãos institucionais e empresas da região, bem como, atuar em conjunto com iniciativas acadêmicas, tais como disciplinas e projetos de pesquisa (CEZAR, 2016).

O Moda em Produção/Recosturas da Moda intenta aperfeiçoar as perspectivas da comunidade em estado de vulnerabilidade social atrelada ao projeto, com base na autonomia social e no incremento financeiro, ancorados na ótica sustentável. É, além disso, um ambiente de vivências para os acadêmicos, estimulando a produção científica conectada à extensão universitária (CEZAR, 2010; 2016).

O projeto está pautado em justificativas relevantes para a região do Rio Grande do Sul, principalmente quanto ao objetivo de minimizar os danos causados pelos resíduos provenientes das indústrias de moda e calçados. Por meio das metodologias utilizadas nas capacitações, incluindo etapas projetuais e de criatividade, propõe-se amenizar essa situação com alternativas de produtos, técnicas e teorias disseminadas, em vistas a conscientizar as beneficiárias dos projetos, seus familiares, as entidades e indústrias relacionadas. Essas concepções estão associadas à grande quantidade de resíduos que o curso de Moda e outros cursos da Feevale recebem constantemente e justificam-se com base no histórico do projeto. Não há, comumente, orientação para que esses resíduos deixem de ser lixo e sejam produtos úteis (CEZAR; KOCH, 2016).

O Recosturas da Moda ainda se responsabiliza por gerar alternativas que impactem também as entidades parceiras. No ano de 2016, o projeto elaborou *ecobags* (figura 9) a serem entregues aos palestrantes, aos inscitos, aos mediadores

e à comissão de apoio do 11.º Moda Insights¹³. A atividade teve sua relevância na articulação de diversos setores da instituição, com alunos, com o evento e com as mulheres integrantes do grupo selecionadas para a função, estimulando a autonomia, o engajamento e a vivência profissional.



A



B



C



D

Figura 9 – Ecobags produzidas pelo Projeto Recosturas da Moda para o 11.º Moda Insights
Fonte: CEZAR; KOCH, 2016

O Moda em Produção/Recosturas da Moda promove, anualmente, a capacitação de mulheres não apenas no âmbito profissional, mas no nível de conscientização para o comportamento sustentável. Oportuniza a relação direta entre os acadêmicos e os beneficiários, visto que são aqueles os principais veículos para a transmissão de conhecimento durante as oficinas. Por fim, legitima suas ações a fim de promover melhorias no aspecto social da comunidade, incluindo a transformação da capacitação tecnológica e laboral.

¹³ Mais informações em: <<http://www.feevale.br/ensino/cursos-e-eventos/modainsights>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

2.2.3 Projeto de Extensão Mulheres do Bairro – Itajaí/Univali

O Projeto Mulheres do Bairro faz parte da extensão universitária da Univali, *campus* Balneário Camboriú. Criado em 2007, propõe a capacitação de mulheres jovens, adultas e idosas, por meio de práticas e teorias do *design* de moda e do vestuário, com vistas a orientá-las para a inserção no mercado de trabalho atrelado à moda. Baseia-se na compreensão de que a capacitação pode ser a engrenagem de mudança social e geração de trabalho e renda desde que o agente envolvido tenha como pré-requisito a vontade de aprender. Os encontros ocorrem duas vezes por semana, nas imediações da universidade, incluindo laboratórios de costura e modelagem. As oficinas (figura 10) contemplam conhecimentos relacionados a modelagem, corte e costura, ergonomia, tecidos etc. e buscam o aperfeiçoamento profissional das integrantes, resultando em inclusão social e numa sociedade mais democrática. O público-alvo do curso compreende cerca de 40 mulheres de baixa renda da comunidade local ou de municípios próximos (CABRAL, 2016; SELO SOCIAL/INSTITUTO ABAÇAÍ, 2015).



A



B



C



D

Figura 10 – Oficinas do Projeto Mulheres do Bairro
Fonte: CABRAL, 2017; SELO SOCIAL/INSTITUTO ABAÇAÍ, 2015

O Mulheres do Bairro justifica sua relevância na proposição de melhorar o desenvolvimento das comunidades atreladas à universidade, intenta tornar o conhecimento acessível a essas mulheres, em vistas a aumentar a participação social, bem como o protagonismo e a autonomia delas como cidadãs. Com apoio do Centro de Referência da Assistência Social (Cras) de Balneário Camboriú (SC), as agentes integrantes do projeto são recebidas semanalmente no Laboratório de Modelagem e Vestuário (Lamov), da universidade. Lá são ministradas as oficinas práticas e teóricas, contemplando temáticas como: ergonomia, modelagem, costura, características de tecidos, reaproveitamento têxtil, customização. A relação do *design* nas capacitações pode ser percebida nos produtos finais do projeto, e a relação de materiais, cores, formas é visível nas fotografias (figura 11) em estúdio fotográfico resultantes de cada turma encerrada (CABRAL, 2017).



Figura 11 – Seção fotográfica de encerramento de turma do Projeto Mulheres do Bairro
Fonte: CABRAL, 2017

2.2.4 Projeto de Extensão ProModa – Caxias do Sul/UCS

O Projeto ProModa é fruto de parcerias entre *designers* e artesãos e ocorre em Caxias do Sul (RS), onde sempre foi percebida rica produção artesanal oriunda da influência da colonização italiana. O projeto é produto do esforço da UCS e dos artesãos da região. De Carli (2012) cita que muitas carências para o artesanato da serra gaúcha podem ser supridas com o envolvimento de projetos que permeiem conhecimentos de *design* de moda:

Desta forma, a universidade pode e deve ser a mediadora de encontros entre o fazer artesanal, com seus valores afetivos e emocionais tão desejados pelo consumidor atual, e a moda pelas novidades e pelo primor estético [...]. É necessário ainda lembrar que a relação com o artesão, em oficinas e cursos, não comporta imposições, é importante incentivar o clima de trocas de conhecimentos e respeito mútuo, reconhecendo os valores particulares no trabalho coletivo (DE CARLI, 2012, p. 95).

Em parceria com a Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do estado do Rio Grande do Sul, o projeto caminha com sucesso desde 2010, tendo como objetivo principal incluir o artesanato como valor agregado aliado a produtos de moda e *design*, por meio de oficinas com as integrantes. A capacitação teórica é feita em encontros que debatem temas acerca da identidade cultural da região, do aprimoramento estético, do estado da arte do artesanato na moda e vice-versa, do empreendedorismo, do trabalho em equipe, do associativismo e do cooperativismo. A capacitação prática é feita abordando-se os seguintes temas: pesquisa de tendência; tema de coleção, materiais e cores; estudo e aplicação das especialidades artesanais dos participantes; quadro de coleção; ficha técnica; formação de custo e preço de venda; execução de protótipos e validação em mostras ou desfiles (DE CARLI; PERETTI, 2013).

O projeto ainda conta com o apoio de profissionais do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e de uma assistente social. O resultado positivo atingido pelo ProModa foi a iniciativa de parte das integrantes de formar uma associação intitulada Damas & Tramas (figura 12). Por intermédio do projeto, tais mulheres perceberam a similaridade de suas vivências e expectativas profissionais, o que culminou no empoderamento delas. O surgimento da associação objetivou promover e disseminar, mediante o próprio trabalho, o artesanato da região, baseado

em rendas, tramas e bordados, conhecimentos herdados dos imigrantes. Além disso, as participantes da associação fizeram um curso de extensão chamado Aprendendo a Ensinar: Artesanato como Preservação e Fonte de Renda, cujo objetivo foi prepará-las para ser professoras de seus saberes, disseminando o conhecimento adquirido (DE CARLI; PERETTI, 2013).



Figura 12 – Associação Damas & Tramas – Projeto ProModa
Fonte: DAMAS E TRAMAS, 2017

Atualmente, o Projeto ProModa não está mais em execução, nem possui mais vínculo legal com a área de extensão universitária da UCS, porém continua presente em trabalhos desenvolvidos em parceria com alunos (figura 13), professores e eventos, promovendo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Tem-se como seu resultado e continuidade a Associação Damas & Tramas, em que as remanescentes do projeto permanecem produzindo novos produtos (figura 14) e conhecimentos, visto que a forte influência cultural presente na cidade estimulou a disseminação de técnicas manuais que são constantemente socializadas entre as integrantes. Além do conhecimento tácito, a relação comumente mantida com alunos do curso de Design de Moda da UCS é uma forma de oxigenar o processo criativo das agentes.

A associação também se faz presente em eventos, feiras e ações do município, em vistas a expandir seu mercado e fixar marca. Como associação, possui a missão de “desenvolver ações conjuntas para fortalecer as associadas, por meio de um

trabalho diferenciado, resgatando e inovando o artesanato regional” (DE CARLI, 2016; DAMAS E TRAMAS, 2017), e seus objetivos são “resgatar a herança cultural do artesanato e inovar com a interação do *design*. Valorizar e formalizar o mercado de atuação das artesãs” (DE CARLI, 2016; DAMAS E TRAMAS, 2017).



Figura 13 – Produto da Associação Damas & Tramas para trabalho de conclusão de curso da aluna Roberta Bonatto
Fonte: DAMAS E TRAMAS, 2017



A



B



C



D

Figura 14 – Produtos da Associação Damas & Tramas
 Fonte: DAMAS E TRAMAS, 2017

A associação é norteadora pela ideia de economia criativa, com ênfase em reconhecimento profissional e geração de renda. Para tal, continua seu desenvolvimento suportado pelo Programa Redes de Cooperação da UCS, que direciona ao aprimoramento da gestão produtiva. Sua meta apresenta a intenção de “atingir maior competitividade, lucratividade e eficiência no mercado do artesanato” (DAMAS E TRAMAS, 2017).

Os quatro projetos de extensão detalhados aqui buscam promover capacitação por meio do *design*, melhorando a qualidade de vida e aumentando a qualificação profissional das integrantes. Entende-se que o *design* é aplicado como transformador social, com vistas a possibilitar a evolução pessoal e contextual das agentes. Todavia, os projetos compreendem resultados imediatos ou de curto prazo, promovidos por

suas capacitações. Desse modo, questiona-se o impacto a longo prazo da transformação pelo *design*.

O próximo capítulo descreve os conceitos-chave de Bourdieu referentes ao campo, *habitus* e capital simbólico, base teórica considerada para a compreensão de efeitos dos projetos citados, fazendo-se necessário descrevê-los para a análise dos grupos de extensão universitária.

2.3 APORTE TEORÉTICO: MÉTODO E CONCEITOS

Nesta investigação, intenciona-se analisar sociologicamente as relações dispostas no tocante à capacitação permeada pelo *design* na extensão universitária empregada na comunidade que contempla as universidades. No intuito de aplicar a abordagem social considerando aspectos extraestéticos do objeto de estudo, ou seja, o contexto cultural, social, histórico, sopesando as produções dos grupos de agentes capacitadas como integrantes de uma economia de bens simbólicos, apresenta-se, na sequência, um estudo da teoria dos sistemas simbólicos de Pierre Bourdieu, a fim de se apropriar do método¹⁴ do teórico.

A tese de Bourdieu fundamenta-se na aplicabilidade da teoria à prática, levando-se em conta o contexto sociocultural em que se desenvolve a pesquisa. Para a comprovação do estudo científico gerado, é necessário obter sua validação prática. Dessa forma, o estudo não se detém a produções teóricas já definidas, e sim à relação inerente da teoria sugerida e reflexionada e à realidade aplicada. Afinal, Bourdieu (2008, p. 15) justifica: “Não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica”.

O método de Bourdieu ancora-se nos três conceitos-chave de sua teoria: campo, *habitus* e capital simbólico. Propõe-se, portanto, que a análise desses conceitos de dinâmica social seja sistêmica. Ou seja, tais dinâmicas ocorrem alocadas em um campo, o qual possui propriedades particulares e é delimitado pelos efeitos

¹⁴ A exemplo de Gadamer (1999), destaca-se a relevância do método em buscar a amplitude de compreensão. O método é aqui entendido não como o passo a passo (ações/procedimentos metodológicos), mas enquanto definidor de conceitos fundamentais que direcionam a pesquisa fazendo-se aplicáveis na prática, considerando o contexto específico em que se aplica a investigação.

que estão atrelados ao seu exercício, e os agentes integrantes desse espaço social possuem práticas similares, compartilhando gostos e comportamentos denominados de *habitus*. O campo também se constitui pelo capital simbólico que lhe é coerido. Os agentes estão vulneráveis a forças e lutas resultantes de sua posição social e de seu interesse em capital simbólico, porém o que afere a conduta do agente no meio social é a posição dele na estrutura de relações. Dessa maneira, o *habitus* construído por meio das lutas entre esses indivíduos e grupos determina as respectivas posições no campo, e essas posições também influem em seu *habitus*. Tais estruturas são mais bem compreendidas por intermédio da prática (CHERQUES, 2006).

Com encaixo no método de Bourdieu, quis-se analisar a relação sistêmica entre as estruturas sociais, alvitando o desdobramento das três dimensões da dinâmica social – campo, *habitus* e capital simbólico –, com o intuito de contemplar as influências no comportamento/na conduta dos agentes.

Os agentes envolvidos no processo são considerados mediante suas práticas no campo, não sendo contemplados como indivíduos, pois se localizam no campo estruturado, porém constituem-se como força estruturante, não se comportam isoladamente no meio social, mas contribuem na constituição cultural do *habitus*, que, por sua vez, busca equilibrar-se, regenerar-se e reproduzir-se. Os agentes percebem, agem e tomam decisões conforme as delimitações dadas pela dinâmica social do campo e da posição que nele ocupam (BOURDIEU, 2008; CHERQUES, 2006).

As integrantes dos projetos ora investigados são posicionadas em seu espaço social como agentes¹⁵, visto que fazem parte dos conflitos gerados em luta pelo capital simbólico, buscam estabelecer-se no campo artístico¹⁶ e são influenciadas pelo *habitus* instituído nesse sistema social de disposições.

Os subcapítulos a seguir discorrem acerca dos três conceitos de Bourdieu: campo, *habitus* e capital simbólico. A contextualização de tais pontos faz-se necessária para que sejam introduzidos nas considerações analíticas desta investigação.

¹⁵ Essa reflexão é resultado da compreensão das informações dispostas nos *sites* dos grupos produtores, bem como nos artigos e publicações de Cabral (2016), Cezar (2010), De Carli e Peretti (2013), Lorenzi (2015) e Mello *et al.* (2011).

¹⁶ Considera-se, segundo Morgenstern e Cipiniuk (2011), que o campo artístico contempla, teoricamente, a arte e o *design* e se configura como um sistema estruturado e estruturante, influenciando as práticas dos agentes nele envolvidos.

2.3.1 Campo

O conceito de campo provém de uma abordagem social e faz parte do arcabouço teórico aplicado nesta investigação, visando respostas sociológicas ao contexto em que os projetos de extensão fundados no *design* estão inseridos.

Campo, de acordo com Bourdieu (2008; 2011), configura-se em um espaço social em que as dinâmicas práticas ocorrem. É uma estrutura pró-hegemonia, pois dita regras e instiga os agentes nela inseridos a possuírem o mesmo *habitus*, compartilharem gostos e comportamentos semelhantes. Nessa dinâmica social o capital simbólico é distribuído e disputado. O campo possui propriedades particulares, uma lógica social própria estruturada e estruturante, porém não é imutável; sofre influência dos agentes envolvidos e dos conflitos simbólicos inerentes. O autor apresenta o conceito de campo como estrutura social indispensável (composta de leis praticamente autônomas) e relacional para a condição de um sujeito/agente (BOURDIEU, 2008; 2011).

O campo é relativamente autônomo, pois possui suas particularidades e seu sistema de regras. Apesar de poder ser influenciado por outros campos, têm-se como exemplo o “político” e o “econômico”, o que significa que não necessariamente o capital simbólico de um espaço social é o mesmo de outro espaço social. A lógica de um campo é irreduzível à do outro, mas não que isso não possa ser mudado com o tempo. Campos não são inflexíveis; são, em si, produto das relações de força e lutas dispostas em sua dinâmica (CHERQUES, 2006; BOURDIEU, 2008). Assim, Cherques (2006, p. 36) afirma: “O que determina a existência de um campo e demarca os seus limites são os interesses específicos, os investimentos econômicos e psicológicos que ele solicita a agentes dotados de um *habitus* e as instituições nele inseridas”.

Portanto, a teoria dos campos busca entender os aspectos gerais presentes em outros campos que possibilitem conectá-los, contextualizá-los e compreendê-los, para refletir acerca das ações e predileções individuais, que vão além do espontâneo para o inconsciente determinado pelo campo em que são concebidos. Por conseguinte, a relação entre o campo (estrutura objetiva) e o *habitus* (estrutura subjetiva) é interdependente (SCARTEZINI, 2011).

Consegue-se compreender que o campo por si só equivale ao contexto em que se relaciona um agente. Esse contexto direciona e manipula escolhas e ações. Trata-se de uma estrutura corroborante ao *habitus*. Pode-se exemplificar tal teoria pela concepção de Janet Wolff (1982), quando assegura que as obras de um artista são resultado também do ambiente em que se inserem; não são concebidas por um dom sobrenatural, mas principalmente produto de um contexto, traduzido por um agente, aplicado ao campo artístico e relacionado a diferentes características deste, econômicas, sociais, políticas etc. Sabrá (2015), em sua tese, discorre sobre os agentes da cadeia têxtil, aborda o comportamento do consumidor, afirmando que a ânsia pelo consumo de um objeto não está apenas no ímpeto do sujeito, mas também nas “instâncias sociais” que o influenciam, e nesse aspecto inclui-se também a busca por um valor simbólico.

Conforme Bourdieu (1983), a posição do agente no campo depende de forças e lutas baseadas em interesses. O que corresponde ou não a ele (as ações que pode ou não efetuar) é determinado pela chamada estrutura de relações objetivas. Ou seja, para entender a posição de um agente, é necessário identificar sua posição em determinado campo social, por um histórico ou pela prática no presente, e é de acordo com o capital simbólico que tais agentes verificam que sua posição é solidificada na estrutura social.

Nesse ponto, a investigação levanta uma indagação acerca da posição das mulheres integrantes dos grupos de extensão: constituiu-se, historicamente, uma herança patriarcal, que repercute na sociedade atual, influenciando nas condições de acúmulo de capital simbólico? Por esses moldes, a pesquisa também propõe questionar a respeito da violência simbólica, com base em informações coletadas na etapa metodológica, o que facilitará situar as agentes em um campo aplicado, bem como definir o *habitus* instituído que se mantém recorrente, além das características sociais herdadas.

Considerar o campo faz-se necessário para analisar as práticas das agentes intrínsecas ao *habitus* e ao capital simbólico, tornando-se relevante estudar a totalidade de elementos relacionáveis a essas estruturas sociais. Afinal, entende-se que esses aspectos são interdependentes, já que a dinâmica social é formada pelas estruturas que a compõem e são inerentes a elas. Não se podem analisar as práticas da extensão universitária sem considerar os diversos agentes nela envolvidos, assim como, para analisar os efeitos resultantes da capacitação na realidade das agentes,

é preciso levar em conta *habitus*, campo e capital simbólico correspondente, além de levantar as características que comportam os projetos de extensão e os agentes nele envolvidos, para então propor nortes coerentes com as relações sociais dispostas no referido contexto.

2.3.2 *Habitus*

O *habitus*, como já se anunciou no subtítulo anteriormente apresentado, está ligado às práticas individuais e coletivas em um campo e posiciona-se de modo interdependente. Para a investigação proposta, é necessária a reflexão sobre o sistema que compreende essa estrutura social. Intenciona-se aqui que as práticas extensionistas, pensadas pela capacitação fundada no *design*, sejam legitimadas por conta da hipótese de que contemplam uma mudança no *habitus* das agentes envolvidas.

Esse conceito de Bourdieu demonstra a relação entre o comportamento do agente (práticas e ações semelhantes ao grupo) e as características condicionadas pela dinâmica social do campo. O autor define o termo *habitus* como um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2005, p. 191). Wacquant (2009, p. 66) também esclarece o conceito:

O modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente.

É importante ressaltar que o termo aqui referido, baseado integralmente na concepção de Bourdieu, se difere de termos similares como hábito, costume, tradição etc. O conceito denominado de *habitus* permeia a estrutura e a ação social, como um sistema dinâmico gerador de práticas e representações atrelado a uma condição existencial do agente. O *habitus* classifica, condiciona e organiza essas relações, mas

também é condicionado pelo campo. É obtido por meio da relação do agente com o espaço social (CHERQUES, 2006).

Entende-se que o *habitus* está presente nos gostos, escolhas, opiniões e comportamento dos agentes, sem que estes precisem ser conscientes de tal condição. Porém, sem influência, os agentes inseridos estão propensos a manterem-se sem mudanças em seus *habitus*, conforme propõe a teoria. Essa reflexão direciona a investigação a cruzar a teoria com a prática das agentes integrantes aos projetos de extensão fundados no *design*, intencionando a intervenção do *design* na estrutura subjetiva incorporada. Busca-se averiguar a relação entre os objetivos dos projetos de extensão universitária e seus ganhos para com a mudança do *habitus* das agentes. Nesse caso, considera-se a hipótese de uma evolução no âmbito da aprendizagem, da renda familiar ou da realização profissional.

O *habitus* não é totalmente sólido; ele agrega conhecimento ao decorrer do tempo, além de ser influenciado pela tendência criativa/ativa/inventiva do agente, resultado de um sujeito real, construtor e em movimento. Também é resultado de experiências pluralizadas de indivíduos e grupos, processos e estímulos não necessariamente homogêneos. É uma dinâmica de ação, apropriação e percepção validada às circunstâncias de um campo. Está relacionado a estruturas objetivas e subjetivas (BOURDIEU, 2011; SCARTEZINI, 2011). Para Setton (2002, p. 64), também é “um sistema de disposição construído continuamente, aberto e constantemente sujeito a novas experiências, [...] um estoque de disposições incorporadas, mas postas em prática a partir de estímulos conjunturais de um campo”.

Desse modo, o *habitus* está intrínseco no agente:

Presente no corpo (gestos, posturas) e na mente (formas de ver, de classificar) da coletividade inscrita em um campo, automatiza as escolhas e as ações em um campo dado, “economiza” o cálculo e a reflexão. O *habitus* é o produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências. Uma espécie de programa, no sentido da informática, que todos nós carregamos (CHERQUES, 2006, p. 34).

O conceito de *habitus* é compreendido como o principal aspecto do método de Bourdieu a ser considerado na análise desta investigação, sobrepondo a teoria à prática instituída socialmente pelos projetos de extensão elegidos. Setton (2002, p. 63) argumenta: “Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria

habitus implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados”. Claramente, o *habitus* modifica-se por diversos estímulos, acontecimentos, manipulações objetivas e subjetivas, porém o questionamento aqui aprofunda-se no efeito dessa mudança na realidade do agente, posto em análise para sequenciar os desdobramentos desta investigação.

Faz-se necessário entender a relação exposta entre campo e *habitus*, visto a sua interdependência social, o que implica condições específicas ao agente. As ações/aspirações de um sujeito pertencente a um grupo não são arquitetadas; são resultado das pressões e relações correspondentes ao campo envolvido e determinado socialmente. Ainda assim são inconscientes, sentidas pelo agente em meio prático e contempladas por uma configuração social específica (BOURDIEU, 2011; SETTON, 2002).

A cultura de um povo é um relevante aspecto de formação de *habitus*. Baseando-se na concepção de Canclini (2013), pode-se afirmar que ambos os grupos de agentes escolhidos para esta investigação provêm de culturas híbridas, resultado de muitos anos de colonização alemã, italiana e outras, nas referidas regiões do Sul do Brasil. Tal fato é também responsável por práticas intrínsecas dessa comunidade e conhecimentos empíricos assimilados pelas mulheres, por exemplo, a práxis artesanal. O artesanato é, além de outras coisas, uma expressão dessa carga cultural. Todavia, a capacitação pelo *design* insere nesse contexto outras práticas que corroboram com a formação híbrida dessas agentes, que se traduz em artefatos produzidos, comportamentos modificados e conhecimento adquirido.

Canclini (2013, p. XIX) explica que o conceito de hibridação se dá por “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Esse processo de hibridação é responsável por essas misturas interculturais, promovendo a internalização de um *habitus*.

Nesta pesquisa, o conceito de *habitus*, do método de Bourdieu, destaca-se como o principal para a análise dos efeitos e processos dos projetos de extensão fundados no *design*. Busca-se essa base teórica para compreender o comportamento das agentes envolvidas, seus gostos e ações. Propõe-se que essa análise identifique as alterações que a capacitação promove no *habitus* das integrantes. Também se pretende identificar características que, quando adquiridas pelas agentes, promovam

sua qualidade de vida por intermédio da geração de trabalho e renda, ou atinja os objetivos dos projetos de extensão.

Além da compreensão dos conceitos campo e *habitus*, é necessário contextualizar capital simbólico, buscando reflexões teóricas e sociológicas para a relação de poder instituída no espaço social e influenciada pela estrutura subjetiva de homogeneidade dos agentes.

2.3.3 Capital simbólico

Os agentes definidos anteriormente são sujeitos que participam de um campo de interesse, lutam e pleiteiam nesse campo, em busca de um “capital simbólico” almejado. Esse capital pode ser apropriado considerando uma posição social ou as articulações que o agente domina.

Levando em conta o contexto atual, mulheres no campo econômico sofrem por conta de um poder simbólico resultante de uma sociedade com herança patriarcal. Pode-se citar a desigualdade de gênero, principalmente no contexto econômico, ainda presente no Brasil e em diversos países.

Esse fato é comprovado de acordo com fontes de pesquisa conforme o World Economic Forum, no Índice Global de Desigualdade de Gênero, de 2015. De acordo com a pesquisa, o Brasil está entre os piores países no quesito igualdade salarial de gêneros. Por exemplo, o país aloca-se na 133.^a posição de uma amostra de 134 países. Esses dados foram computados por meio de uma pesquisa que pondera também a opinião da população. Estima-se que a renda média anual feminina seja de US\$ 12 mil por ano, enquanto a masculina seja US\$ 20,4 mil. A participação no mercado de trabalho também é desigual: 85% dos homens estão empregados ou procurando emprego, enquanto a porcentagem feminina ocupa 65%. Quanto aos cargos públicos de alto escalão, 63% deles são ocupados por homens e os 37% restantes por mulheres. Fatores como economia, saúde, educação e participação política determinam o índice tido pelo World Economic Forum como índice de igualdade de gênero, e o Brasil ficou em 85.^o posição entre 145 países (WORLD ECONOMIC FORUM, 2015).

O capital simbólico nada mais é que outra denominação para a distinção. É de fato um capital (de origem atrelada ao pensamento economista) de qualquer natureza. Ele existe quando é reconhecido por algum agente do campo relativo (que contempla os requisitos para compreensão, consequentes da integração da sua estrutura social), sendo algo evidente. Ele também pode ser considerado uma estrutura de reconhecimento social que envolve valores como honra, preponderância, notoriedade (BOURDIEU, 2011; CHERQUES, 2006).

Em todo campo o capital está presente, e sua distribuição é sempre desigual entre os agentes, o que culmina em um conflito permanente: lutas contínuas que buscam defender a propriedade (no sentido simbólico) dos agentes privilegiados, pois é constante a articulação dos outros agentes em busca de melhorar sua posição no campo inserido. Estratégias são comumente aplicadas visando à conservação e reprodução de capital e à sua sucessão, intentando integrar as camadas dominantes à educação e ao acréscimo econômico, social, cultural e simbólico (CHERQUES, 2006).

Esse capital simbólico, inerente a um campo e influenciador de um *habitus*, é parte de uma realidade complexa vivida por essas agentes ora investigadas. Trata-se de mulheres das mais variadas idades em situação social marginalizada¹⁷, resultado de um país sob regime capitalista e polifásico, com heranças culturais que lentamente tentam acompanhar as evoluções do gênero feminino nos âmbitos familiar, profissional, social. Tais mudanças são responsáveis por pressões intrínsecas ao campo e inerentes ao sistema de bens e capital simbólico.

Atrelado ao capital simbólico está o poder simbólico, o qual pode ser entendido como uma força que se manifesta socialmente e por meio de símbolos, gerando integração social. Ambas as estruturas são correlacionadas e influenciadas.

Bourdieu (2011, p. 188), em sua obra *O poder simbólico*, discorre acerca da definição dessa força social que impõe significado e é também responsável pela dominação: “Um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, um *fide*, uma *auctoritas*, que lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe”.

¹⁷ Esse termo, aqui tratado, tem o intuito de traduzir a posição social dessas agentes, marginalizadas, significando que estão à margem da sociedade, ocupando as beiradas sociais, e não o centro.

De fato, pode-se compreender que a sociedade é resultado dessa interdependência e correlação de estruturas objetivas e subjetivas que orientam a dinâmica social. Tais estruturas se tornam responsáveis pela ordem, pelo sentido e pela arregimentação da sociedade. Desse modo, é possível pensar o contexto em que a investigação se aplica, em um campo artístico, no qual as agentes integrantes dos projetos lutam para se posicionar em meio ao capital simbólico definido. Nesse campo, o poder simbólico é resultado de uma exclusão feminina deflagrada em condições passadas e perpetuada pela atual sociedade. Nesse aspecto, a capacitação proveniente dos projetos de extensão, fundados no *design*, intenciona uma mudança no *habitus* instituído.

3 METODOLOGIA E APLICAÇÃO PRÁTICA DA TEORIA

Na intenção de verificar e analisar os efeitos das capacitações em *design* por meio dos projetos de extensão universitária, para então apresentar um estudo representativo dos efeitos práticos desses projetos, repercutindo na elaboração de conceitos norteadores, investe-se em uma abordagem sociológica. Esta pesquisa apoia-se no método de Pierre Bourdieu¹. O autor ressalta que as estruturas devem ser analisadas por intermédio da prática e rejeita as concepções que se limitam à reflexão unicamente teórica, sem considerar a realidade contextual. A presente investigação propõe sua metodologia² fundada nos conceitos-chave do método de Bourdieu: campo, *habitus* e capital simbólico, tendo em vista encontrar respostas sociológicas que direcionem as reflexões acerca das práticas dos agentes no campo em que se inserem.

A investigação apresentada configura-se como uma pesquisa de abordagem social³, visto a sua propensão a compreender a realidade de uma parcela da sociedade (um campo, com um *habitus* instituído e um capital simbólico vigente) e suas relações. Está classificada na área de ciências sociais aplicadas, tratando-se, na origem, de pesquisa aplicada. Ademais, ancora-se nas bases do Mestrado Profissional em Design da Univille, área de concentração: Design e Sustentabilidade, na linha de atuação Produção do *Design* e Contexto Sociocultural. O desenvolvimento da investigação ocorre vinculado ao Projeto SIMBOL – O *Design* e Suas Fronteiras na Instituição Social da Cultura Simbólica, e ao Grupo de Pesquisa Design, Cultura e Sociedade.

Os desdobramentos metodológicos fundamentam-se, principalmente, no conceito de *habitus*. Objetiva-se refletir a respeito das práticas das agentes integradas aos projetos geradoras de um *habitus* comum, que as integra a uma estrutura social (campo) estável. Levanta-se a hipótese de legitimar as práticas extensionistas

¹ Conforme suas obras já listadas nesse documento (1983; 2005; 2008; 2011).

² É relevante posicionar a concepção de metodologia perante método, seguida nesta investigação. Para Morgenstern e Cipiniuk (2011, p. 152), “por metodologia, então, compreendemos o estudo *a posteriori* dos métodos, ou seja, o programa que regula antecipadamente uma sequência de operações a executar e que assinala certos erros a evitar, com vista a atingir um resultado determinado. Cabe esclarecer que, por essa perspectiva, toda metodologia pressupõe uma ideologia que é responsável pela coerência entre trabalhos distintos, quer de um mesmo autor, quer de autores diferentes”.

³ Gil (1991, p. 26) destaca a “pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social”.

fundadas nos saberes do *design*, considerando a efetividade de uma mudança de *habitus* e, por conseguinte, da dinâmica social; e levantam-se, nesse ínterim, questionamentos concernentes ao poder simbólico estabelecido, que influencia no posicionamento das agentes nos limites do campo e do sistema de *habitus* duráveis.

Partindo desse princípio, definiram-se as etapas metodológicas⁴. Estabeleceu-se como norte, na definição do processo metodológico⁵, o confronto da teoria levantada com o objeto de estudo, englobando questões contextuais (paradigma contemporâneo, geografia do contexto investigado, relação econômica, nível educacional etc.).

O processo metodológico contempla as seguintes etapas: a) aprofundamento teórico; b) pesquisa exploratória; c) levantamento documental; d) entrevista não estruturada; e) estudo de campo por meio de pesquisa de observação participante artificial; f) análise dos resultados e reflexão mediante o método de Bourdieu.

Na primeira fase, de aprofundamento teórico, propôs-se adentrar mais complexamente nos conceitos-chave do autor, além de identificar demais investigações pautadas na indagação do *habitus* de uma população para a compreensão de seu objeto de estudo. Objetivou-se, também, estudar mais densamente a concepção no tangente à teoria aplicada na prática.

Esta investigação configura-se em pesquisa aplicada e exploratória⁶, em que se definem os procedimentos metodológicos listados. Por esse viés, a pesquisa exploratória é útil para posicionar o estudo à realidade das agentes, buscando situar-se acerca das práticas prevalentes no campo em que estão inseridas, chamadas de *habitus*, e interligadas ao poder simbólico inerente ao contexto aplicado.

Por intermédio do levantamento documental, buscou-se a compreensão acerca do nível em que os projetos são avaliados e dos aspectos (indicativos) que são considerados para qualificar os projetos, contemplando documentos da extensão universitária, da universidade respectiva, dos registros de capacitações anteriores, de

⁴ Gil (1991) explana que estabelecer essas etapas é necessário para cruzar o arcabouço teórico com os dados da realidade, delineando a pesquisa.

⁵ Esta pesquisa propõe uma reflexão cuja metodologia precisa ser híbrida e pensada do princípio, visto que não foi encontrado um processo metodológico tradicional para esse perfil investigatório; por ora, não há parâmetros conhecidos. Desse modo, utilizaram-se as concepções de Gil (1991) e Minayo (2002) acerca de pesquisa social, para nortear os procedimentos metodológicos, juntamente com ferramentas oriundas do *design*, área de atuação da proponente.

⁶ De acordo com Gil (1991), a pesquisa exploratória é uma opção favorável para temas ainda não muito explorados, aos quais é difícil formular hipóteses operacionalizáveis. Também é geralmente aplicada em uma pesquisa cujo tema é genérico ou amplo, para seu esclarecimento e sua compreensão.

eventos efetuados, de ações relacionáveis ao aumento de renda em consequência da produção e da venda de artefatos, bem como das rotinas dos próprios grupos.

As entrevistas, não estruturadas, foram feitas com os coordenadores dos projetos de extensão, buscando mais dados referentes aos projetos e ao processo de capacitação utilizado. Também foi entrevistada parte das agentes integrantes dos grupos, na maioria mulheres de baixa renda e em vulnerabilidade social. Entrevistaram-se os coordenadores de todos os grupos citados na investigação, para que a maneira como os grupos são conduzidos, avaliados e pensados para a capacitação fosse documentada e, no processo de análise, confrontada entre si. Na entrevista com as agentes, contemplou-se o máximo de remanescentes de cada projeto de extensão, em vistas a considerar aspectos mais individuais resultantes da capacitação, no tocante ao aumento de renda, à inserção no mercado de trabalho, à melhora na qualidade de vida, a crenças, gostos, empoderamento etc., indicando mudança no *habitus*. A entrevista, de cunho informal (ou seja, não estruturado), visou maior obtenção de dados que a ação permitisse. Ambas as ferramentas direcionaram a uma coleta de dados qualitativa e quantitativa, dados esses que foram sintetizados em forma de quadros e gráficos para posterior análise.

Propôs-se um estudo de campo⁷ que abrangesse a maior parte possível dos agentes envolvidos na investigação, sendo a amostragem os grupos de capacitação citados. Buscou-se, por intermédio de observação participante artificial⁸, averiguar a realidade das agentes ainda em capacitação, em seu ambiente vigente (a observação foi feita nos encontros regulares de cada projeto analisado). Essa etapa metodológica vislumbrou identificar as relações entre campo, *habitus* e capital simbólico, conforme explanado na contextualização. Intencionou-se também compreender relações do processo de capacitação que podem ou não estar ligadas ao seu efeito assertivo (o modo como elas exercitam os conhecimentos, como elas se organizam para as produções, as similaridades percebidas entre o comportamento das agentes dos diferentes grupos, os gostos preponderantes, ações e relações perceptíveis).

⁷ Gil (1991, p. 57) explica: “No estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação”.

⁸ Gil (1991, p. 103) considera como observação participante a “participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada”. Ela é de cunho artificial “quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação” (GIL, 1991, p. 103).

No quadro 1, a seguir, apresentam-se intervenções⁹ feitas e os grupos de aplicabilidade.

<p style="text-align: center;"><i>Projeto SempreViva (Univille)</i></p> <p>DATA: 10 de novembro de 2016 LOCAL: • Laboratório de Modelagem e Costura (bloco E) Univille - Joinville/SC</p> <p>INTERVENÇÃO 1: Observação participante</p> <p>INTERVENÇÃO 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entrevista não estruturada com coordenador • Entrevista não estruturada com agentes remanescentes da capacitação • Entrevista não estruturada com agentes em processo de capacitação 	<p style="text-align: center;"><i>Moda em Produção/Recosturas da Moda (Feevale)</i></p> <p>DATA: 01 e 02 de novembro de 2016 LOCAL: • Campus II – Sala 201 (laboratório de modelagem) Feevale – Novo Hamburgo/RS • Fábrica da Cidadania – Rua Bartolomeu de Gusmão, nº 3500, Bairro Canudos – Novo Hamburgo/RS</p> <p>INTERVENÇÃO 1: Observação participante</p> <p>INTERVENÇÃO 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entrevista não estruturada com coordenador • Entrevista não estruturada com agentes em processo de capacitação
<p style="text-align: center;"><i>Mulheres do Bairro (Univali)</i></p> <p>DATA: 08 de dezembro de 2016 LOCAL: • Meio eletrônico</p> <p>INTERVENÇÃO 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entrevista não estruturada com coordenador 	<p style="text-align: center;"><i>ProModa/Associação Damas & Tramas (UCS)</i></p> <p>DATA: 03 de novembro de 2016 LOCAL: • Associação Damas & Tramas – Rua Perimetral Rubens Bento Alves, nº 7715, sala 05, bairro Cinquentenário. Caxias do Sul/RS</p> <p>INTERVENÇÃO 1: Observação participante</p> <p>INTERVENÇÃO 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entrevista não estruturada com coordenador • Entrevista não estruturada com agentes remanescentes da capacitação

Quadro 1 – Coleta de dados por intervenção
Fonte: Primária, 2016

Esclarece-se que as entrevistas ocorreram no ambiente familiar às agentes beneficiárias, em que comumente realizam suas atividades. As observações foram feitas durante oficinas realizadas, nos laboratórios das universidades e nos ambientes proporcionados pelo governo, como a Fábrica da Cidadania. Todas as intervenções aconteceram em um período de tempo aproximado, ou seja, sem intervalo significativo entre a aplicação dos instrumentos em um projeto e os outros. Foi feito desse modo,

⁹ Consideram-se intervenções as ações em que se relaciona com o público-alvo: agentes remanescentes dos grupos, agentes integrantes do grupo e coordenadores dos projetos de extensão.

para que não houvesse influência entre o tempo de capacitação e os resultados deflagrados.

Após o desdobramento de todos esses dados, foram aplicados à reflexão os conceitos de Bourdieu, e a análise dos dados cruzou a teoria proposta com a realidade estruturada. Esse cruzamento permitiu o alcance do resultado principal desta investigação, direcionamentos conceituais para a evolução de projetos de extensão fundados no *design* e, conseqüentemente, para o empoderamento das integrantes dos grupos. Nesse aspecto, foi definido como veículo para a disseminação desses direcionamentos conceituais uma cartilha. Entende-se a necessidade vigente de que esse material (definido por meio dos dados coletados e pela análise feita com base na teoria de Bourdieu) retorne aos projetos de extensão como artefato instrutivo, configurando-se em aporte teórico, para as próximas ações.

O quadro 2 apresenta linearmente a relação das etapas metodológicas com os objetivos iniciais e os resultados esperados.

<i>Procedimentos Metodológicos</i>		
Objetivo geral: apresentar um estudo representativo dos efeitos práticos da extensão universitária, perpetuados por meio de capacitações oferecidas por projetos de extensão universitária fundados no design.		
OBJETIVOS ESPECÍFICOS RELACIONADOS	PROCEDIMENTOS	RESULTADOS ESPERADOS
Objetivo específico 1: identificar grupos femininos de extensão universitária no contexto de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul que tenham como objetivo a geração de trabalho e renda por meio da capacitação pelo design, bem como suas metodologias e similaridades.	<ul style="list-style-type: none"> • Aprofundamento teórico; • Estudo de campo; • Levantamento de dados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Documentação dos resultados de projetos de extensão universitária fundados nos saberes do design (por meio de tabela, considerando número de integrantes, faixa etária, contexto socioeconômico, nível instrucional, relação geográfica etc.).
Objetivos específicos 2: identificar e analisar os resultados obtidos por meio de capacitações, aplicadas em grupos femininos de projetos de extensão universitária, fundados nos saberes do campo do design.	<ul style="list-style-type: none"> • Aprofundamento teórico; • Estudo de campo; • Levantamento de dados; • Entrevista. • Observação participante 	<ul style="list-style-type: none"> • Documentação dos resultados de projetos de extensão universitária fundados nos saberes do design (por meio de gráficos e quadros, considerando número de integrantes, faixa etária, contexto socioeconômico, nível instrucional etc.).
Objetivo específico 3: Apresentar proposta conceitual para a evolução dos projetos analisados, bem como para o crescimento e o empoderamento das integrantes, por meio dos dados coletados e analisados, configurando-os em conceitos norteadores.	<ul style="list-style-type: none"> • Aprofundamento teórico; • Síntese dos resultados obtidos; • Cruzamento da teoria com a prática; • Elaboração de veículo para a divulgação dos conceitos norteadores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartilha instrutiva por meio de direcionamentos conceituais relacionáveis à evolução dos projetos de extensão, bem como ao empoderamento e à renda das integrantes, consequências de investigação dos impactos gerados por esse processo; • Redação de artigo científico; • Documentação dos efeitos e do processo dos projetos AmaViva e SempreViva: livro em comemoração aos 10 anos.

Quadro 2 – Relação dos procedimentos metodológicos

Fonte: Primária, 2016

O quadro destacou como o processo metodológico se desenvolveu, pautando-se nos objetivos propostos. Ele ainda apresentou as relações existentes entre as ferramentas metodológicas e os resultados esperados.

A síntese dos dados coletados e da análise feita será desenvolvida no capítulo seguinte, e os formulários utilizados estão disponíveis nos apêndices 1, 2 e 3 deste trabalho. Os relatórios das entrevistas e os registros em áudio estarão disponíveis para consulta até cinco anos após a defesa desta pesquisa, em arquivo pessoal da proponente.

3.1 CRUZAMENTO DOS DADOS COLETADOS, REALIDADE ENCONTRADA E TEORIA PROPOSTA

Este subcapítulo apresenta a síntese feita com base nos procedimentos metodológicos citados anteriormente e intenta cruzar o conhecimento adquirido por meio da fundamentação teórica com a realidade encontrada na pesquisa exploratória. A teoria, que se pretende aplicar à pesquisa prática, pode ter sua importância compreendida conforme a concepção de Minayo (2002, p.19, grifos do original): “É um conhecimento de que nos servimos no processo de investigação como um sistema organizado de *proposições*, que orientam a obtenção de dados e a análise dos mesmos, e de *conceitos*, que veiculam seu sentido”. É desse modo que se desdobra a referente pesquisa, norteada pelos conceitos da teoria de Bourdieu, em vistas a validá-la na realidade encontrada pelas práticas da extensão universitária.

Inicialmente, serão descritas as entrevistas e observações feitas. Estas, em sua maioria, ocorreram *in loco*, nas cidades de Joinville, Novo Hamburgo e Caxias do Sul. Tomou-se relevante a observação física das práticas dos grupos de extensão investigados, visto que no conceito de *habitus* estão englobadas questões intrínsecas ao agente e seu comportamento, necessitando um olhar cauteloso para a obtenção de dados reais. Foram coletadas informações de quatro coordenadores de projeto de extensão, dezoito agentes em processo de capacitação e nove remanescentes de grupos já capacitados. Como seleção dessas pessoas, teve-se o critério de voluntariedade. Considerando que a vontade de expor informações pessoais e submeter-se a uma entrevista precisa ser do sujeito, não poderia haver influência da coordenação do projeto, por objetivar-se a coleta de informações coerentes, sem pressões ou objeções envolvidas. Ademais, a participação das agentes nos projetos de extensão é voluntária. Ou seja, elas possuem a concepção de que participar desta investigação, vinculada aos projetos que pertencem, não é obrigatório.

As atividades de intervenção (entrevista e observação) foram feitas no segundo semestre de 2016, considerando que o processo de capacitação já estaria em vias finais e que a porcentagem tradicional de desistência haveria ocorrido. Conforme a informação dos coordenadores, a média de desistência é de 20% das cadastradas nos projetos.

3.1.1 Agentes capacitadas e em capacitação

Buscando compreender o perfil das agentes capacitadas e em capacitação pelos projetos citados, estabeleceu-se um gráfico de porcentagem que considerasse a quantidade de mulheres em cada faixa etária (gráfico 1).

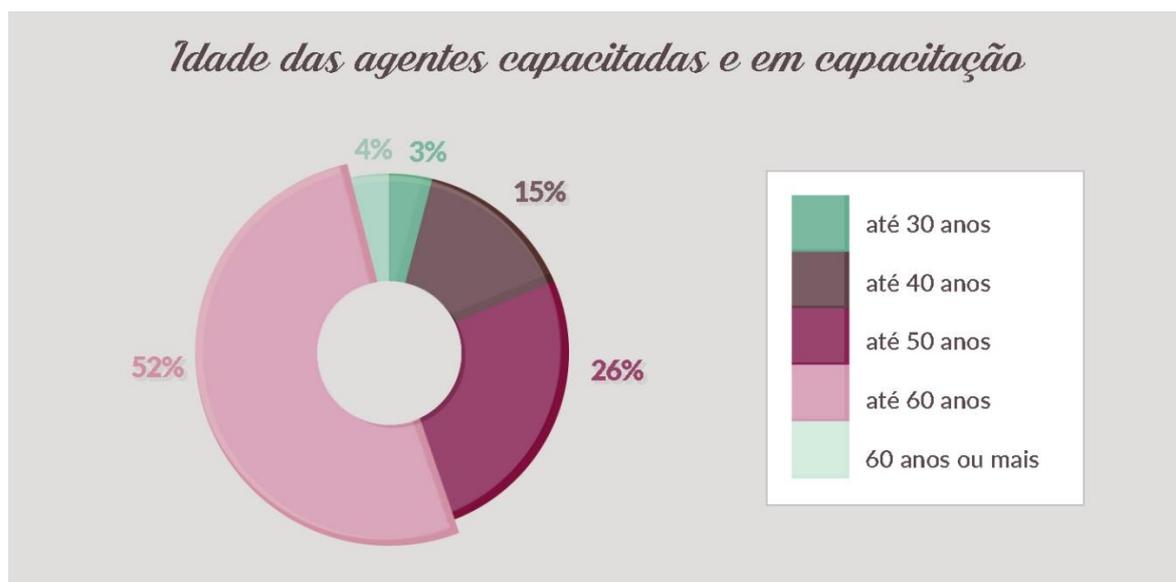


Gráfico 1 – Idade das agentes capacitadas e em capacitação

Fonte: Primária, 2017

Por meio do gráfico 1, pode-se perceber que o público atingido em maior abrangência são as mulheres entre 40 e 60 anos (26% entre 40 e 50 anos, 52% entre 50 e 60 anos). O grau de instrução (gráfico 2) dessas agentes é bastante diversificado, todavia 37% delas possuem ensino fundamental incompleto, com a justificativa de que *“naquela época, normalmente podia-se estudar até a quarta série, depois as tarefas de casa substituíam a escola”*. Boa parte dessas mulheres precisou optar por ajudar nas tarefas domésticas e não teve chances de retomar os estudos. Além disso, comumente mudavam de cidade, em busca de novas oportunidades de crescimento, como mostra o gráfico 3: 64% migraram para as referidas cidades onde os projetos se desenvolvem, e, de acordo com seus depoimentos, era uma atitude rotineira entre famílias de área rural gaúcha e catarinense, que migravam para a área urbana, participando do fenômeno conhecido por êxodo rural. É possível comprovar essa informação observando o aumento da população urbana pela tabela 1, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (*apud* JARDIM; BARCELLOS, 2011), o

número de pessoas e a porcentagem de evolução das áreas urbana e rural, no estado do Rio Grande do Sul, dos anos 1940 a 2010.

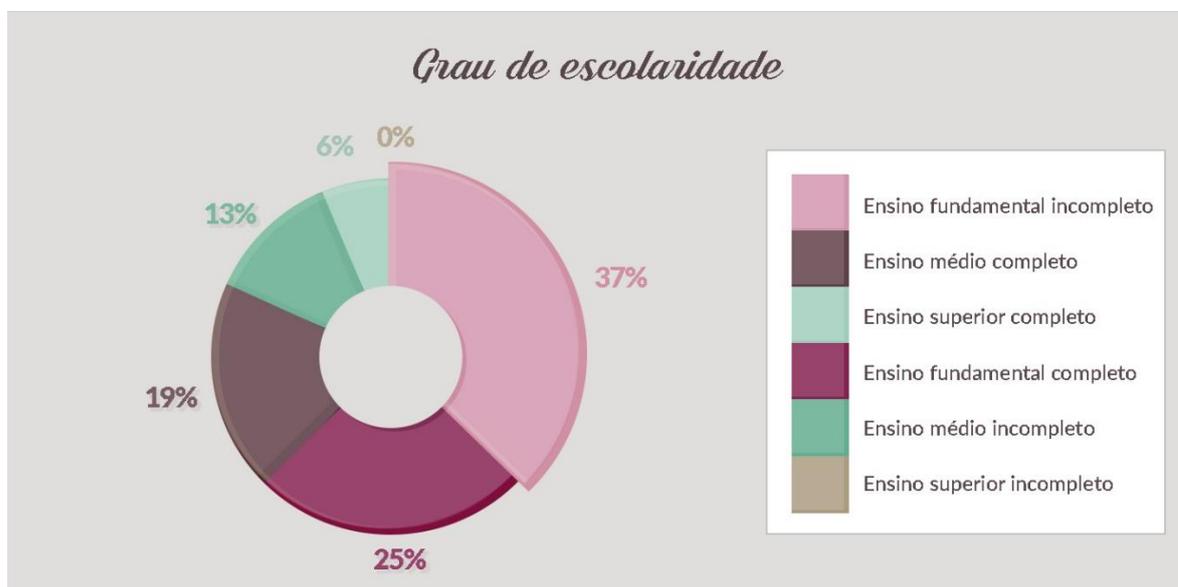


Gráfico 2 – Grau de escolaridade das agentes beneficiárias dos projetos
Fonte: Primária, 2017

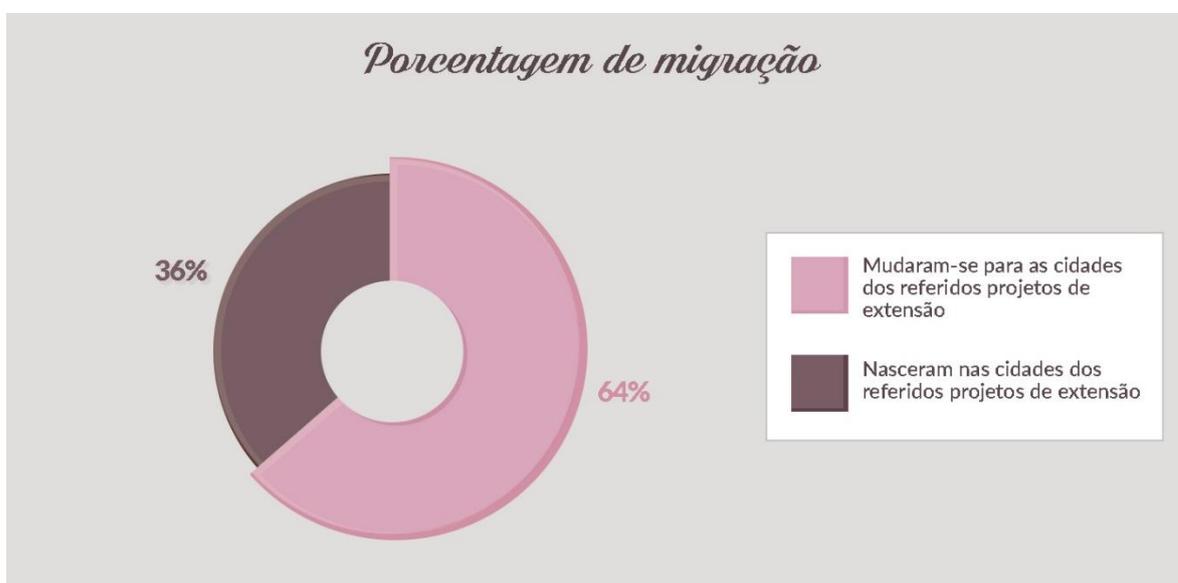


Gráfico 3 – Migração das agentes beneficiárias dos projetos
Fonte: Primária, 2017

População Residente Segundo Situação de Domicílio, Taxa de Crescimento Anual e Grau de Urbanização - Rio Grande do Sul - 1940/2010

ANO	POPULAÇÃO			TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL (%)			GRAU DE URBANIZAÇÃO (%)
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	
1940	3.320.689	1.034.486	2.286.203	-	-	-	31,2
1950	4.164.821	1.421.980	2.742.841	2,3	3,2	1,8	34,1
1960	5.366.720	2.380.783	2.985.937	2,6	5,3	0,9	44,4
1970	6.664.891	3.553.006	3.111.885	2,2	4,1	0,4	53,3
1980	7.773.837	5.250.940	2.522.897	1,6	4,0	-2,1	67,5
1991	9.138.670	6.996.542	2.142.128	1,5	2,6	-1,5	76,6
2000	10.187.798	8.317.984	1.869.814	1,2	1,9	-1,5	81,6
2010	10.693.929	9.100.291	1.593.638	0,5	0,9	-1,6	85,1

Tabela 1 – População residente no Rio Grande do Sul: processo de urbanização de 1940 a 2010

Fonte: IBGE (adaptado, *apud* JARDIM; BARCELLOS, 2011)

Em Santa Catarina a tendência se mantém; ao longo dos anos a população urbana teve relevante aumento (tabela 2), relacionado à massa industrial de muitas cidades. Conforme Goularti (2015, p. 59), “cidades como Joinville, Florianópolis, Blumenau, que apresentam um maior grau de complexidade industrial, cresceram acima da média estadual e do crescimento dos municípios com menor grau de complexidade industrial”. Justifica-se, assim, a atuação dessas agentes nas cidades onde os projetos de extensão ocorrem. Boa parte dessas pessoas submeteu-se a mudanças com o objetivo de aumentar a qualidade de vida e trouxe consigo heranças culturais e históricas.

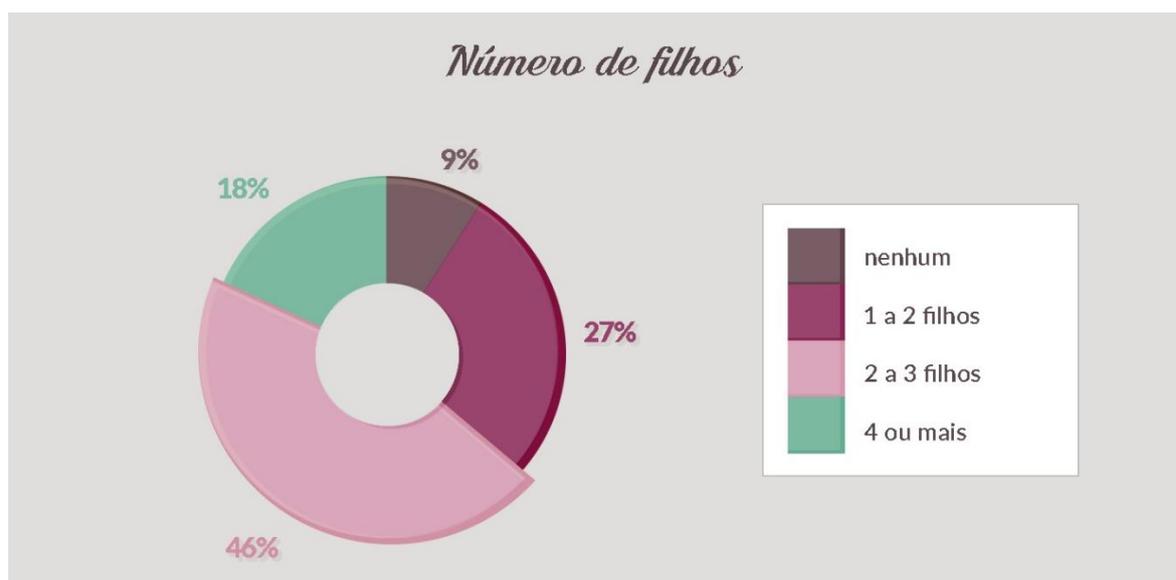
*População residente em Santa Catarina:
processo de urbanização de 1940 a 2010*

Anos	Total	Urbana	(% Total)	Rural	(% Total)
1940	1.178.340	253.717	21,53	924.623	78,47
1950	1.560.502	362.717	23,24	1.197.785	76,76
1960	2.118.116	673.981	31,82	1.444.135	68,18
1970	2.901.734	1.246.043	42,94	1.655.691	57,06
1980	3.627.933	2.154.238	59,38	1.473.695	40,62
1991	4.541.994	3.208.537	70,64	1.333.457	29,36
2000	5.356.360	4.217.931	78,75	1.138.429	21,25
2010	6.248.436	5.247.913	83,99	1.000.523	16,01

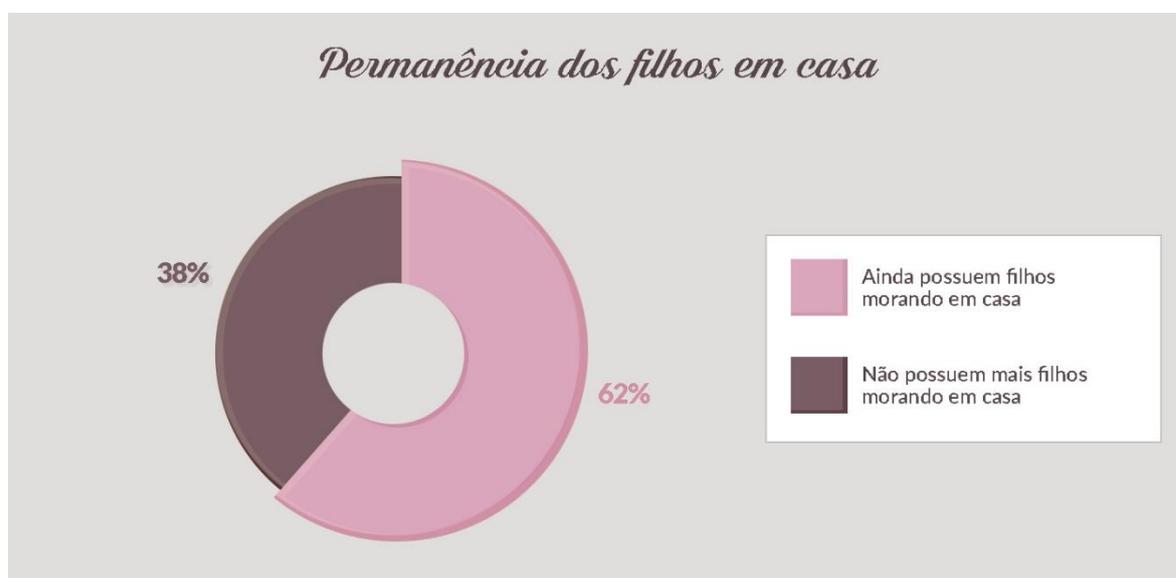
Tabela 2 – População residente em Santa Catarina: processo de urbanização de 1940 a 2010

Fonte: IBGE (adaptado, *apud* GOULARTI, 2015)

Em entrevista, as agentes foram questionadas acerca do número de filhos e da porcentagem de permanência deles em casa (moradia com os pais). A maioria das mulheres possui filhos adolescentes ou adultos, 46% delas têm dois ou três filhos, 27% possui um ou dois filhos, porém 18% delas possuem quatro ou mais filhos. Desses números apresentados, 62% ainda possuem filhos sob a mesma moradia.



A



B

Gráfico 4 – Número de filhos e porcentagem de permanência dos filhos em casa das agentes beneficiárias dos projetos
Fonte: Primária, 2017

A maioria das mulheres convive em uma relação de matrimônio ou união estável (gráfico 5). São 64% mulheres casadas, 14% separadas ou divorciadas dos maridos e 22% solteiras ou viúvas. Nesse aspecto, ainda se observou que boa parte dessas mulheres assumiu a posição de chefe de família, tendo responsabilidade sobre a renda familiar, além da gestão da casa e da função de *mãe de família*.

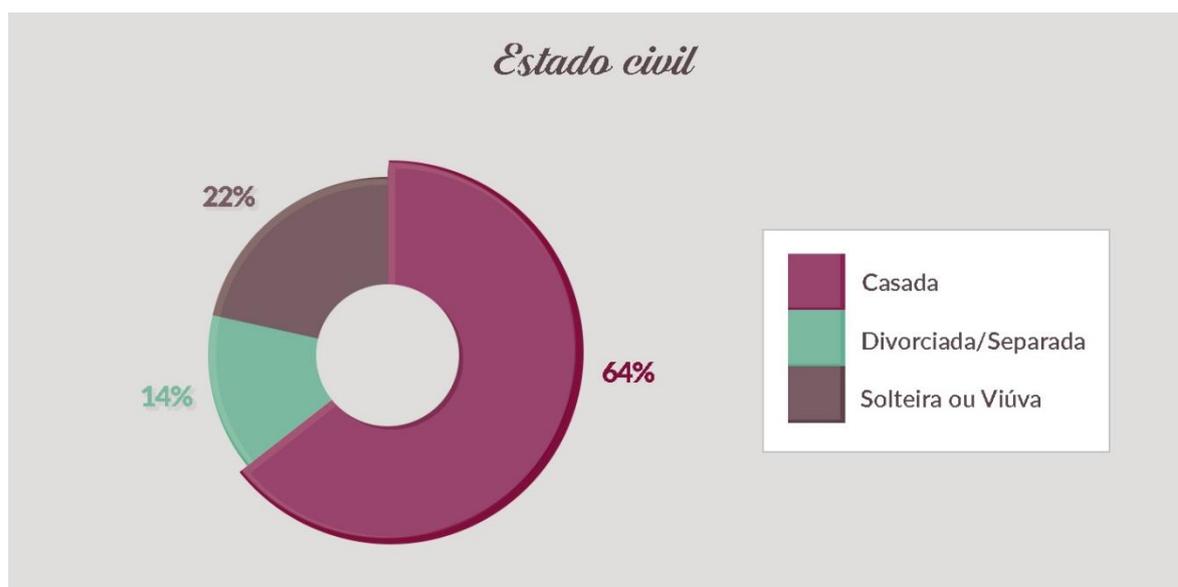


Gráfico 5 – Estado civil das agentes beneficiárias dos projetos
Fonte: Primária, 2017

Essa informação é validada com os dados do Dieese (2012), já citados anteriormente, sobre a ocupação da mulher em vagas de trabalho do mercado formal. De aproximadamente 84 milhões de mulheres em idade ativa no país, 52% estão inseridas nesse mercado. Desse modo, é relevante considerar que a condição atual de crise econômica do país implica a maior aderência de mulheres em ocupações que gerem renda, pela necessidade. Afinal, as taxas de desemprego em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul subiram, assim como em todo o Brasil. Nos referidos estados, modificaram-se para 6 e 7,5% respectivamente, conforme os dados de 2015 do IBGE (RIBEIRO, 2016).

Especula-se essa relação entre a crise econômica e a necessidade de aumentar a renda familiar, que está baseada também nas informações coletadas em entrevistas: *“Não está fácil manter a casa, então qualquer dinheiro que entra é bem-vindo, e se eu consigo ganhar ele com o meu artesanato é melhor ainda”*.

No tocante ao aumento da renda familiar pelas práticas ensinadas pelos projetos, estabeleceu-se o gráfico 6, de porcentagem das mulheres que, de fato,

aumentam ou aumentaram seu capital econômico por meio das capacitações ocorridas. Ao contrário do esperado, 52% dessas agentes usam o conhecimento adquirido para gerar renda, enquanto 48% delas não. Diz-se “esperado”, pois os projetos comumente carregam em seus objetivos gerais (ou próximo a isso) o termo geração de renda. Essa constatação não invalida as capacitações. Pelo contrário, torna visível a extensão (no sentido de alcance) que esse envolvimento universidade-comunidade permite. Em vistas a compreender essa faixa de 48% de agentes, a entrevista questionou os diferentes objetivos delas para com o projeto de extensão.

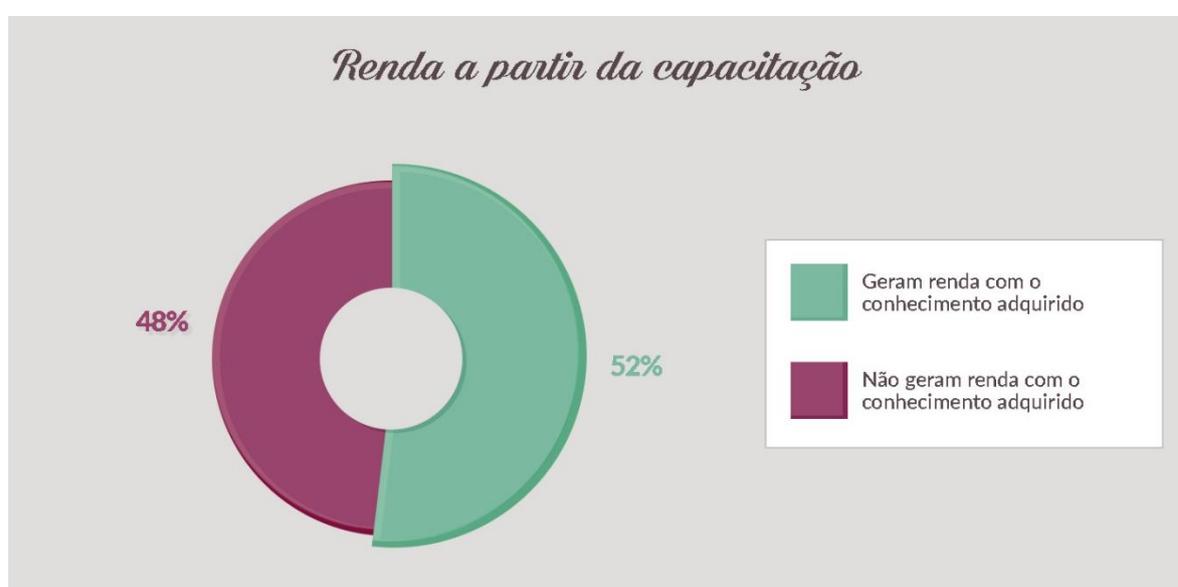


Gráfico 6 – Geração de renda pela capacitação das agentes beneficiárias dos projetos
Fonte: Primária, 2017

Viu-se que o grupo que compõe essa porcentagem possui opiniões plurais; 46% das mulheres afirmam que seu intuito parte da premissa “*Adquirir conhecimento para poder melhorar a renda familiar*”, entretanto essa porcentagem não equivale aos 48% das agentes citadas anteriormente. Isso significa que, mesmo sem ter esse objetivo como primordial, 2% delas aumentaram/aumentam o capital econômico familiar, situando-o como um “efeito colateral”¹⁰ da capacitação.

Ainda, nessa avaliação, 31% delas afirmam que seu objetivo para com as oficinas é/era “*aprender coisas novas para fazer para si mesma, ou para os familiares*”; 8% explica que as maiores intenções são “*sentir-se útil e ter uma mudança na rotina*”;

¹⁰ Usa-se o termo “efeito colateral” com o intuito de traduzir o resultado dessa capacitação, para essas mulheres que compõem os 2% citados. Entende-se que *gerar renda* não estava nos objetivos dessas agentes, mas foi um resultado adquirido e considerado por elas positivo.

8% intenta “trabalhar por si, sair de casa e conhecer coisas novas”; e 7% argumenta que busca nas atividades poder “sair de casa, fazer amizades e ver coisas novas”.

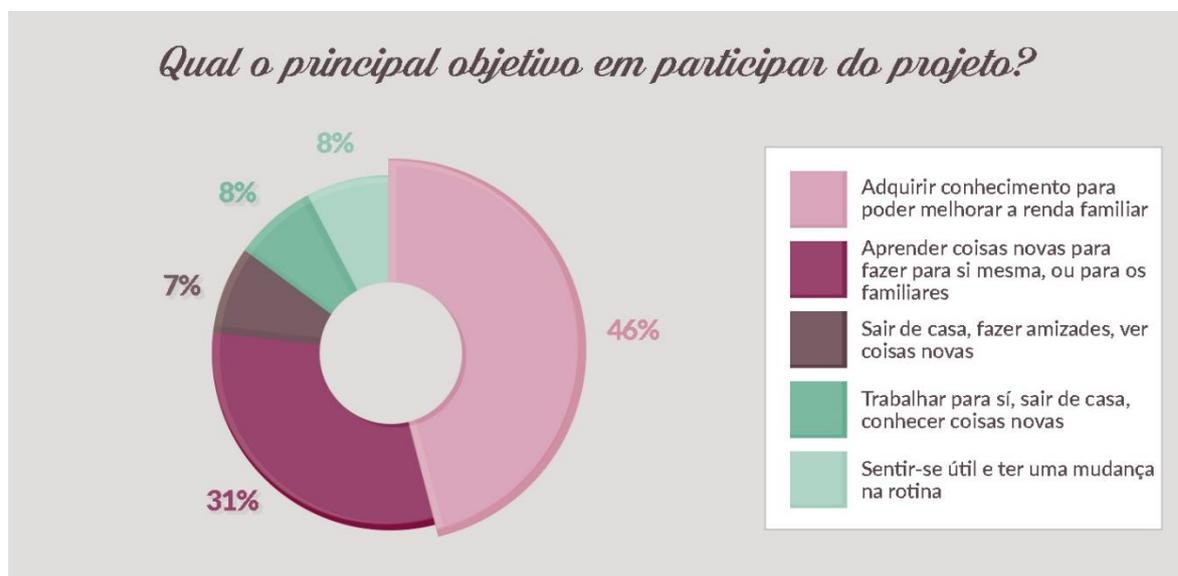


Gráfico 7 – Objetivos resultantes da capacitação das agentes beneficiárias dos projetos
Fonte: Primária, 2017

Por intermédio dos dados apresentados, evidencia-se que determinados desejos se repetem. Por exemplo, “aprender e ver coisas novas” são características relacionadas ao conhecimento repassado e por elas produzido. Tal informação é coerente com uma das propostas da extensão universitária: estender à comunidade o conhecimento produzido pela universidade, melhorar o contexto em que está aplicada.

Outro ponto levantado refere-se a “sair de casa, fazer amizades”. Ou seja, um dos efeitos das oficinas é, também, a intensa socialização. Essas agentes buscam nas atividades a possibilidade de mudar a dinâmica de relacionamentos, mudar suas rotinas de *donas de casa, mães de família, boas esposas*, entendendo essa capacitação como aprimoramento social, empoderando-as. Esses dados, se pensados pelo aporte teórico da referida pesquisa, demonstram que quase metade das mulheres investigadas obtém transformação de caráter social (empoderamento, aumento da faculdade crítica, por exemplo), mas não efetivamente e, na totalidade, a geração de renda. Ou seja, o *habitus* que corresponde ao posicionamento delas as mantém cativas ao comportamento de não gerar mais capital econômico, questão que está intrinsecamente ligada à realidade das agentes e à posição que ocupam na dinâmica familiar (de chefe de família ou não, mãe de vários filhos etc.). Isto é, a capacitação oferecida pode modificar o *habitus* das agentes, incluí-las em um novo

campo (o artístico, que até então não era vivenciado por boa parte delas), no entanto não ocorre mudança em sua totalidade.

Observa-se que existem aspectos rígidos à mudança, o que faz com que cada agente absorva a capacitação de modo diferente, inerente às vivências sociais, culturais, econômicas que a sustentam. Quanto ao capital simbólico, como agentes de um novo contexto, as mulheres apropriam-se daquilo que compreendem como natural ao atual campo. O modo como passam a se comportar, criticar, impor ideias e opiniões é resultado do processo de capacitação (incluindo os efeitos subjetivos), não deixando de ser uma manifestação da instituição e legitimação do poder simbólico almejado.

A idade em que a maioria das agentes se encontra (40 a 60 anos) é vista como de difícil inserção social, contudo as capacitações mostram-se eficazes nesse aspecto, estimulando novas relações para as integrantes. Ou seja, mais um âmbito em que a mudança de *habitus* é possível e ocorre. Essa reflexão é validada pelos objetivos citados pelas agentes: sair de casa, fazer amizades, modificar a rotina etc.

É pertinente citar também a concepção do *ser mulher*. Quando questionadas acerca de quem são, o posicionamento é muito similar: falam primeiramente de seus filhos, depois de seus maridos, da rotina... Dizem que ir ao projeto é muito bom para fazer uma atividade diferente, “*terapêutica*”, e que esperam pelo dia de encontrar novamente as colegas, mostrar a peça que estavam bordando em casa etc. Constata-se que tais mulheres estão condicionadas a um comportamento (*habitus*) absorvido por conta dessas funções familiares, homogêneo entre elas, isto é, um *habitus* coletivo ligado a um sistema de práticas e condições individuais, entretanto essas “práticas individuais” são resultado desse sistema ou dessa dinâmica social em que a maioria dessas mulheres se encontra, ora por condições financeiras, ora por heranças culturais e de uma sociedade tradicionalmente patriarcal. Ou seja, esse *habitus* é um produto das condições sociais do passado das beneficiárias, mas influenciado e reconstruído pelo presente imediato e pelos anseios de um capital simbólico inerente a este novo espaço.

Aquelas que produzem peças para vender afirmam que é muito válido contar com as novidades que as oficinas oferecem; sempre é algo que pode ser aplicado às vendas. Morgenstern (2016) argumenta que é notável a diferença percebida desde o ingressar das mulheres no curso até o dia de receber o seu certificado de conclusão. Coisas simples são percebidas, como a maneira de, após quase um ano de

convivência, se vestir, de posicionar suas opiniões, de defender ideias, de usar os produtos feitos por elas etc. São demonstrações de que a capacitação vai além do tradicional “gerar renda”, para a definição de identidade. Essas agentes deixam de ser apenas mães, esposas e donas de casa e encontram-se como mulheres, em sua integral relação com a sociedade. Quer dizer, a transformação do *habitus* é o aspecto mais perceptível dessas capacitações, tanto no quesito relacionamento quanto no aumento de capital econômico (ambos repercutem em transfigurações culturais e sociais).

Buscando identificar relações da dinâmica social que motivem a geração de trabalho e renda, estabeleceu-se o gráfico 8, de porcentagem, associando a faixa etária dessas agentes. Traçaram-se, como base, as idades das mulheres que objetivam aumentar o capital econômico familiar, mediante as capacitações ocorridas. Ou seja, não apenas aquelas que já geram renda, mas também as agentes que anseiam por isso.

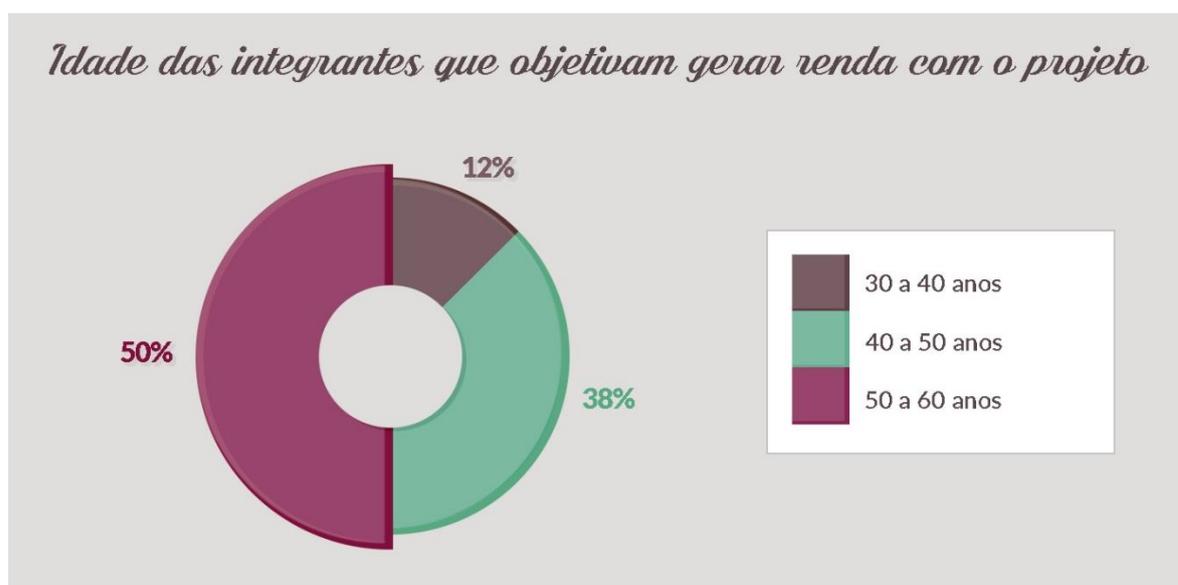


Gráfico 8 – Idade economicamente produtiva das agentes beneficiárias dos projetos que objetivam gerar renda com o projeto.

Fonte: Primária, 2017

Observa-se, por meio do gráfico, que a faixa etária considerada nessa investigação como “economicamente produtiva”¹¹ contempla as agentes de 40 a 60 anos. Pensando na faixa etária da totalidade das agentes, a maior parte delas (72%)

¹¹ Optou-se por usar o termo *economicamente produtivo* para representar a condição das agentes que, pelas capacitações ocorridas, objetivam e geram renda, aumentando o capital econômico familiar.

integra 40 a 60 anos. Ainda assim, 88% dessas agentes que buscam aumentar o capital econômico se encontram em uma idade para a qual o mercado formal de trabalho possui resistência. Em 2015, o IBGE afirmou que a taxa de desemprego para mulheres aumentou para 9,8%, assim como a taxa de ocupação feminina, de 46,2% (CAOLI; CAVALLINI, 2015).

Ou seja, a dificuldade de adentrar no mercado formal é um estímulo para a produção por conta própria. Além disso, imagina-se que as mulheres de idade mais jovem teriam mais estímulos para produzir, gerar renda e permanecer buscando melhorias econômicas, entretanto questões como número de filhos e a respectiva idade se apresentam como pormenores limitantes. Afinal, existe a concepção por elas de que é mais difícil, mais arriscado, investir no novo conhecimento e em novas práticas, pois isso repercute em menos tempo, estímulo e foco para a função familiar *mãe*. Isto é, há uma relação de crença, ou uma herança, quanto a esse conceito. Algumas mães argumentaram em suas entrevistas que esse aspecto era uma influência restritiva, enquanto outras afirmaram que aprender e poder desenvolver produtos por conta própria permite mais flexibilidade na criação dos filhos. De fato, é uma questão de concepção; está atrelada ao *habitus* familiar e às heranças culturais da respectiva mulher.

Desse modo, especula-se acerca das motivações inerentes às agentes, além da vontade isolada de aumentar a renda familiar. Algumas das respostas a esse questionamento, coletadas em entrevistas e durante observação participante, abordam condições familiares como: a) valor de aposentadoria não contempla as despesas, tornando a venda de artefatos produzidos por conta própria um incremento; b) situação de desemprego em meio a família, marido ou filhos; c) independência financeira da mulher. Esses pontos foram levantados com base nas opiniões das mulheres e registrados em relatórios (mediante os apêndices 1, 2 e 3). Entretanto, por um viés pautado na teoria de Bourdieu, outras condições influenciam o comportamento dessas mulheres, questões relacionadas ao contexto sócio-histórico e cultural, por exemplo. Ou seja, condições demográficas, históricas, de herança cultural ou social, também influenciam as ações dessas agentes, de modo inconsciente, sem que possam traduzir tal pressão por palavras. Essas questões estão intrínsecas ao campo, a um *habitus* coletivo e individual, que interfere em seus interesses, forças e lutas na dinâmica social, gostos, escolhas etc.

Esse aspecto por si só, até mesmo poderia configurar-se em outra investigação, por conta da sua complexidade e da demanda de tempo necessária para compreender relações que vão além das percebidas nesta investigação. Isto é, uma pesquisa que pudesse analisar a fundo interdependências históricas e sociais dessas agentes (que configuram parte do *habitus* e campo que se inserem) requereria intensa e longa análise, configurando-se em uma nova pesquisa. Evidencia-se que, de acordo com o recorte investigativo deste relatório técnico, vários outros aspectos poderiam ser explanados e observados a fundo, ou seja, outras investigações podem ser desdobradas desse ponto.

No tocante ao tempo de capacitação, as mulheres integrantes dos grupos foram questionadas acerca da efetividade do conhecimento repassado naquele período. Todas elas, ou seja, 100% das entrevistadas, afirmaram que consideram o período do curso muito curto e sentem vontade de permanecer envolvidas com os projetos. De fato, todas disseram que a capacitação é muito válida, agrega conhecimentos e é também um ambiente agradável para socialização. Nesse sentido, as mulheres que podem, permanecem nos projetos.

O Projeto Moda em Produção (atual Recosturas da Moda) permite que as agentes continuem participando das oficinas, mesmo aquelas que já contemplaram o ano de capacitação. Logo, as alunas em capacitação e as já capacitadas permanecem juntas ao mesmo grupo, e as já capacitadas apoiam as que estão em processo de aprendizado de técnicas e teorias. O SempreViva, por outro lado, recebe apenas alunas para capacitação, mas mantém um espaço para aquelas já capacitadas continuarem envolvidas na extensão universitária, encaminhando-as ao AmaViva, que é um segundo projeto, com esse exato intuito: congrega as remanescentes do SempreViva que sentem necessidade de manterem-se vinculadas a um projeto, produzindo de modo associado. O Mulheres do Bairro também possui carga horária específica, mantendo a capacitação nos moldes estipulados por esse período de aprendizado.

Conforme os alcances do termo *geração de renda*, questionou-se às mulheres capacitadas e em capacitação, às que comercializam artefatos e às que não, se sentem estimuladas a gerar capital econômico perante a capacitação oferecida. Em entrevista, elas foram conduzidas a argumentar sobre o assunto. Segundo o gráfico 9, observa-se que 76% delas confirmam esta informação: os projetos de fato

estimulam-nas a gerar renda. Contudo 14% não trouxe essa informação à tona, e 10% delas, quando questionadas, falaram que não se sentem estimuladas.

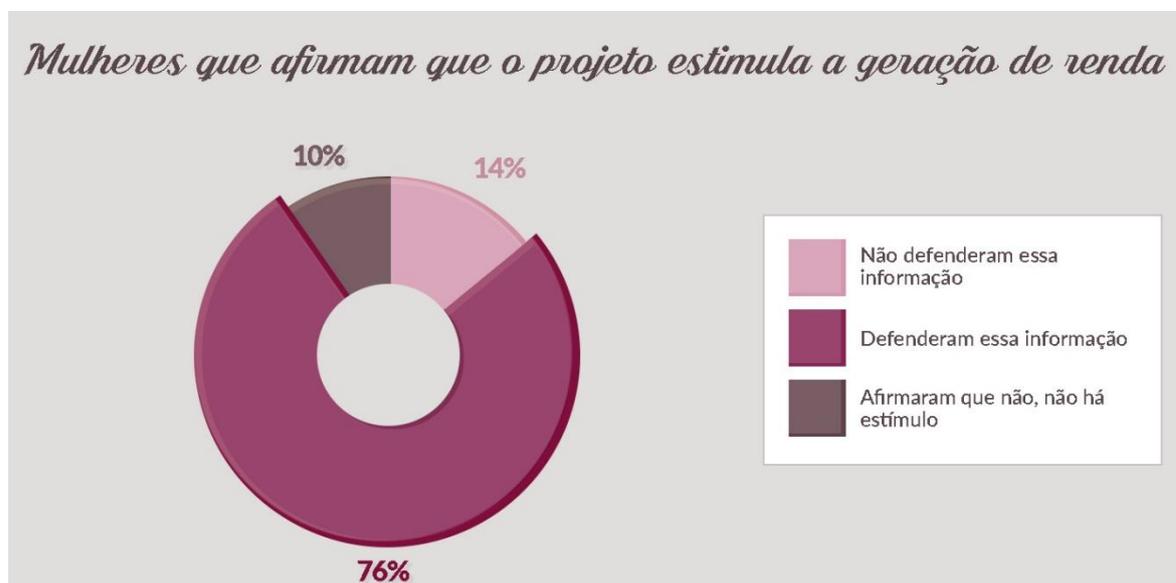


Gráfico 9 – Estímulo para a geração de renda pelos projetos sentido pelas agentes beneficiárias dos projetos
Fonte: Primária, 2017

Constata-se que a porcentagem de mulheres que afirmam se sentir encorajadas pela capacitação é maior que a porcentagem de mulheres que de fato geram renda. Pode-se direcionar essa afirmação a dois diferentes aspectos: é necessário tempo de maturação do conhecimento, para então conseguir gerar bens econômicos a partir dele (como defende De Carli, 2016); e gerar renda pode e está atrelado a outras questões que vão além da capacitação. Ambos os aspectos são possíveis.

De Carli (2016), coordenadora do projeto ProModa (em inatividade), hoje é responsável pela Associação Damas & Tramas (um dos resultados do projeto de extensão realizado), que congrega artesãs para a produção em cooperação. Em entrevista, foi questionada sobre o lucro que é gerado com a venda dos artefatos produzidos pelo grupo:

Ainda não é algo significativo, mas o Damas & Tramas está em processo de consolidação. É necessário tempo e investimento para que a renda apareça. O trabalho delas precisa ser conhecido. Elas se fazem presentes em ações da cidade, eventos relacionados ao tema, além de estarem sempre aprendendo novas técnicas e coisas umas com as outras. A capacitação é constante nesse modo produtivo (DE CARLI, 2016).

Compreende-se que gerar renda, usando os conhecimentos adquiridos nos projetos de extensão, pode ocorrer durante ou após esse período e que para ingressar em um mercado formal ou informal do campo do artesanato são necessários investimento e tempo. Além disso, não foram considerados como renda os produtos que são comercializados na própria família das agentes, mas foram pormenores levantados nas entrevistas. Muitas das agentes em capacitação ainda não se sentem seguras para arriscar seus produtos ao mercado, mas já os disponibilizam para os familiares, comercializam. Alguns enfoques foram dados a essa questão: fazer preços; saber vender; saber expor e divulgar o produto – levantamentos provenientes das mulheres quanto às dificuldades encontradas em comercializar artefatos.

Acerca das agentes entrevistadas que já finalizaram a capacitação, em observação participante, notou-se que o principal objetivo da maior parte dessas mulheres é manter-se ativa. São visíveis as relações formadas por meio dessas atividades e elas influenciam no comportamento das agentes. Aquelas envolvidas no Projeto AmaViva e na Associação Damas & Tramas trabalham de modo colaborativo, cada uma exercendo uma função ou etapa de um projeto; sentem-se parte de um mesmo plano (um campo), mas reconhecem as habilidades das outras e valorizam o conhecimento individual (em seu *habitus* coletivo).

Na Damas & Tramas, as atividades das integrantes dão-se como encontros. Produzem, conversam, tomam chá e chimarrão. Elas declaram anseio muito grande de tonarem-se conhecidas, mostrar que o artesanato aliado ao *design* pode atingir as expectativas de consumidores reais. São, conforme De Carli (2016), o principal resultado proveniente do ProModa: usaram a capacitação e o conhecimento recebido para seguirem socialmente ativas, aliaram-se, tornando os produtos melhores, mais complexos, e a atividade exercida mais realizadora. Além disso, foram capazes de disseminar o próprio conhecimento, apoiaram e ministraram oficinas em outro projeto de compartilhamento de conhecimento, puderam levar as práticas que exercitaram para mais longe que o projeto de extensão, de modo isolado. Entretanto vale ressaltar um depoimento específico: uma das agentes da Damas & Tramas teve a oportunidade de ter seus bordados expostos em uma mostra de arte e, com muito orgulho, descreveu:

Nunca imaginei que os meus bordados poderiam ir tão longe, eram coisas que eu já fazia em casa e melhorei depois no Damas & Tramas. Mas, ser convidada para expor junto a uma artista, reproduzir os temas dela com a minha técnica, foi uma experiência única, engrandecedora.

Os relatos da Associação Damas & Tramas exploram as mudanças do *habitus* das agentes, esperadas pela capacitação. Ademais, percebe-se que não só o processo de aprendizagem é responsável por essa transformação social, mas também o trabalho em cooperação. É a existência da associação que promove oportunidades para essas mulheres (que é fruto do próprio saber e do fazer delas). Os encontros gerados por essa atividade colocam-nas em acesso a outros campos, outros contextos. A atividade associada promove ainda mais o empoderamento dessas mulheres, o reconhecimento do respectivo trabalho também.

No AmaViva, os encontros do projeto são realizados no laboratório de costura da universidade. Lá as participantes desenvolvem e criam produtos para comercializar em feiras ou para demandas específicas. Durante a observação participativa, as integrantes estavam divididas em grupos de trabalho, cada um com um objetivo isolado: produção para feiras, capacitação e produção de roupas de festas (com um estilista de referência), capacitação e produção de bolsas com refugo de couro e gemas semipreciosas. Tornou-se visível a organização do grupo, estabelecida para orientar as diferentes práticas ocorrendo simultaneamente. Mesmo já tendo sido capacitadas em um projeto anterior (SempreViva), as que permanecem no AmaViva representam o interesse pelo ambiente universitário, pelo conhecimento, pelas práticas inovadoras ali exercitadas e reconhecem o valor simbólico daquele contexto. As produções associadas, quando ocorrem para venda, são divididas tanto em relação às etapas de projeto quanto aos lucros entre todas as integrantes, porém o mais notável é como as agentes se relacionam com o ambiente: elas produzem individual e coletivamente, mas as reuniões do grupo traduzem um ambiente colaborativo, um núcleo comum para absorver e compartilhar práticas, ideias e projetos.

Entre as participantes que foram capacitadas e seguiram produzindo, destaca-se a trajetória de uma delas. Essa agente buscou o projeto para aprimorar seus conhecimentos; já produzia algumas peças de artesanato. Durante esse processo, agradeceu-se da universidade, participou do curso oferecido pelo SempreViva e no segundo ano ingressou no AmaViva. Nesse período, comentou com uma professora

o quanto se interessava pela universidade e foi estimulada a ingressar no curso de graduação em Design com ênfase em Moda. Mesmo estando há muitos anos longe do ensino regular, estudou e prestou vestibular. Atualmente está formada, é microempreendedora individual e auxilia como técnica do projeto AmaViva. Afirmou que seu principal incentivo para a graduação foi, além do envolvimento com os cursos de extensão, passar a produzir conscientemente. Sua produção era intuitiva, sem elaboração de projetos ou *design* dos produtos. Como parte da comissão de apoio ao AmaViva, afirma que seu principal objetivo é mostrar às agentes que o que impactou e modificou as ações dela poderá acontecer com as demais.

Esse relato destaca a possibilidade da produção híbrida estimulada por esses projetos; o fazer do artesanato associado ao *design* permite a criação de peças distintas das já conhecidas. Além disso, dá acesso a um novo comportamento, proveniente do fazer consciente, que influencia também em um *habitus* adquirido.

3.1.2 Coordenação dos projetos de extensão

Em entrevista não estruturada, os coordenadores de todos os projetos citados nesta investigação destacaram diversos pontos acerca da capacitação, da relação com as agentes, dos processos e dos efeitos percebidos pela extensão universitária.

Com o levantamento de dados efetuado, traçou-se a relação evidente entre os projetos citados e as demais áreas de base da universidade: pesquisa e ensino. Na tabela 3, apresentam-se essas relações em resultados tangíveis (produções feitas desde a criação dos projetos até o momento de aplicação da referida pesquisa), e no apêndice 4 estão listadas as referências do respectivos materiais levantados.

	PROJETO SEMPREVIVA	PROJETO MODA EM PRODUÇÃO/ RECOSTURAS DA MODA	PROJETO MULHERES DO BAIRRO	PROJETO PROMODA/ ASSOCIAÇÃO DAMAS & TRAMAS
Número médio de professores envolvidos nos projetos (anualmente)	5	3	2	1
Número médio de alunos envolvidos nos projetos (anualmente)	9	6	5	2
Número total de artigos científicos publicados/dissertações	6	3	1	4
Número total de livros (e/ou capítulos) publicados	5	---	---	1
Documentários e/ou vídeos publicados, mesas redondas	5	2	2	1
Notícias, textos e reportagens em jornal e ou revista, informações em mídias	5	6	4	5

Tabela 3 – Produções e efeitos dos projetos de extensão
Fonte: Primária (2017)

Observa-se que os projetos com maior número de artigos, livros e/ou capítulos de livros publicados também possuem número maior de alunos e professores envolvidos. Evidencia-se a relação entre esses dois dados, afinal é necessário o olhar acadêmico para apresentar cientificamente as produções dos projetos de extensão. Outros também possuem número mais relevante de informações em mídia, documentos em áudio e vídeo, atrelado ao menor número de produções científicas. Isso repercute em maior visibilidade para os grupos perante a comunidade, mas por outro lado diminui um dos resultados esperados pela universidade: trabalhar indissociavelmente o ensino, a pesquisa e a extensão.

Compreende-se que não é possível comparar o número de produções de um projeto com o outro, afinal alguns estão há quase 10 anos em execução, enquanto outros ainda permeiam os primeiros anos de atividade. Todavia, é possível discernir que todos os projetos exercitam as práticas de ensino e pesquisa, ilustradas pelo número de alunos (de graduação e pós-graduação) envolvidos nas capacitações e na organização das oficinas e pelo número de artigos, livros e/ou capítulos de livros publicados. São ações que culminam no desenvolvimento da pesquisa atrelada à extensão e exercitam questões relativas ao ensino, pelo envolvimento prático e teórico

de alunos e professores. Além disso, esses documentos, reportagens, textos, publicações, entre outros, são os meios cabíveis aos projetos de documentar as atividades realizadas, as práticas trabalhadas e os efeitos sociais e de renda provenientes das capacitações.

O SempreViva, por exemplo, possui em seu histórico nove pesquisas de iniciação científica, que convergem as respectivas investigações com as práticas do grupo de extensão; e três trabalhos de conclusão do Mestrado em Design (relatórios técnicos e dissertações). A Damas & Tramas, por outro viés, exercita o envolvimento da universidade com a associação; várias são as ações de colaboração entre as artesãs e alunos de graduação. Por exemplo, as imagens a seguir (figura 15) ilustram os trabalhos desenvolvidos entre o grupo e alunas da graduação em Design de Moda da UCS (MORGENSTERN, 2016; DE CARLI, 2016).

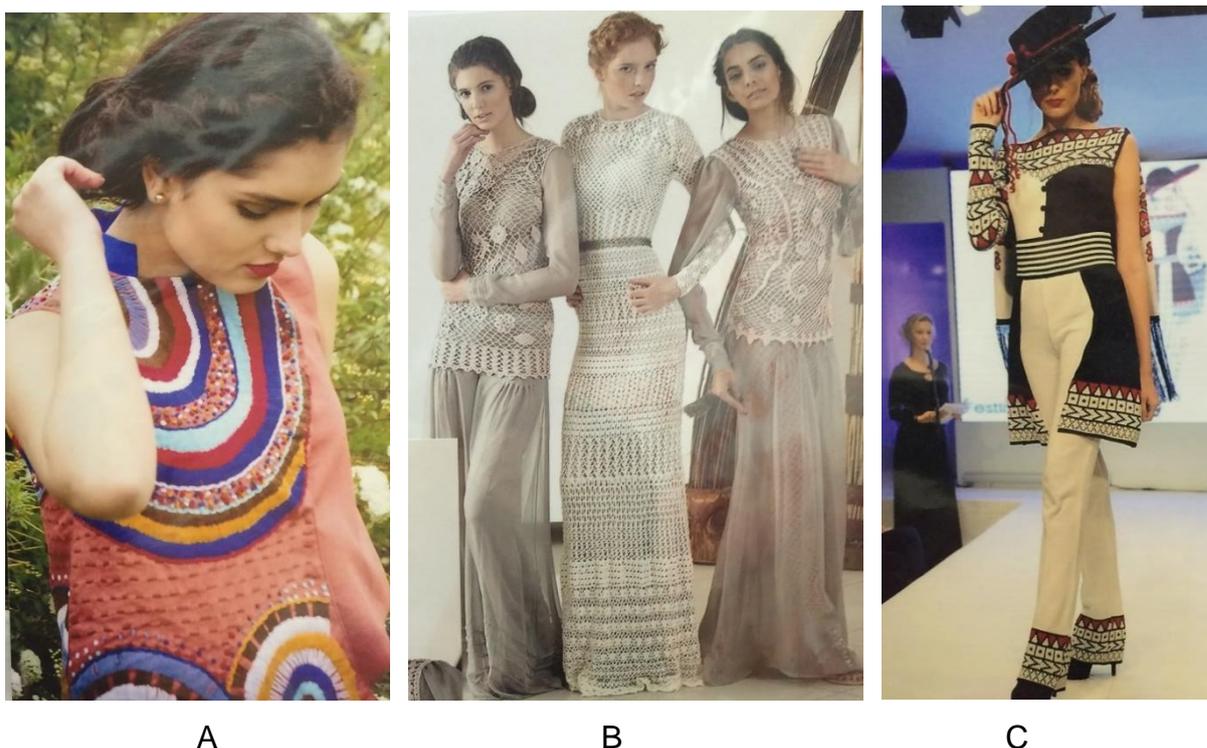


Figura 15 – Projeto em parceria com alunos de graduação da Associação Damas & Tramas
Fonte: Adaptado da Associação Damas & Tramas, 2017

O Projeto Moda em Produção/Recosturas da Moda, por outro lado, busca naturalizar a relação aluno-comunidade capacitando os bolsistas e voluntários para ministrarem oficinas. Desse modo, a formação humanística e cidadã do graduando tende a ser mais efetiva, ancorada nas práticas da extensão universitária. Já o Projeto Mulheres do Bairro incentiva o envolvimento de professores e alunos, em vistas a

estimular a participação ativa a causas sociais e ao voluntariado, além de promover, para os alunos, um ambiente laboratorial cujo objetivo é exercitar práticas e técnicas absorvidas durante o curso de graduação em Design de Moda (CEZAR, 2016; CABRAL, 2017; SELO SOCIAL/INSTITUTO ABAÇAÍ, 2015).

Essas relações, pautadas na disseminação de conhecimento acadêmico para as beneficiárias, são recíprocas. Existe uma troca de saberes realizada entre alunos e mulheres dos grupos de extensão. Conhecimentos artesanais, tácitos e empíricos, são apresentados aos estudantes, assim como o conhecimento científico é mostrado às beneficiárias. Esse câmbio de informações é um meio de aumentar o capital simbólico desses atores: o acesso ao conhecimento, o reconhecimento social, o acréscimo cultural e econômico. Tudo isso culmina na distinção social desses agentes.

No quesito avaliação, os projetos seguem padrões similares, porém com algumas particularidades. O Moda em Produção/Recosturas da Moda, corresponde às implicações internas da Feevale. Na compreensão dessa instituição, uma universidade comunitária possui inúmeras instituições de fomento atreladas à extensão. Logo, cada uma delas direciona um aspecto de avaliação, tornando o processo de avaliação complexo, elaborado e alimentado por meio de plataforma virtual. Nessa plataforma, são atualizados os indicadores utilizados como base da análise; alguns são padrão e estipulados pela universidade, outros podem ser adaptados de acordo com as necessidades do projeto. Nesse mesmo ambiente, encontra-se um histórico das análises, que recebe atualizações permanentemente, pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. Também, existe uma estrutura de metas, que acompanha as informações padrão de projetos (objetivos, justificativa etc.), a qual contempla diversos aspectos intuindo a evolução do projeto, por exemplo: mínimo de participação em eventos; promoção de eventos; número de prêmios; número mínimo de capacitações efetuadas e a taxa de frequência necessária; número de voluntários; trabalhos de graduação fundamentados etc. Na concepção da coordenadora, essas são questões que mudam de universidade para universidade, mas permitem a evolução mais consciente (CEZAR, 2016).

O SempreViva, assim como o projeto anterior, possui um regimento interno proposto pela universidade. Contempla diversos aspectos para a aprovação anual e renovação de financiamento. A avaliação dá-se com base em indicativos padrão da Univille, elaborados por influência do ForExt, como o número de artigos publicados,

número de alunos bolsistas e voluntários, número de professores envolvidos. Seguem-se metas, estabelecidas no início do projeto (período de renovação ou aprovação da proposta), como: número de oficinas oferecidas, número de agentes capacitados, organizações de exposições, cerimônia de encerramento etc. A avaliação ocorre por meio de relatório anual, em que são comparadas as metas definidas com os resultados alcançados (MORGENSTERN, 2016).

O Mulheres do Bairro possui seu método baseado em objetivos e planos de ação, além de corresponder as atividades a um relatório social declarado. Seu intuito inicial partiu da motivação da própria comunidade, que, por meio de associações de bairro, buscou a universidade. Apresentando características como sazonalidade e referência de cidades litorâneas como Balneário Camboriú, a universidade propôs a capacitação para a geração de renda alternativa, intuindo amenizar essa ociosidade social e econômica. Seu regimento é também interno, contemplando os padrões da extensão universitária da Univali (CABRAL, 2016; 2017; SELO SOCIAL/INSTITUTO ABAÇAI, 2015).

A Damas & Tramas, como deixou de ser um projeto de extensão e se tornou uma associação, contém seus próprios modelos de avaliar e acompanhar os resultados. Como âmbito de mercado e produção, visa avaliar o próprio produto e autoavaliar as práticas do grupo. Participação em eventos, notícias, peças inovadoras são aspectos considerados como indicadores de evolução do próprio grupo. Afinal, por essas ações a associação busca crescimento, independência e empoderamento.

Quanto aos efeitos dos projetos a longo prazo, alguns deles buscam encontrar as integrantes remanescentes. O Mulheres do Bairro, por exemplo, promove um encontro com essas pessoas, a fim de compreender o modo como a capacitação foi absorvida. As observações mostram que grande parte passa a produzir por conta própria, monta pequenos negócios e continua seus projetos. Outra parte acaba vinculando-se a indústrias da região, pois o sul catarinense é reconhecido pelo número de empresas no setor têxtil e de confecção. Entretanto há uma parcela de mulheres que utiliza o conhecimento para elaborar peças para si e para os familiares (como já foi sugerido nos gráficos anteriores, acerca do objetivo das agentes quanto à capacitação), justificando que essa prática pode não gerar capital econômico, porém viabiliza grande economia na renda familiar (CABRAL, 2016). Ou seja, a capacitação ocorrida é eficiente, já que transpassa os moldes de *habitus* das agentes e adiciona novas características a ele. O processo de aprendizagem consegue se manter nas

dinâmicas dessas agentes a longo prazo; mesmo que não gerem renda, agregaram novas práticas ao respectivo contexto.

O Projeto SempreViva consegue acompanhar parte dessas remanescentes do curso de capacitação, pois elas estão inseridas no grupo AmaViva e continuam vinculadas à universidade. Em observação participante e entrevista não estruturada, percebeu-se, nesse grupo, o mesmo resultado já verificado no Mulheres do Bairro: grande parte das integrantes passa a produzir por conta própria, além da produção associada ao AmaViva. Uma pequena parte acaba se vinculando a empresas, fábricas, pequenas confecções etc. E, como já se mostrou frequente, uma parte do grupo produz de forma associada (contemplando as demandas sazonais de encomendas que a universidade e o grupo atingem) dentro do projeto, mas, além desse vínculo, a única produção continuada é para si mesmas e para os familiares.

Fora as integrantes do AmaViva, a coordenação do SempreViva não possui contato com as demais remanescentes. Então, não se tem certeza, para esse segmento, dos efeitos conseguidos pela capacitação a longo prazo, entretanto observa-se que esse projeto tem ciência quanto à necessidade de maturação do conhecimento. Todas as agentes recebem a mesma capacitação, no entanto algumas delas precisam continuar vinculadas à universidade. Isso quer dizer que o processo de maturação do conhecimento está relacionado a questões pessoais e sociais atreladas ao passado e ao presente (ao *habitus*, ao campo e ao capital simbólico instituídos e por elas absorvidos), heranças culturais, sociais e econômicas. Algumas das beneficiárias conseguem progredir isoladas, sentem-se prontas para continuar produzindo, se integraram ao campo artístico e se mantêm nele. Outras buscam ingressar no AmaViva. Precisam desse aporte para continuar progredindo; ainda não maturaram o conhecimento a ponto de liderar os próprios projetos. Isso significa que o empoderamento social se dá antes da geração de renda, e tanto esse empoderamento quanto a geração de renda estão associados à maturação do conhecimento, ao pertencimento ao campo artístico e à transformação do *habitus*. Em outras palavras, é necessário que as beneficiárias tenham o “poder” intrínseco. Só assim conseguem progredir sozinhas, sem vínculo institucional, mesmo que de modo associado ou não.

No projeto de extensão Moda em Produção/Recosturas da Moda, formalmente não há nenhum contato nem avaliação com as mulheres capacitadas nos anos anteriores, mas a coordenadora afirma que acaba vendo-as em feiras e eventos de

artesanato. Todavia, não se busca saber como é a capacitação a longo prazo, pois se considera que os projetos de extensão são pontuais; a avaliação ocorre durante o projeto, não após ele. A universidade tem um setor que avalia os egressos, porém os dos cursos superiores, não os de extensão. Pela orientadora, existe a intenção de saber como se dá esse efeito a longo prazo: “*Certamente, seria muito interessante ter ciência desses efeitos, seria útil para orientar as ações dos projetos*” (CEZAR, 2016), mas não há indicativos nem propostas pela universidade.

A avaliação, ao final do projeto (para saber se foi efetivo), dá-se em várias dimensões, desde o percentual de frequência, por as integrantes terem níveis de responsabilidade diferentes, até conhecimento e conteúdo, autoavaliação técnica e teórica etc. Por exemplo, na análise técnica, elas produzem uma peça e a professora apresenta uma nota pelo material, o que ajuda nos indicativos no ano seguinte. De acordo com a coordenadora, “*esses instrumentos de pesquisa são importantes, pois são encaminhados pra Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, que repassa aos órgãos que nos validam como universidade comunitária*” (CEZAR, 2016). Mesmo assim, é necessário ter ciência dos efeitos da capacitação: de que modo o *habitus* dessas agentes é influenciado e se a dinâmica social sofre transformação. Afinal, mesmo que os projetos sejam pontuais, para legitimar a permanência da universidade na comunidade é relevante que haja um retorno. Ou seja, as oficinas são pontuais, mas elevam o processo de aprendizagem para além do período de capacitação. Se isso ocorre, da mesma maneira os efeitos na dinâmica social das agentes são possíveis, e é isso que se busca legitimar com esta investigação.

A Associação Damas & Tramas por si só já é um efeito recorrente da capacitação efetuada. Afinal, das mulheres que receberam capacitação, boa parte manteve-se nesse grupo, produzindo de modo colaborativo e contínuo. Além disso, a área de extensão da UCS constantemente tem informações acerca do grupo. Primeiramente, pois a professora que era parte dos docentes do projeto de extensão passou a ser membro da associação, e por meio dela e de suas publicações a Damas & Tramas é constantemente divulgada. Em segundo lugar, porque o envolvimento de alunas do curso de Design de Moda da UCS é constante, formando uma relação recíproca entre universidade e comunidade.

Vale ressaltar um resultado dessa associação: a influência no *habitus* das agentes fez-se relevante a ponto de tornarem-se multiplicadoras de conhecimento. Do ponto de vista extensionista, os efeitos desses projetos podem ir muito além da

mudança do *habitus*, da apropriação de um novo campo, para a multiplicação do conhecimento. Isso quer dizer que, se estimuladas, as agentes beneficiárias dos projetos têm a propriedade para estender o conhecimento recebido e produzido a outras pessoas, transformando a capacitação em um processo contínuo. Essa função está relacionada também ao capital simbólico adquirido, que é o arcabouço para o empoderamento. Ademais, para elas, é esse “poder” que fundamenta a propriedade para disseminar as práticas empíricas (artesanais e herdadas) e as acadêmicas (provenientes do *design* e da vivência universitária).

Quanto aos efeitos sociais dos projetos de extensão, a coordenadora do grupo, proveniente da Feevale, argumenta: “*É completamente visível que o efeito social, no sentido de sociabilidade, envolvimento pessoal, é bem mais frequente que a busca pelo aumento de renda, ou profissionalização*” (CEZAR, 2016). Ressalta que, para os professores e acadêmicos, é importante gerar renda e capacitar, porém é relevante considerar que existe o retorno econômico para a sociedade, afinal a universidade é também consumidora desses bens econômicos. De qualquer forma, é notável que para as agentes o encontro semanal é uma motivação para a vida, os conhecimentos novos, as “coisas diferentes” que vão aprender e a rede nova de amizades formada – aspectos que impulsionam muito a manutenção das agentes nas oficinas.

Ademais, no Moda em Produção/Recosturas da Moda, as oficinas dão-se na Fábrica da Cidadania, no entanto uma vez por mês o encontro é feito nos laboratórios da universidade. Destaca:

É um momento muito esperado, elas se sentem parte da universidade. Esse comportamento delas não é proposital, elas não dizem que estão ali por tais e tais fatores, elas apenas continuam indo, por gostarem do ambiente, da rotina de aprender coisas novas, da dinâmica etc. (CEZAR, 2016).

De fato, essa é a manifestação da busca pela inserção no novo campo artístico, o reconhecimento. As agentes percebem o valor simbólico instituído na universidade, e isso torna-se um estímulo para permanecerem indo aos encontros/oficinas. Todo esse processo é colaborativo ao empoderamento, de modo que as relações dispostas entre universidade/comunidade/professores/alunos influenciam no *habitus* dessas agentes e passam a ser parte importante da capacitação. Quer dizer, a capacitação não se dá apenas pelas oficinas, mas por toda a dinâmica sugerida.

Importante salientar que todos os grupos citados recebem resíduos industriais (bandeiras de tecidos, retalhos de couro, retalhos têxteis etc.). Assim, contemplam um objetivo sustentável, reaproveitando matéria e empregando características novas a materiais cujo destino seria o descarte. A parceria entre a extensão universitária e empresas das respectivas regiões faz-se imprescindível para a formação cidadã e consciente das agentes, sendo estas estimuladas a pensar e agir de modo sustentável, com melhor aproveitamento de material possível, menos desperdício e sempre com um olhar motivado, para agregar novos sentidos a materiais em desuso. Todos esses aspectos que permeiam os projetos de extensão são motivadores à transformação do *habitus* coletivo da comunidade.

As coordenadoras dos cursos também foram questionadas acerca da metodologia de captação de novas agentes. A seleção das integrantes, em maioria, acontece pela SAS da região, ou Cras. Com algumas exceções, o Mulheres do Bairro, por exemplo, possui inscrições abertas, porém leva em consideração o nível de renda das inscritas como critério de seleção e prioridade de vagas (usa-se o comprovante de renda como documento). O SempreViva também abre exceções, somente nos casos de sobra de vagas. O Moda em Produção/Recosturas da Moda utiliza como veículo de divulgação a própria Fábrica da Cidadania. Lá ocorrem outros projetos vinculados à prefeitura de Novo Hamburgo, além do referido e citado.

Boa parte dos grupos investigados, com exceção da Associação Damas & Tramas, que já está em vias de independência, busca transformar as práticas das agentes capacitadas em uma só cooperativa, pra que unam suas habilidades e caminhem com independência, entretanto é citado pelos coordenadores que se sente a ausência de agentes com perfil de liderança, que possam direcionar as ações do grupo e desvinculá-lo da universidade. De fato, é necessário estimular esse perfil, influenciar na mudança de *habitus* que distingam esses grupos da passividade. Ademais, as agentes estão vinculadas a um *habitus* coletivo relativo ao modo de vida, ao posicionamento familiar. Liderança é também uma questão de empoderamento, de apropriação de capital e de poder simbólico. Desse modo, os projetos podem desdobrar aspectos como esse; é preciso legitimar as ações dos grupos extensionistas como sociais (em toda a sua estrutura), não apenas como proposições para a geração de trabalho e renda.

Este subcapítulo esclareceu diversos aspectos a respeito dos projetos de extensão e seus efeitos. Entendeu-se que a capacitação pelo *design* vai muito além

da transmissão de um conhecimento. É, portanto, um estímulo social. Ela interfere nas bases da dinâmica social de um determinado contexto, interfere no *habitus* e nas relações que as agentes mantêm com as forças simbólicas que regem esse campo artístico. Porém passou-se a considerar que cada agente envolvido nos projetos possui cargas culturais, econômicas e sociais. Essas assimilações feitas são aspectos que influenciam as ânsias dessas mulheres, mas vão muito além do que uma investigação de mestrado possa mensurar. Entretanto, percebe-se a necessidade de pontuar essas diferenças, não no sentido de defini-las, mas de colocá-las à luz das decisões que envolvem a evolução desses projetos e grupos.

Os estudantes e professores envolvidos nesses projetos de extensão podem ser vistos também como parte de um efeito, de um resultado. É, por tais moldes, que passam a produzir conhecimento científico e posicionamento cidadão. O alcance da extensão universitária é maior que “gerar renda”; cada pessoa envolvida nesse processo é impactada. Então, devem-se considerar os professores e alunos nesse processo. Eles são estímulo para as agentes capacitadas; sua posição e didática interferem nas relações da universidade com a comunidade. Cada sujeito, após o envolvimento com a extensão universitária, recebe formação social.

Em suma, são essas questões, particulares de cada projeto de extensão, pensadas pelo ponto de vista de Bourdieu, que direcionam aos resultados desta investigação. As relações dos projetos para com a comunidade local e científica são pontos de partida para propor “nortes comuns”, bases conceituais que podem direcionar o desenvolvimento dos projetos. É importante ressaltar que não se pretende propor diretrizes, passos a serem seguidos, mas um viés de observação, para que cada projeto absorva esta investigação do melhor modo e da forma mais adequada à sua realidade.

De início, essa investigação intencionava diretrizes para o desenvolvimento dos projetos de extensão, entretanto, durante o processo de apropriação da teoria de base, o método de Bourdieu, entendeu-se que não seria adequado estabelecer metas, indicativos, limites aos projetos. Afinal, considera-se que cada agente do processo é um ator em movimento. Suas concepções, relações com o ambiente, anseios e estímulos o tornam um sujeito parte de um *habitus* coletivo, e esses processos da dinâmica social influenciam e modificam suas estruturas. Ou seja, os projetos de extensão possuem suas especificidades, apesar de estarem correlacionados em um campo comum (campo artístico), e não se pode propor lidar com tais fatores de modo

homogêneo nem reproduzido. Por isso, houve evolução da proposta indicada anteriormente, passando-se a compreender o resultado em retorno aos grupos de extensão, como direcionamentos conceituais, conceitos norteadores, fundados no método aplicado. Seria incoerente, do ponto de vista deste relatório técnico, ignorar as questões intrínsecas a cada grupo, a cada agente. Ou seja, a extensão universitária lida com agentes que possuem *habitus* de determinados contextos (campos), entretanto não se pode ignorá-los ao progredir nos cursos. É preciso, no encaixo desta pesquisa, levar em conta as dinâmicas sociais em que os agentes estão envolvidos, pois, de fato, elas são bases que influenciarão no modo como o conhecimento oferecido será absorvido, maturado e devolvido como progresso à sociedade.

3.2 DIRECIONAMENTOS CONCEITUAIS PARA PROJETOS DE CAPACITAÇÃO FUNDADOS NOS SABERES DO *DESIGN*

Tem-se como proposição neste relatório técnico a elaboração de direcionamentos conceituais que apresentam de modo conciso as reflexões geradas no percurso investigativo. Como resultado, será apresentada uma cartilha instrutiva, intuindo retornar aos projetos de extensão investigados o conhecimento e as análises geradas; e organização de um livro, em parceria com os professores Elenir Morgenstern e Victor Aguiar, intitulado *DESIGN E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL: práticas associadas integrando ensino, pesquisa e extensão* como obra comemorativa aos 10 anos do projeto de extensão SempreViva. As análises feitas ao longo da investigação serão, neste subcapítulo, compendiadas e direcionadas aos resultados: direcionamentos conceituais, apresentação de cartilha e organização de livro.

As entrevistas e observações coletadas e traduzidas em relatórios basearam a análise do subcapítulo anterior, por meio do método de Bourdieu. Com base nesse cruzamento teórico e prático, chegou-se aos direcionamentos conceituais. Assim, haja vista os efeitos dos projetos na universidade, apontam-se os direcionamentos conceituais no tocante: a) à universidade e à extensão universitária; b) ao grupo de agentes e aos projetos de extensão.

3.2.1 No tocante à universidade e à extensão universitária

Percebeu-se que os efeitos dos projetos de extensão atingem diferentes camadas de agentes: professores, estudantes e a área de extensão em geral. Os acadêmicos são diretamente impactados pelo envolvimento social gerado por meio dos projetos de extensão, que culminam em formação interdisciplinar e complexa, cidadã e consciente, pois vai além do sistema cartesiano das salas de aula, proporcionando conhecimento sistêmico. Ademais, os grupos de extensão são vistos como laboratórios, em meio aos quais pesquisas e práticas provenientes das salas de aula podem se tornar conhecimento científico para publicações e/ou aprendizado. Este ambiente também provê um exercício de conhecimento empírico, afinal as capacitações se mostram colaborativas e recíprocas: as universidades perpetuam informações científicas fundadas em métodos e processos de ensino tradicionais, enquanto as práticas sociais apresentam, em seu retorno, conhecimentos que auxiliam na formação integral do estudante (humana, social, cultural...), resultando em formação híbrida, para os estudantes e as aprendizes. Entretanto, esses efeitos só são possíveis se os projetos de extensão os considerarem em seu processo, pautados no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Notou-se a importância do registro dos processos dos grupos de extensão, pois, além de viabilizarem a legitimação e consolidação da extensão universitária, se configuram em fator de visibilidade dessas atividades, estimulando outras universidades e transformando esses efeitos em conhecimento produzido culturalmente e consolidado em termos sociais. É importante para a comunidade acadêmica reconhecer os valores dessas atividades, entender que são um retorno válido e transformador para a comunidade.

Nesse âmbito, destaca-se o posicionamento da extensão universitária em meio à comunidade e à academia e configuram-se os seguintes direcionamentos: a) extensão universitária e seu valor simbólico; b) indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

No tocante à *extensão universitária e ao seu valor simbólico*, parte-se do princípio de que a extensão pode comprovar melhor seus efeitos se considerar um respaldo simbólico. Quer dizer, apesar de ser uma das bases da universidade, interdependente ao ensino e à pesquisa, ela possui seu próprio significado. A

extensão universitária permite alcances que o ensino e a pesquisa isolados não atingem. Empoderamento, inserção social, transformação social, mudança em estruturas familiares e comunitárias são efeitos possíveis dessas ações. Nesse sentido, é importante que a coordenação dos grupos extensionistas se aproprie desses aspectos, legitime esses efeitos sociais que as capacitações produzem, valorize tais resultados. Ou seja, sugere-se que a própria universidade se aproprie desse efeito, instituindo-o como um objetivo, para que possa ser acompanhado e direcionado. Em termos outros, a área extensionista é transformadora em âmbito social; não se pode deixar o objetivo “geração de trabalho e renda” sobrepor-se aos efeitos sociais alcançados ou limitá-los. É interessante compreender as ações dessa área como sistêmicas, interdependentes, ampliando o potencial de contribuição dos projetos para processos tangíveis e intangíveis. São essas mudanças sociais, essas modificações no *habitus* dos agentes que facilitarão o gerar renda.

No que concerne ao conceito de *indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*, entende-se que, em tese, a extensão, o ensino e a pesquisa devem ser alitrados como práticas indissociáveis. De fato, na realidade encontrada, vê-se esse envolvimento como forte aspecto formador. Ou seja, quanto maior o envolvimento de professores e estudantes nas atividades extensionistas, maior será o conhecimento gerado, o número de materiais científicos produzidos e publicados. Sendo assim, será estendido o alcance do processo de aprendizagem exercido pela extensão universitária. Os alunos envolvidos, nesse âmbito, recebem formação social inerente à visão interna da extensão, tornando-se profissionais com formação pautada na realidade, culminando na consolidação do pensamento crítico. O envolvimento dos professores viabiliza a legitimação da extensão universitária, muitas vezes à margem da própria universidade. A estrutura extensionista é fértil para produções acadêmicas. Por outro lado, as beneficiárias dos projetos de extensão refletem aquilo que compreendem das relações acadêmicas. Isto é, quanto maior o envolvimento com estudantes, professores, ambientes universitários, mais profunda será a transformação social, culminando no empoderamento delas. O processo de aprendizagem não se dá apenas pelas oficinas aplicadas; toda a dinâmica universitária em que as agentes são inseridas corrobora com a formação. O pensamento crítico, a expressão de opinião, a absorção de novas características, novas práticas, novos gostos... são efeitos atrelados a essa estrutura, são

modificadores de *habitus*, estimulando a inserção dessas mulheres em um campo artístico, fazendo-as reconhecer novos valores simbólicos.

3.2.2 No tocante ao grupo de agentes beneficiárias e aos projetos de extensão

Com a análise dos efeitos dos projetos quanto ao grupo de agentes beneficiárias e os respectivos projetos de extensão, desdobraram-se as questões inerentes à dinâmica social das integrantes. Todas as reflexões, bem como os cruzamentos da teoria pelo método de Bourdieu com a prática (realidade encontrada), direcionaram a conclusões acerca do processo de capacitação oferecido.

As análises realizadas, com base nos dados e na teoria, mostraram que a transformação ocorrida pelo processo de capacitação se dá em âmbitos econômico e social. No aspecto social, o empoderamento é visto como o principal efeito proveniente do processo de aprendizagem, e ele não está atrelado somente às oficinas ministradas, mas é resultado do contexto universitário em que as mulheres são inseridas, na sua totalidade de informações e relações. Esse poder social pelo qual as mulheres se apropriam se configura em um conjunto de *habitus*, coletivos e individuais, que as tornam mais posicionadas, proporciona reflexão acerca das próprias escolhas, estimula a disposição crítica e analítica. No aspecto econômico, percebeu-se que boa parte das integrantes modificou sua vida por agregar renda ao capital familiar, mas conclui-se que o processo de gerar renda precisa da maturação do conhecimento e, também, do empoderamento. Ou seja, a mudança no comportamento social intitulada “empoderamento” apresenta-se como arcabouço simbólico para a geração de renda. Portanto, o efeito produzido em âmbitos social e econômico é parte de um mesmo processo, que culmina na transformação social.

Acerca da organização dos projetos de extensão, discorreram-se aspectos influenciadores de uma evolução direcionada: a avaliação dos efeitos dessas capacitações, para ciência do impacto gerado; os moldes dos objetivos dos projetos; os materiais produzidos e publicações realizadas; a captação de agentes para capacitação. Isto é, questões relacionadas ao desenvolvimento desses projetos e à consciência social e econômica de seus alcances.

Assim, haja vista os efeitos dos projetos no grupo de agentes, apontam-se os seguintes direcionamentos conceituais: c) a relação recíproca entre estudantes e comunidade; d) a relevância obtida pela avaliação dos efeitos oriundos das capacitações; e) a incoerência no emprego do conceito “geração de trabalho e renda”; f) o estímulo da liderança para a evolução independente; g) a possibilidade de disseminação do conhecimento; h) a análise do contexto atual, econômico, social e cultural.

No tocante à *relação recíproca entre estudante e comunidade*, vale ressaltar que alguns projetos buscam naturalizá-la, de modo a intensificar esse envolvimento e o respectivo efeito para com os acadêmicos. Ou seja, os estudantes de graduação e pós-graduação são orientados a estudar as técnicas e teorias utilizadas como base da capacitação, para então ministrarem oficinas. Essa ação estimula o posicionamento responsável, além de oportunizar práticas não tradicionais para os cursos de Design, Design de Moda e similares. Entende-se essa ação como uma possibilidade para a conscientização e formação imersiva desses alunos e também como uma prática a ser considerada nos objetivos dos projetos de extensão.

No aspecto da *avaliação dos efeitos oriundos das capacitações*, observou-se que os projetos de extensão não possuíam ciência desses impactos, entretanto houve interesse e aceitação para que tais questões fossem analisadas. As conclusões obtidas direcionaram à elaboração de uma cartilha, apresentando conceitos e efeitos divergentes àquilo que era esperado pela maioria dos grupos. O que se destaca é que a ciência desses efeitos é relevante para a evolução dos projetos, afinal não se pode legitimar uma ação sem compreender seus alcances.

Nesse âmbito, os projetos de extensão seguem indicativos e metas sugeridas pela respectiva área de extensão de cada universidade. O que se propõe com essas reflexões é que a coordenação dos projetos de extensão desenvolva características próprias de avaliação, considerando aspectos correspondentes à sua aplicabilidade, ao contexto social, econômico e cultural em que estão inseridos e ainda as condições atuais que permeiam o *habitus* das beneficiárias dos projetos. Entende-se que uma avaliação personalizada promoverá uma evolução realística, coerente com as necessidades da comunidade e com os objetivos da universidade. Além disso, a avaliação dos projetos de extensão é preponderante para a evolução das práticas e dos próprios efeitos provenientes do processo de aprendizagem oferecido. A análise

dos resultados é que impulsiona a evolução desses projetos, bem como suas práticas e o processo de capacitação.

No que diz respeito ao *conceito “geração de trabalho e renda”*, notou-se que, por mais que o objetivo geral do projeto seja gerar renda, as ações sempre se relacionarão à necessidade da comunidade. O que se repete é que essas necessidades estão mais apontadas para as mudanças sociais que para as mudanças econômicas. Em outras palavras, a transformação social é primordial, no sentido de o principal aspecto e o primeiro a ser objetivado. Pela investigação realizada, percebe-se essa mudança como mais urgente que a geração de renda. Isto é, são questões interdependentes. É necessário empoderar essas agentes para que se sintam prontas a gerar renda por conta própria, e também é válida essa independência financeira para que a condição de empoderamento se torne definitiva na vida das agentes.

Entretanto, com base nas reflexões que este estudo proporcionou, considerar o termo “geração de renda” como o objetivo geral e principal dos projetos de extensão é incoerente. Vale salientar que esse termo se difundiu por conta de programas e documentos popularizados durante a posse de um governo já inativo, portanto pode ser visto como uma “palavra da moda”, com conceito e uso vulgarizados ao longo do tempo. O resultado proveniente das capacitações é, por vezes, maior em aspecto social que em aspecto econômico, e os efeitos na estrutura social em que as agentes se relacionam é de grande relevância para a sociedade. Por isso, justifica-se legitimar essas ações pela extensão universitária. Melhorar a condição da comunidade em que a universidade está inserida não está somente ligado a devolver economicamente o que a universidade absorve, mas também estender a ela o conhecimento produzido, promover a consciência da população, o posicionamento reflexivo, a opinião crítica, o acesso ao poder simbólico relacionado ao conhecimento.

No entendimento de *liderança para a evolução independente*, percebe-se que o principal aspecto que limita a evolução independente das agentes beneficiárias, citado pela coordenação dos projetos de extensão, está ligado ao posicionamento em liderança. Ou seja, as agentes absorvem as qualidades práticas e teóricas, mas isso não se mostra suficiente para que elas permaneçam produzindo de modo independente. Especula-se que, se estimuladas a liderar suas próprias escolhas e projetos, poderão seguir independentes. Com os desdobramentos da referida investigação, sugere-se que o aspecto “empoderamento” seja legitimado com as ações extensionistas. É pautado, nessa sugestão, que as agentes sejam estimuladas

a continuar produzindo com propriedade. Logo, se os projetos de extensão considerarem o empoderamento como um efeito real e passarem a fundamentar parte de suas ações nesse objetivo, o posicionamento líder das agentes será desencadeado. De fato, ser líder de suas próprias ações está ligado a sentir-se empoderado, e essa característica é inerente à apropriação de determinados poderes provenientes do campo artístico e do capital simbólico nele proeminente.

Quanto ao conceito de *disseminação de conhecimento*, torna-se relevante discorrer acerca desse efeito. Por meio das observações e entrevistas feitas, na referida pesquisa, notou-se uma característica interessante em um dos projetos investigados. Percebeu-se que existe a possibilidade do conhecimento repassado por meio de oficinas e, pela dinâmica atrelada à universidade, de ele ser multiplicado. Isto é, as práticas e teorias absorvidas pelas agentes beneficiárias podem ser repassadas, alcançando outros horizontes. Com a análise desse resultado, compreendeu-se que o alcance da extensão universitária vai além do que é previsto; ultrapassa as fronteiras da própria universidade, vai além do próprio campo e infringe seus efeitos em campos outros, o que, por conseguinte, modifica as estruturas sociais e responde ao que se defende aqui (no encaixe dos escritos de Bourdieu): uma abordagem simbólica sistêmica. A capacitação pelo processo de aprendizagem e o empoderamento pela dinâmica universitária tornam-se propriedade para que as agentes beneficiárias dos projetos de extensão capacitem outras mulheres, replicando os saberes constituídos. Essa ação é aqui apresentada como sugestão, para que os demais grupos extensionistas se apropriem de atividades como essa, aumentando os alcances dos efeitos da área extensionista fundada nas teorias do *design*.

As reflexões no tocante ao *contexto atual, econômico, social e cultural* em que os projetos estão inseridos se pautam na compreensão de que o contexto de cada grupo extensionista, por mais parecido que seja, possui suas peculiaridades, e essas especificidades influenciam em diversos fatores no processo de aprendizagem das referidas agentes. Ou seja, toda relação percebida nesse âmbito é sistêmica. Todo contexto econômico, social e cultural fornece influência sistêmica no comportamento das mulheres e no dos demais agentes nas práticas da extensão universitária. Então, para a evolução consciente desses projetos, é importante que cada um analise seu próprio contexto, leve em conta em suas ações a atualidade, por exemplo: a crise econômica, as heranças culturais provenientes de colonização alemã, italiana etc. São essas relações que motivam as agentes, motivam suas escolhas e definem suas

necessidades, e são por essas relações que não se estabeleceram diretrizes ou bases metodológicas, pois se compreende que cada projeto possui em seu processo aspectos distintos de uma dinâmica social, atrelada às questões simbólicas do respectivo contexto.

O quadro abaixo (quadro 3) destaca de modo sintético os principais aspectos relacionados aos direcionamentos conceituais definidos.

<i>Direcionamentos Conceituais</i>		
No tocante à universidade e à extensão universitária		
A	Extensão universitária e seu valor simbólico	<ul style="list-style-type: none"> • A extensão pode mensurar/validar melhor seus efeitos se considerar aspectos/valores simbólicos constituídos culturalmente e instituídos socialmente; • É importante que a coordenação dos grupos extensionistas conheça e valide os efeitos sociais que as capacitações produzem, valorizando tais resultados; • A área extensionista é transformadora em âmbito social; o objetivo "geração de trabalho e renda", em virtude dos resultados deflagrados por esta investigação, não deve sobrepor-se aos efeitos sociais alcançados.
B	Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão	<ul style="list-style-type: none"> • A extensão, o ensino e a pesquisa devem ser alvitados como práticas indissociáveis; • Quanto mais profundo o envolvimento e comprometimento de professores e estudantes nas atividades extensionistas, maior será o conhecimento gerado, estendendo o processo de aprendizagem. • O processo de aprendizagem não se dá apenas pelas oficinas aplicadas; toda a dinâmica universitária em que as agentes são inseridas corrobora com a formação e assimilação de novos valores simbólicos.
No tocante ao grupo de agentes beneficiárias e aos projetos de extensão		
C	A relação recíproca entre estudantes e comunidade	<ul style="list-style-type: none"> • A naturalização da relação estudante-comunidade estimula o posicionamento responsável, além de oportunizar práticas não tradicionais para os cursos de Design; • Essa relação permitida pela extensão, torna-se possibilidade para a conscientização e formação imersiva desses estudantes e, também, prática a ser considerada nos objetivos dos projetos de extensão.
D	A relevância obtida pela avaliação dos efeitos oriundos das capacitações	<ul style="list-style-type: none"> • A ciência acerca dos efeitos provenientes da capacitação é relevante para a evolução dos projetos, afinal não se pode legitimar uma ação sem compreender seus alcances; • Uma avaliação personalizada promoverá uma evolução realística, coerente com as necessidades da comunidade e com os objetivos da universidade; • A avaliação sistêmica dos projetos é preponderante para a evolução das práticas e dos próprios efeitos provenientes do processo de aprendizagem oferecido

E	A incoerência no emprego do conceito “geração de trabalho e renda”	<ul style="list-style-type: none"> • Por mais que o objetivo geral do projeto seja gerar renda, é importante que as ações, considerando fatores extra-estéticos, relacionem e estendam-se à necessidade da comunidade; • As necessidades dos grupos estão inicialmente apontadas para as mudanças sociais, e podem conduzir para as mudanças econômicas. A transformação social é primordial, no sentido de: o principal aspecto e o primeiro a ser objetivado; • Pelos efeitos sociais obtidos, justifica-se legitimar essas práticas junto à área extensionista.
F	O estímulo da liderança para a evolução independente	<ul style="list-style-type: none"> • A evolução independente das agentes beneficiárias, citado pela coordenação dos projetos de extensão, está ligada ao posicionamento em liderança; • Se os projetos de extensão considerarem o empoderamento como um efeito real e passarem a fundamentar parte de suas ações nesse objetivo, as lideranças serão desencadeado; • Ser líder de suas próprias ações está relacionado a sentir-se empoderado, e essa característica é inerente à apropriação de determinados poderes provenientes do campo artístico e do capital simbólico nele proeminente.
G	A possibilidade de disseminação do conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • O alcance da extensão universitária vai além do que é previsto; ultrapassa as fronteiras da própria universidade, vai além do próprio campo e infringe seus efeitos em campos outros, o que, por conseguinte, modifica as estruturas sociais; • Capacitação pelo processo de aprendizagem e o empoderamento pela dinâmica universitária tornam-se propriedade para que as agentes beneficiárias dos projetos de extensão capacitem outras mulheres, replicando os saberes constituídos.
H	A análise do contexto atual, econômico, social e cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Cada grupo extensionista possui suas especificidades (contexto sócio-histórico-cultural), que influenciam em diversos fatores no processo de aprendizagem das referidas agentes; • Para a evolução consciente desses projetos, é importante que cada um analise seu próprio contexto, leve em conta em suas ações a atualidade; • Toda relação percebida nesse âmbito é sistêmica.

B

Quadro 3 – Quadro de direcionamentos conceituais

Fonte: Primária, 2016

Pautando-se nesses direcionamentos conceituais definidos, considerando as reflexões provenientes do processo metodológico, o capítulo a seguir apresenta os resultados obtidos por meio desta investigação.

4 RESULTADOS

Como meio de retornar o material produzido aos projetos de extensão investigados, considerando as reflexões, elaborou-se uma cartilha instrutiva composta dos direcionamentos conceituais estabelecidos e de uma explicação sintetizada do processo investigativo realizado. Em meio ao desenvolvimento da referida investigação, pautando-se nas concepções teóricas e nas análises feitas em cima dos registros dos efeitos dos projetos de extensão, organizou-se o livro *DESIGN E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL: práticas associadas integrando ensino, pesquisa e extensão* relacionando a história de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão deflagrada nos projetos SempreViva e AmaVida da Univille. Nos subcapítulos a seguir, estão dispostos os resultados da investigação.

4.1 LIVRO *DESIGN E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS ASSOCIADAS INTEGRANDO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO*

Partindo dos princípios gerados por esta investigação, organizou-se juntamente com a coordenação do Projeto SempreViva uma obra em comemoração aos 10 anos de permanência desse grupo. O livro foi desenvolvido e pautado nos conceitos de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Consideraram-se as relevâncias sociais e econômicas provenientes da capacitação, e pontuaram-se como agentes desses processos os estudantes, professores, parceiros, a Univille e as mulheres beneficiárias. Para tal, o material foi elaborado em capítulos, destacando a produção técnica e científica gerada (por alunos e professores de graduação e mestrado), as relações estabelecidas com a SAS de Joinville e demais parceiros e os efeitos sociais à comunidade.

O material (figura 16) está em processo de publicação pela Editora Univille, vinculado ao curso de Mestrado Profissional em Design. A produção gráfica da capa do livro foi desenvolvida em colaboração com o professor Elcio Ribeiro, do Programa de Pós-Graduação em Design da Univille.

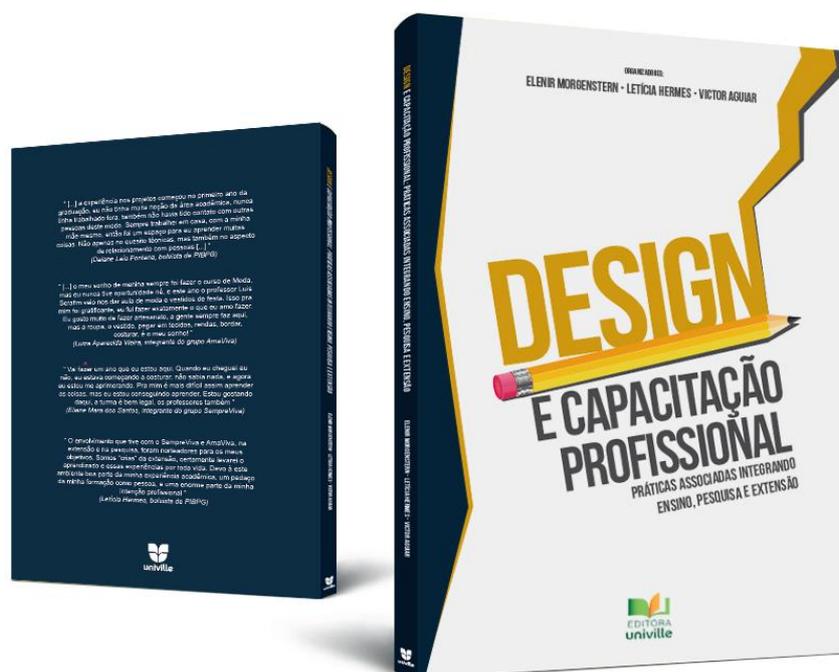


Figura 16 – Livro em comemoração aos 10 anos do projeto de extensão SempreViva
Fonte: Primária (2017)

4.2 CARTILHA INSTRUTIVA

No tocante às mulheres agentes dos projetos, as análises destacaram o efeito transformador social proveniente das capacitações. Exemplificaram que o processo de aprendizagem e a imersão no ambiente universitário permitem que essas agentes modifiquem seu próprio *habitus* (coletivo e individualmente), integrem outro campo (campo artístico) e almejem interesses distintos, atrelados aos novos valores simbólicos reconhecidos. Essa dinâmica possibilita empoderar essas mulheres, situação vista como o principal viés transformador dos projetos de extensão.

Entendeu-se também que, para gerar renda, é necessário compreender o processo de maturação do conhecimento, e esse período está ligado a heranças socioculturais dessas agentes. Quanto à geração de renda, observou-se, por meio das análises pautadas nos relatórios de entrevistas e nas observações participantes, que esse termo é empregado com demasiado valor pelos grupos de extensão, mas que na realidade encontrada não se apresenta como o principal objetivo das agentes beneficiárias dos grupos – não é o impacto mais relevante, nem o mais frequente. De fato, é importante para os projetos de extensão e para a área acadêmica considerar esse aspecto, afinal ele é motivador de variados fatores atrelados às capacitações; é visto até mesmo como o meio de retorno econômico à comunidade. Entretanto os efeitos sociais dos projetos precisam ser considerados do princípio, pensados para a evolução consciente desses grupos de extensão. Afinal, o empoderamento é primordial à geração de renda, é o primeiro passo desse processo. Os projetos de extensão precisam levar em conta essa transformação social se intentam a geração de trabalho e renda.

As considerações feitas baseadas nas análises e pautadas nas necessidades da universidade e das agentes beneficiárias dos projetos foram desdobradas em forma de direcionamentos conceituais, em vistas a retornar o conhecimento aqui produzido como um benefício aos grupos de extensão analisados. Com esse intuito, estruturou-se uma cartilha objetivando instruir os coordenadores dos projetos de extensão acerca das reflexões geradas a partir desta investigação.

Conforme Cagliari (1988, p.21) “As cartilhas surgiram muito tempo antes das aulas de alfabetização nas escolas. Antigamente, as cartilhas serviam de subsídios para as pessoas aprenderem a ler (e a escrever) em casa. No tocante à origem do

termo, Maciel (2013) apresenta etimologicamente: a cartilha, tem relação com a palavra carta e configurava-se em pequeno caderno/livro cujo objetivo compreendia o ensino e aprendizado da leitura”. Mendonça (2008), discorre sobre a função da cartilha, destacando seu carácter educativo, na transmissão de conhecimento e no acesso à informação. Entretanto, a cartilha foi se apropriando de novos moldes e utilidades. O governo brasileiro, na atualidade, utiliza-se de diversas cartilhas educativas para alfabetizar, capacitar, instruir o povo ou determinadas parcelas da sociedade. Pode-se citar, por exemplo, as seguintes cartilhas: *Cartilha orientadora para a criação e funcionamento dos conselhos de direitos da pessoa com deficiência* (CONADE, 2012); *Trabalhadores Domésticos: Direitos e Deveres* (MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL, 2015); *BULLYING, cartilha 2010 – justiça nas escolas* (CONSELHO NACIONAL DA JUSTIÇA, 2010).

Assim como os materiais desenvolvidos pelo governo, a cartilha elaborada como resultado desta investigação propõe instruir uma parcela específica da sociedade: professores coordenadores de projetos de extensão, que oferecem capacitações profissionais pautadas nos saberes do design. Portanto, o material foi desenvolvido e estruturado considerando o perfil desses usuários, ou seja, não se está apresentando um material para um público leigo, mas sim aos agentes de um mesmo campo: extensão universitária. Tratando-se de uma cartilha instrutiva, o conteúdo é apresentado de forma estruturada, considerando os direcionamentos conceituais em sua totalidade. Afinal, o objetivo desta cartilha é, cientificar (no sentido de tornar ciente) os coordenadores dos referidos projetos acerca das reflexões geradas por meio desta investigação, para que utilizem o material como apoio no desenvolvimento dos grupos extensionistas. Esta cartilha, foi desenvolvida para ser uma carta à esses coordenadores, um veículo de retorno e benefício aos referidos projetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação, tratando-se de um relatório técnico de Mestrado Profissional em Design, vinculado à Univille e ao Programa de Pós-Graduação em Design, discorreu acerca de reflexões pautadas na sociologia e no método de Pierre Bourdieu, considerando a abrangência de projetos de extensão universitária alocados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul que fundamentam capacitações nos saberes do *design*. Ainda, a pesquisa desenvolveu-se integrada ao Projeto SIMBOL – O *Design* e Suas Fronteiras na Instituição Social da Cultura Simbólica, vinculado ao Grupo de Pesquisa ‘Design, Cultura e Sociedade’, com registro no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e enquadra-se na linha de atuação ‘Produção de Design e Contexto Sociocultural’ do referido programa.

O trabalho objetivou, em termos gerais, apresentar um estudo representativo dos efeitos provenientes do processo de aprendizagem oferecido pelos projetos de extensão universitária selecionados para análise. Possibilitou evidenciar a transformação social ocorrida na vida e na renda das agentes beneficiárias das capacitações. Com o desdobramento teórico e prático, validou-se a questão de pesquisa levantada no início da investigação: os efeitos e impactos sociais dos projetos de extensão universitária que capacitam com base nos saberes do campo do *design* podem sim contribuir com a evolução dos projetos e com o empoderamento das agentes nele envolvidas. Afinal, foi por meio desta investigação que os efeitos dos projetos foram colocados à luz das reflexões, considerados conforme seus objetivos e traduzidos em direcionamentos conceituais, para a evolução e melhoria dos grupos de extensão analisados. Em outras palavras, esta pesquisa apresenta-se também como uma comprovação desses efeitos e processos, e seu resultado está direcionado à evolução dos grupos de extensão e das agentes.

O método utilizado nesta investigação derivou dos escritos de Pierre Bourdieu acerca dos conceitos: campo, *habitus* e capital simbólico. A noção de *habitus* foi aplicada às reflexões no tocante a comportamento, gostos, escolhas, intenções e objeções das mulheres agentes dos projetos. Pautando-se nesses aspectos, adentrou-se em questões oriundas do contexto social, econômico e cultural dessas aprendizes. Compreendeu-se que a análise dos efeitos obtidos pelo processo de capacitação precisaria ser sistêmica, em razão da interdependência preponderante

ao campo artístico, ao *habitus* adquirido e ao capital simbólico inerente a ambos. A metodologia empregada englobou ferramentas da abordagem antropológica cultural e dos processos/das ferramentas metodológicas do *design*, considerando uma interpretação sistêmica correlacionada à dinâmica social das referidas agentes e aos projetos de extensão.

Para cumprir com esse objetivo, as etapas processuais incluíram: identificação dos projetos de extensão SempreViva, Moda em Produção, ProModa e Mulheres do Bairro, dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, nas cidades Joinville, Novo Hamburgo, Caxias do Sul e Balneário Camboriú, respectivamente; mapeamento *in loco* dos resultados e efeitos desses projetos de extensão, por meio de ferramentas de coleta de dados (com agentes em capacitação e já capacitadas), entrevistas e observação participante; análise dos dados pautada no método de Pierre Bourdieu e nas ferramentas metodológicas provenientes do *design* e da pesquisa social; e também a proposição dos direcionamentos conceituais, sintetizados em formato de cartilha, com o intuito de estimular o desenvolvimento dos projetos citados, culminando na evolução das agentes beneficiárias.

O desenvolvimento da pesquisa baseou-se na constatação de que os efeitos dos projetos de extensão SempreViva, ProModa, Moda em Produção e Mulheres do Bairro não eram acompanhados nem no aspecto econômico nem no aspecto social. Portanto, as reflexões consolidadas propuseram melhorar a condição desses grupos de extensão, pelo fato de que a ciência de efeitos das capacitações auxilia no desenvolvimento assertivo dos projetos e das agentes beneficiárias. Ainda, buscou-se legitimar a extensão universitária, registrando seus efeitos e processos, muitas vezes objetivados e não comprovados.

Mapeando e relacionando os efeitos obtidos por esses projetos, foi possível cruzar aspectos sociais, econômicos e culturais que influenciam na geração de trabalho e renda proveniente da capacitação. Ademais, concluiu-se que os impactos sociais na vida das beneficiárias são tão relevantes quanto o econômico. Fundamentado nesse ponto de vista, esta investigação desdobrou as questões que refletem no empoderamento dessas mulheres em estado de vulnerabilidade social, mediante a capacitação oferecida.

Como resultado e veículo de devolução do conhecimento produzido, para os projetos de extensão analisados, desenvolveu-se um conjunto de direcionamento conceituais, com a intenção de sintetizar as reflexões feitas durante todo o processo

investigativo e apresentá-las como nortes conceituais, apoiando e estimulando a evolução direcionada dos referidos projetos.

Em formato de relatório técnico, esta pesquisa traçou aspectos relacionados à extensão universitária, à teoria dos sistemas simbólicos e às práticas de projetos de extensão fundados no *design*. No primeiro capítulo, o de revisão bibliográfica e contextualização da investigação, o primeiro subcapítulo adentrou as informações referentes à extensão universitária, que serviram para fundamentar as considerações feitas acerca do processo proveniente das capacitações, bem como a visão desses projetos para com a universidade. Adentrou-se em questões acerca da avaliação na área extensionista, da função dela quanto aos pilares da universidade – ensino e pesquisa – e seu objetivo e práticas dentro da instituição.

No segundo capítulo, levantaram-se informações sobre os projetos de extensão analisados, suas semelhanças e divergências. Descreveram-se os meios em que os projetos se desenvolvem, as metodologias aplicadas, as relações formadas, os tipos de produtos produzidos por meio das capacitações, as temáticas abordadas nas oficinas, as questões atreladas à coordenação dos projetos e suas práticas.

No terceiro subcapítulo, adentrou-se nos conceitos do método de Bourdieu: campo, *habitus* e capital simbólico. Em seu primeiro subtítulo, contextualizou-se a concepção de campo, explanando-se de que modo ela se aplica à referida área de investigação, suas interdependências ao *habitus* e capital simbólico. No segundo subtítulo, o conceito de *habitus* foi reflexionado como o principal viés estudado nas análises ocorridas, por conta da sua correlação com a mudança comportamental e de renda apresentada pelas beneficiárias dos projetos. No terceiro subtítulo, o capital simbólico permeou o campo e o *habitus* já definidos e apresentou-se como o valor simbólico que influencia na posição das agentes dentro do campo, na aquisição de novos *habitus* e nas lutas e posições formadas pela dinâmica social.

O terceiro capítulo foi composto da etapa metodológica da investigação, iniciada com a síntese dos dados coletados por meio de gráfico e tabelas, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor. Com base nos dados coletados em entrevistas, observações participantes e levantamento documental, pôde-se cruzar a realidade encontrada com o conhecimento teórico produzido. Fundamentando-se em toda a revisão bibliográfica, obtiveram-se as reflexões acerca dos efeitos e processos dos projetos de extensão universitária fundados nos saberes do *design*, primeiramente com os efeitos causados na realidade das agentes, destacando características

sociais, econômicas e culturais dessas mulheres, apresentando sobretudo efeitos de transformação social na dinâmica das beneficiárias. Então, sequenciou-se o desdobramento metodológico com as considerações acerca da coordenação dos referidos projetos, além da relação de documentos e materiais publicados ou disponíveis em mídia. Apresentaram-se análises relacionadas ao procedimento de avaliação dos projetos, à prática de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, aos efeitos da relação entre estudantes de graduação e comunidade, entre outros fatores relevantes à construção do processo de aprendizagem oferecido.

Todas as reflexões ocorridas na etapa metodológica encaminharam-se à elaboração do conjunto de direcionamentos conceituais estabelecidos como síntese das referidas análises e como um meio de beneficiar os projetos de extensão usados como amostra de investigação. Os seguintes temas configuraram os direcionamentos conceituais em tópicos: a) extensão universitária e seu valor simbólico; b) indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; c) relação recíproca entre estudantes e comunidade; d) relevância obtida pela avaliação dos efeitos oriundos das capacitações; e) incoerência no emprego do conceito “geração de trabalho e renda”; f) estímulo da liderança para a evolução independente; g) possibilidade de disseminação do conhecimento; h) análise do contexto atual, econômico, social e cultural. Nenhum desses aspectos foi definido como processo metodológico, diretriz ou etapa a ser seguida, mas elaborado como bases conceituais, úteis para a evolução dos projetos e propostas como guia, a ser observado e absorvido conforme a necessidade e particularidade de cada projeto de extensão.

Pautados nesses direcionamentos conceituais e nas reflexões provenientes dos desdobramentos metodológicos, os resultados desta pesquisa configuraram-se em: a) um livro em comemoração aos 10 anos do Projeto SempreViva que apresenta a trajetória em âmbito social e acadêmico, permitida pela execução das capacitações; b) uma cartilha instrutiva a qual contempla uma síntese da referida investigação, com os direcionamentos conceituais definidos, consolidando-se como uma proposta de evolução aos projetos de extensão ora analisados.

Pensando nas produções geradas por esta investigação, o método de Bourdieu foi imprescindível para desenvolver o posicionamento crítico e sociológico necessário nas entrevistas e observações. Seus conceitos foram fundamentais para mapear as dinâmicas sociais em que os projetos estão aplicados, principalmente para estruturar as análises e foram base para conceituar os direcionamentos. A compreensão acerca

da extensão universitária pautou os desdobramentos acerca de sua legitimidade, sua posição dentro da instituição e a articulação desses aspectos com os direcionamentos conceituais. As informações referentes aos projetos de extensão, provenientes de artigos publicados, livros, vídeos e entrevistas, trouxeram à luz das reflexões a diversidade de aspectos necessária para analisar os efeitos e processos oriundos das capacitações oferecidas, contribuindo para o processo de avaliação em extensão.

Ademais, esta investigação apresentou um material que poderá ser utilizado para novas pesquisas. As reflexões aqui estabelecidas permitem que outras investigações sejam desdobradas, agregando potencial relevante à academia a às próximas produções científicas.

A referida pesquisa mostrou sua pertinência no âmbito acadêmico, pois reflexionou acerca de questões inerentes à universidade, à extensão, à pesquisa e ao ensino; ao campo do *design*, porque desdobrou os efeitos de um processo de aprendizagem pautado nos seus saberes; e, por fim, ao âmbito social, por propor melhorias e consciência à sociedade, levando em consideração questões sociais, econômicas e culturais de modo interdependente.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2008.

_____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Brasil, 2000/2001.

_____. Senado Federal. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Subsecretaria de Edições Técnicas. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf?sequence=3>>. Acesso em: 29 maio 2016.

CABRAL, Maria Rosaime. **Maria Rosaime Cabral**: entrevista [mar. 2016]. Entrevistadora: Liza Lopes Corrêa. Entrevista concedida ao programa Viva Voz, Rádio e TV Univali, sobre o Projeto Capacita Mulheres do Bairro. 2016. Disponível em: <<https://vivavozunivali.wordpress.com/2016/03/11/projeto-capacita-mulheres-do-bairro/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

_____. **Maria Rosaime Cabral**: entrevista [jan. 2017]. Entrevistadora: Leticia Hermes. Entrevista virtual. 16 jan. 2017.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **A Cartilha e a Leitura**. Série Ideias. n.5. São Paulo: FDE, p. 21-26, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2013.

CAOLI, Cristiane; CAVALLINI, Marta. Desemprego no segundo trimestre de 2015 tem a maior taxa desde 2012. **Globo**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/08/desemprego-ficou-em-83-no-segundo-trimestre-de-2015-diz-ibge.html>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

CEZAR, Marina Seibert. **Marina Seibert Cezar**: entrevista [30 out. 2016]. Entrevistadora: Leticia Hermes. Novo Hamburgo: Feevale, 30 out. 2016.

_____. Projeto de extensão com foco na moda social. *In*: COLÓQUIO DE MODA, 6., São Paulo, 2010. **Anais...**, São Paulo, 2010.

_____; KOCH, Bárbara Gisele. Alternativas de práticas sustentáveis para um contexto vulnerável. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE NEGÓCIOS DE MODA, São Paulo, 2016. **Anais...**, Porto, 2016.

CHERQUES, Roberto Thiry. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, p. 27-55, 2006.

CONADE, Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Cartilha orientadora para a criação e funcionamento dos conselhos de direitos da pessoa com deficiência**. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/CEDEF/cartilhaorientadoracac.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2017.

CONSELHO NACIONAL DA JUSTIÇA. **BULLYING**, cartilha 2010 – justiça nas escolas. Brasília, 2010. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/rosacha/cartilha-2010-justia-nas-escolas-bullying>> Acesso em: 12 mar. 2017.

DAMAS E TRAMAS. **Associação Damas & Tramas**. Disponível em: <https://www.facebook.com/damasetramas/?ref=page_internal> Acesso em: 31 jan. 2017.

DE CARLI, Ana Mery Sehbe. **Ana Mery Sehbe de Carli**: entrevista [31 out. 2016]. Entrevistadora: Leticia Hermes. Caxias do Sul: Sede da Associação Damas & Tramas, 31 out. 2016.

_____. Moda, uma prática de múltiplas economias. *In*: _____.; VENZON, Bernadete Susin. **Moda, sustentabilidade e emergências**. Caxias do Sul: EDUCS, 2012.

_____; PERETTI, Jucelda. A oficina de moda e artesanato à associação Damas & Tramas. *In*: COLÓQUIO DE MODA, 9., Fortaleza, 2013. **Anais...**, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/9-coloquio-de-moda-Artigo-de-GT-Moda-e-Sustentabilidade.php>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/livro/2012/livroSituacaoTrabalhoBrasil.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (ForProex). **Avaliação Nacional da Extensão Universitária**. Brasília: MEC, 2001. v. 3.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. v. 1.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOULARTI, Juliano Giassi. Migrações, desruralização, urbanização e violência em Santa Catarina. **Revista Necat**, ano 4, n. 7, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://stat.intraducoes.incubadora.ufsc.br/index.php/necat/article/view/3626>>.

Acesso em: 12 fev. 2017.

JARDIM, Maria de Lourdes; BARCELLOS, Tania Maria Macedo de. Migrações no Rio Grande do Sul. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 121, p. 133-147, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/viewFile/429/691>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

JUSBRASIL. Artigo 207 da Constituição Federal de 1988. **Jusbrasil**, 2016. Disponível em:

<<http://www.jusbrasil.com.br/busca?q=EXERC%C3%8DCIO+REGULAR+DE+DIREITO+-+ART.+207+DA+CONSTITUI%C3%87%C3%83O+FEDERAL>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

LORENZI, Rita de Cássia Rothbarth. **Design de moda e artesanato**: uma relação social recíproca. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2015.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil do século XIX**. Fóruns Contemporâneos de Ensino de História no Brasil online. 2013. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/FEH/article/viewFile/4840/3797>> Acesso em: 12 fev. 2017.

MELLO, Carolina Luva de *et al.* Projeto Design Social: geração de renda e resgate cultural através do *design* associado ao artesanato. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 106-113, 2011.

MELO NETO, José Francisco de. Extensão universitária: bases ontológicas. **Extensão Universitária: Diálogos Populares**, v. 13, 2002.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. **Ciência em quadrinhos: recurso didático em cartilhas educativas**. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br:8080/xmlui/handle/123456789/7265?show=full>> Acesso em: 12 mar. 2017.

MINAYO, Maria Cecília (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. **Guia de Geração de Trabalho e Renda**. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/mesabrasil%20/doc/Guia-de-A%C3%A7%C3%B5es.pdf>> Acesso em: 23 jan. 2017.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL. **Trabalhadores Domésticos: Direitos e Deveres**. Brasília, 2015. Disponível em: <<https://www.esocial.gov.br/doc/cartilha-simples-domestico-v1.1.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2017.

MORGENSTERN, Elenir Carmen. **Elenir Carmen Morgenstern: entrevista** [15 dez. 2016]. Entrevistadora: Leticia Hermes. Joinville: Univille, 15 dez. 2016.

_____; CIPINIUK, Alberto. **Arte e design: fronteiras evanescentes?** Tese (Doutorado em Design)–Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0721266_11_Indice.html>. Acesso em: 9 ago. 2016.

_____. *et al.* Design e projetos sociais: o relato de uma experiência conduzida na Univille. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN*, 10., 2012. **Anais...** São Luís, 2012.

OAKLEY, Peter; CLAITON, Andrew. **Monitoramento e avaliação do empoderamento**. Tradução de Zuleika Arashiro e Ricardo Dias Sameshima. São Paulo: Instituto Pólis, 2003. 96 p.

PROJETO DE EXTENSÃO SEMPREVIVA – UNIVILLE. **Sempre Viva**. Disponível em: <<http://projetoempreviva.weebly.com>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

RIBEIRO, Marcelo. Desemprego fica em 10,9% no país e 7,5% no Rio Grande do Sul no 1.º trimestre de 2016. **UOL**, 2016. Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2016/05/economia/500080-desemprego-cresce-em-todas-as-regioes-no-1-trimestre-diz-ibge.html>. Acesso em: 12 mar. 2017.

SABRÁ, Flávio Gloria Caminada. **Os agentes sociais no processo criativo no desenvolvimento de produtos da cadeia têxtil**. (Doutorado em Design)–Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=25433@1> Acesso em: 2 fev. 2017.

SCARTEZINI, Natalia. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, v. 14, 2011.

SELO SOCIAL/INSTITUTO ABAÇAI. **Mulheres do Bairro**. 2015. Disponível em: <<http://www.selosocial.com/univali/projeto/1227-Mulheres+do+Bairro.html>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

SEMPRE FLOR. **Marca Sempre Flor.** Disponível em: <<http://www.sempreflor.com.br/>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

SETTON, Maria da Graça. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-154, 2002.

SILVA, Enio Waldi da. Extensão e desenvolvimento regional: discurso das universidades comunitárias do RS. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2013. **Anais...** Belo Horizonte, 2013. v. 12.

SISTEMA NACIONAL DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (Sinaes). **Bases para uma nova proposta de avaliação da educação superior.** Inep, 2003. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/261>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

SÍVERES, Luiz (Org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem.** Brasília: Líber Livro, 2013.

SOUZA, Olga Suely Soares de. A extensão universitária e as universidades populares. **Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 10, n. 9, 2006.

TAUCHEN, Gionara. **O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3624/1/418585.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS. Extensão nas Instituições Comunitárias de Educação Superior: referenciais para a construção de uma Política Nacional de Extensão nas ICES. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE EXTENSÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA DAS UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 10. 2013. **Anais...**, 2013.

WACQUANT, Loïc J. D. Esclarecer o *habitus*. **Educação & Linguagem**, v. 10, n. 16, p. 63-71, 2009.

_____. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, p. 95-110, 2002.

WOLFF, Janet. **A produção social da arte.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The Global Gender Gap Report 2015.** 2015. Disponível em: <<http://www3.weforum.org/docs/GGGR2015/cover.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

GLOSSÁRIO

Campo artístico: Por meio da base conceitual de Bourdieu, consideram-se nesta investigação, teoricamente, o *design* e suas variações, a arte e o artesanato como parte de um mesmo campo, o campo artístico. Desse modo, entende-se esse campo como “estrutura estruturada e estruturante das práticas de seus agentes” (MORGENSTERN; CIPINIUK, 2011, p. 186).

Capital econômico: Termo que se difere de capital simbólico como conceito. Relaciona-se à compreensão de renda. Nesta investigação, comumente usado para enfatizar a renda familiar/economia familiar.

Empoderamento: O termo empoderamento está integralmente relacionado ao conceito de poder, distribuído dentro das sociedades e entre elas. O processo de empoderar determinada parcela social, que nesta investigação são as mulheres em projetos de extensão, busca intervir em desequilíbrios de poder e ajudar a aumentar esse aporte, além de acrescentar a conscientização e a faculdade crítica. Para Moser (1991 *apud* OAKLEY; CLAITON, 2003 p. 12), “enquanto o enfoque sobre o empoderamento reconhece a importância do aumento de poder das mulheres, tende a identificar o poder menos em termos de dominação sobre outros e mais em termos da capacidade das mulheres de adquirir confiança em si mesmas e se fortalecerem internamente. Isso se traduz como o direito de exercer escolhas em sua vida e de influenciar os rumos das mudanças, através da capacidade de controlar os recursos materiais e não materiais”.

Geração de renda (e/ou trabalho e renda): Este é um termo que, nesta investigação, refere-se à ação de aumento do capital econômico familiar, atrelado a práticas alternativas de trabalho. A geração de trabalho e renda, sigla GTR, difundiu-se principalmente no período do governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com a divulgação de materiais como o *Guia de Geração de Trabalho e Renda* (2008), com realização da Fundação do Banco do Brasil, execução do Instituto de Políticas Públicas Florestan Fernandes, pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Método: A exemplo de Gadamer (1999), destaca-se a relevância do método em buscar a amplitude de compreensão. O método é aqui entendido não como o passo a passo (ações/procedimentos metodológicos), mas enquanto definidor de conceitos fundamentais que direcionam a pesquisa, fazendo-se aplicáveis na prática, considerando o contexto específico em que se aplica a investigação.

Noção de campo: De acordo com Bourdieu, campo é um espaço social resultado da diferenciação social e das relações de força e luta entre os agentes, conferindo-lhes posições. Constitui-se por instituições que lutam pela autoridade, para assim conceder o poder e ditar as regras e normativas desse mesmo campo. Conforme Morgenstern e Cipiniuk (2011), os limites do campo dão-se até o alcance de seus efeitos. Ou seja, enquanto o comportamento do agente for influenciado por essa estrutura ou enquanto ele o produzir repercussão. Ver: Bourdieu, 2008; Morgenstern; Cipiniuk, 2011).

Noção de capital simbólico: “O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo óbvio” (BOURDIEU, 2011, p. 145).

Noção de *habitus*: Para Bourdieu (2008), o *habitus* está presente nos agentes de um mesmo campo e é “esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas”. Morgenstern e Cipiniuk (2011, p. 189) explicam que “as práticas sociais, ‘fenomenalmente muito diferentes’ organizam-se objetivamente, sem ter sido explicitamente concebido e postas com relação a este fim, de modo que estas práticas contribuam para a reprodução do capital possuído”.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – FORMULÁRIO PARA ENTREVISTA A: COORDENADORES DE PROJETOS DE EXTENSÃO FUNDADOS NOS SABERES DO CAMPO DO *DESIGN*

APÊNDICE 2 – FORMULÁRIO PARA ENTREVISTA B: EGRESSOS DE PROJETOS DE EXTENSÃO

APÊNDICE 3 – QUADRO PARA CONDUÇÃO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: TÓPICOS PARA SE ATENTAR DURANTE A PESQUISA DE OBSERVAÇÃO ARTIFICIAL

APÊNDICE 4 – RELAÇÃO DE REGISTROS DOS PROJETOS DE EXTENSÃO

APÊNDICE 1 – FORMULÁRIO PARA ENTREVISTA A: COORDENADORES DE PROJETOS DE EXTENSÃO FUNDADOS NOS SABERES DO CAMPO DO *DESIGN*

Formulário base, de pesquisa exploratória e aplicada, para entrevista não estruturada ou informal, em vistas a registrar as informações coletadas na ação.

Conforme Gil (1991, p. 111),

este tipo de entrevista é o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. O que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado, bem como a identificação de alguns aspectos da personalidade do entrevistado.

Objetivo: coletar dados e informações acerca dos projetos de extensão, para que a maneira como os grupos são conduzidos, avaliados e pensados para a capacitação seja documentada e no processo de análise todas sejam confrontadas entre si.

Moderadora: Leticia Hermes.

Entrevistado: coordenador do projeto de extensão em questão.

Local: entrevista por videoconferência ou em local a ser confirmado pelo coordenador do projeto, possivelmente nas imediações em que ocorrem os encontros dos grupos de capacitação.

Tópicos para discussão:

1. Explicação desta investigação: objetivo; método; procedimentos metodológicos; e resultados esperados.

2. Histórico do projeto de extensão: tempo em execução; número médio de integrantes no início do curso e ao final dele; perfil das integrantes; perfil de produtos desenvolvidos; metodologia aplicada para capacitação; eventos promovidos recorrentes; problemas costumeiros.

3. Modos de avaliação: mensuração dos resultados; meios de documentação dos efeitos; meios de contato com as remanescentes; ciência da evolução independente das remanescentes; necessidade de direcionamentos para avaliação dos projetos; ocorrência ou não da contabilidade das remanescentes que permanecem na área.

4. *Habitus*: mudanças compreendidas no decorrer da capacitação; noções de melhoria de qualidade de vida das agentes; imersão no mercado de trabalho pelas remanescentes; acompanhamento de egressos: registros e relatórios desenvolvidos após o término do projeto; questionários enviados a egressos.

Obs.: Não se exclui a possibilidade de novos assuntos surgirem na entrevista, que é conduzida conforme a necessidade percebida pelo mediador.

APÊNDICE 2 – FORMULÁRIO PARA ENTREVISTA B: EGRESSOS DE PROJETOS DE EXTENSÃO

Formulário base, de pesquisa exploratória e aplicada, para entrevista não estruturada ou informal, em vistas a registrar as informações coletadas na ação.

Conforme Gil (1991, p. 111),

este tipo de entrevista é o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. O que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado, bem como a identificação de alguns aspectos da personalidade do entrevistado.

Objetivo: propõem-se considerar aspectos mais individuais resultantes da capacitação, no tocante ao aumento de renda, à inserção no mercado de trabalho, à melhora na qualidade de vida, a crenças, gostos, empoderamento etc. (indicando mudança no *habitus* e nas relações com o campo e o capital simbólico).

Moderadora: Leticia Hermes.

Entrevistadas: cinco mulheres de cada projeto de extensão relacionado à investigação.

Local: em local a ser confirmado pelo coordenador do projeto, possivelmente nas imediações em que ocorrem os encontros dos grupos de capacitação, ou nas próprias residências das agentes em questão.

Tópicos para discussão:

- 1. Explicação desta investigação:** objetivo; métodos; procedimentos metodológicos; e resultados esperados.
- 2. Histórico do agente:** idade; contexto familiar; contexto socioeconômico; nível de escolaridade etc.
- 3. Impacto da capacitação (nas dinâmicas sociais):** efeitos da capacitação na realidade vivida; mudanças no aspecto econômico; mercado de trabalho; mudanças na realidade familiar; empoderamento; mudanças nas práticas produtivas.
- 4. Produção:** maneira como ocorre a produção de artefatos (se ocorre); contato com colegas do mesmo grupo capacitado; rentabilidade dos produtos após a finalização da capacitação; influências do trabalho; marcas ou tendências que interessam.
- 5. Independência:** a capacitação foi suficiente para inserir-se no mercado e mudar a realidade estabelecida? Há a intenção e necessidade de continuar a capacitação? A produção foi afetada pelo término da capacitação? Houve o empoderamento e a evolução proposta?

Obs.: Não se exclui a possibilidade de novos assuntos surgirem na entrevista, que é conduzida conforme a necessidade percebida pelo mediador.

APÊNDICE 3 – QUADRO PARA CONDUÇÃO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: TÓPICOS PARA SE ATENTAR DURANTE A PESQUISA DE OBSERVAÇÃO ARTIFICIAL

Quadro de orientação base, de pesquisa exploratória e aplicada, para observação participante artificial, com vistas a conduzir e registrar as informações coletadas na ação.

Conforme Gil (1991, p. 103),

a observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

Objetivos: inteirar-se da realidade das agentes ainda em capacitação; identificar as relações entre campo, *habitus* e capital simbólico; compreender relações do processo de capacitação que podem ou não estar ligadas ao seu efeito assertivo.

Moderadora: Leticia Hermes.

Comunidade-alvo: todos os projetos de extensão fundados no *design* e citados nesta investigação serão observados.

Local: nas imediações em que ocorrem as capacitações e os encontros das integrantes dos projetos.

Tópicos para observação:

1: Metodologia de capacitação
2: Comportamento (relação com <i>habitus</i> , capital simbólico e práticas no campo)
3: Similaridades de gostos, crenças etc. (relação com <i>habitus</i> e campo)
4: Produção (como se organizam individualmente, em grupo etc.)
5: Execução (como aplicam o conhecimento repassado)
6: Pretensão (quais as pretensões quanto às mudanças de vida e trabalho percebidas)

Obs.: Não se exclui a possibilidade de novos assuntos surgirem na observação participante, que é conduzida conforme a necessidade notada pelo mediador.

APÊNDICE 4 – RELAÇÃO DE REGISTROS DOS PROJETOS DE EXTENSÃO

<i>Projeto de extensão SempreViva</i>	
Livros (e/ou capítulos) publicados	<ul style="list-style-type: none"> • HERMES, Leticia; MORGENSTERN, Elenir. A moda em contexto sociocultural: um estudo de projetos sociais relacionados à moda. In: MORGENSTERN, Elenir; AGUIAR, Víctor (Orgs.). Design, cultura e sociedade: limites e reciprocidades. Joinville: Editora Univille, 2016. • LORENZI, Rita de Cássia Rothbarth; MORGENSTERN, Elenir; CIPINIUK, Alberto. Design e artesanato: o valor simbólico dos produtos artesanais no campo da moda. Cenários culturais e sociais do design. Joinville: Editora Univille, 2015. v. 1. p. 25-41. • MORGENSTERN, Elenir; AGUIAR, Víctor (Orgs.). Cenários culturais e sociais do design. Joinville: Editora Univille, 2015. 190 p. • MORGENSTERN, Elenir et al. Projetos de geração de renda e o desenvolvimento de artefatos SempreFlor. In: DALMOLIN, Bernardete Maria; GODINHO, Lísia (Orgs.). Trabalho e renda: possibilidades da extensão universitária. Passo Fundo: UPF Editora, 2015. v. 1. p. 13-30. • SILVA, Jéssica Almenau; MORGENSTERN, Elenir. Agentes produtivos e organizações no campo da moda: possíveis práticas cooperativas. In: MORGENSTERN, Elenir; AGUIAR, Víctor (Orgs.). Design, cultura e sociedade: limites e reciprocidades. Joinville: Editora Univille, 2016. v. 2. p. 8-187.
Artigos científicos publicados, dissertações etc.	<ul style="list-style-type: none"> • FONTANA, Daiane; MORGENSTERN, Elenir. A interdisciplinaridade no desenvolvimento de cartilha instrucional para o projeto de geração de trabalho e renda Mulher SempreViva. In: GAMPI PLURAL, 2013, Joinville. Anais... Joinville: Univille, 2013. • LORENZI, Rita de Cássia Rothbarth. Design de moda e artesanato: uma relação social recíproca. Dissertação (Mestrado em Design)–Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2015. • LORENZI, Rita de Cássia Rothbarth; MORGENSTERN, Elenir. Design e artesanato: uma abordagem social do campo da moda. In: GAMPI PLURAL, 2013, Joinville. Anais... Joinville: Univille, 2013. • MORGENSTERN, Elenir et al. Design e projetos sociais: o relato de uma experiência conduzida na Univille. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 10., 2012, São Luís. Anais... São Luís, 2012. • MORGENSTERN, Elenir; EVERLING, Marli; HERMES, Leticia. Geração de renda: mulher SempreViva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA AS FRONTEIRAS DA EXTENSÃO, 5., 2012, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. • SILVA, Jéssica Almenau. Indústria da moda e projetos sociais: possíveis práticas de cooperação. Dissertação (Mestrado em Design)–Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2016.
Documentários e/ou vídeos publicados, mesas redondas, informações em mídias.	<ul style="list-style-type: none"> • AMAVIVA PRODUÇÃO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h5H5ew7lkfQ>. Acesso em: 10 fev. 2017. • BISU UNIVERSO UNIVILLE. Projetos sociais da Univille despertam interesse internacional. Bisu, 2013. Disponível em: <http://bisunaweb.blogspot.com.br/2013/03/projetos-sociais-da-univille-desper tam.html>. Acesso em: 10 fev. 2017. • CONHECENDO O PROJETO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e1WLnITf8GM>. Acesso em: 10 fev. 2017.

- DOCUMENTÁRIO SOBRE O PROJETO. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=VJP5zJM2TE0>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- DONNA. Darlene superou as limitações para realizar o sonho de fazer faculdade. **Donna**, 2013. Disponível em:
<<http://revistadonna.clicrbs.com.br/2013/09/27/darlene-superou-as-limitacoes-para-realizar-o-sonhode-fazer-faculdade/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- DONNA. Simone aproveitou as oportunidades que apareceram para aprender em Joinville. **Donna**, 2013. Disponível em:
<<http://revistadonna.clicrbs.com.br/2013/09/27/simone-aproveitou-as-oportunidades-que-apareceram-para-aprender-em-joinville/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- MOMENTOS DO PROJETO. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=m_v5mxa_HJo>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- PROJETO SEMPREVIVA. 2015. Disponível em:
<<http://projetosempreviva.weebly.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- SEMPREFLOR. 2013. Disponível em:
<<http://www.sempreflor.com.br/projetoamaviva.html>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- SEMPREVIVA | PRODUÇÃO. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=jKOa5oD5K8c>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Projeto de extensão Moda em Produção/Recosturas da Moda

<p>Artigos científicos publicados, dissertações etc.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CEZAR, Marina Seibert. Projeto de extensão com foco na moda social. In: COLÓQUIO DE MODA, 6., 2010, São Paulo. Anais... São Paulo, 2010. v. 1 • CEZAR, Marina Seibert; KOCH, Barbara Gisele. CINM: alternativas de práticas sustentáveis para um contexto vulnerável. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE NEGÓCIOS DA MODA, 2016, Porto (Portugal). CINM. Rio de Janeiro: IBModa, 2016. • KIST, Enelise; CEZAR, Marina Seibert; CABRAL, Nara Grivot. SE 2009: projeto de extensão Moda em Produção. In: SALÃO DE EXTENSÃO, 5., 2009, Novo Hamburgo. Anais... Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2009
<p>Documentários e/ou vídeos publicados, mesas redondas, informações em mídias.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CAFÉ COMUNITÁRIO: PROJETO MODA EM PRODUÇÃO. 2009. (Programa de rádio ou TV/mesa-redonda). • INTEGRAÇÃO SOCIAL E GERAÇÃO DE RENDA NO MODA EM PRODUÇÃO. Comunidade, Novo Hamburgo, 1.º mar. 2014. • LONGE DAS GRIFES DE LUXO, MULHERES INVENTAM MODA NO BAIRRO CANUDOS. NH, Novo Hamburgo, p. 29, 12 maio 2011. • MODA EM PRODUÇÃO CAPACITA MULHERES NA FÁBRICA DA CIDADANIA. Cidades, Porto Alegre, 15 maio 2014. • MULHERES EM VULNERABILIDADE SOCIAL. 2009. (Programa de rádio ou TV/mesa-redonda). • PARCEIROS E COMUNIDADE INTEGRAM COM O PROJETO MODA EM PRODUÇÃO. Comunidade, Novo Hamburgo, 1.º nov. 2013. • PARTICIPANTES DO MODA EM PRODUÇÃO CONFECCIONAM SACOLAS RETORNÁVEIS PARA BIBLIOTECA DA FEEVALE. Jornal Feevale, Novo Hamburgo, p. 13-13, 1.º ago. 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/acontece/noticias/participantes-do-moda-em-producao-confeccionam-sacolas-retornaveis-para-bibliotecas-da-feevale>. Acesso em: 10 fev. 2017. • PROJETO DE EXTENSÃO MODA EM PRODUÇÃO. Disponível em: <https://modafeevale.wordpress.com/modaemproducao/>. Acesso em: 10 fev. 2017.

<i>Projeto de extensão Promoda/Associação Damas & Tramas</i>	
Livros (e/ou capítulos) publicados	<ul style="list-style-type: none"> • DE CARLI, Ana Mery Sehbe; VENZON, Bernardete Susin. Moda, sustentabilidade e emergências. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2012. v. 1. 288 p.
Artigos científicos publicados, dissertações etc.	<ul style="list-style-type: none"> • DE CARLI, Ana Mery Sehbe. Da oficina de moda e artesanato à Associação Damas & Tramas. In: COLÓQUIO DE MODA, 9., 2013. Anais... 2013. • DE CARLI, Ana Mery Sehbe. Design de moda e tradição: a cumplicidade possível para inovar. Modapalavra E-periódico, 2013. • DE CARLI, Ana Mery Sehbe. Moda no terceiro milênio: novos valores, novas práticas. Modapalavra E-periódico, 2016. • DE CARLI, Ana Mery Sehbe. Novos valores e novas práticas para o design de moda: parcerias, artesanato e indústria. In: COLÓQUIO DE MODA, 6., 2010, São Paulo. Anais... 2010.
Documentários e/ou vídeos publicados, mesas redondas, informações em mídias.	<ul style="list-style-type: none"> • ARTESANATO E MODA EM FINA SINTONIA. Rede Radar. Disponível em: <http://www.radarconsultoria.com/blog/tag/associacao-damas-e-tramas/>. Acesso em: 10 fev. 2017. • DAMAS E TRAMAS: UMA COOPERATIVA DE ARTESÃS CAXIENSES. Disponível em: <http://potpourridakaren.blogspot.com.br/2015/01/damas-e-tramas-uma-cooperativa-de.html>. Acesso em: 10 fev. 2017. • DE CARLI, Ana Mery Sehbe. Design e artesanato: novidade e tradição, um diálogo possível. Design, Inovação e Gestão Estratégica, Caxias do Sul, p. 430-444, 2011. • DE CARLI, Ana Mery Sehbe. Prêmio Economia Criativa-Projeto Moda e Artesanato. 2013. (Programa de rádio ou TV/mesa-redonda). • GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL. Rede Damas e Tramas. Disponível em: <http://www.rs.gov.br/conteudo/219565/rede-damas-e-tramas-tem-lancament-o-nesta-segunda-feira-em-caxias>. Acesso em: 10 fev. 2017. • UCS. Associação Damas & Tramas passa a integrar o programa Redes de Cooperação. Disponível em: <http://www.ucs.br/site/ucs/noticias/1435777717>. Acesso em: 10 fev. 2017.

<i>Projeto de extensão Mulheres do Bairro</i>	
Artigos científicos publicados, dissertações etc.	<ul style="list-style-type: none"> • CABRAL, Maria Rosaiame; RAMOS, Jenifer Fernandes. Curso de extensão Mulheres do Bairro: design na inclusão social. 2016. (no prelo).
Documentários e/ou vídeos publicados, mesas redondas, informações em mídias.	<ul style="list-style-type: none"> • PROJETO MULHERES DO BAIRRO. Disponível em: <https://designunivali.com/mulheres-do-bairro/>. Acesso em: 10 fev. 2017. • CABRAL, Maria Rosaiame. Maria Rosaiame Cabral: entrevista. Entrevista concedida à Rádio Viva Voz Univali. Itajaí, 2016. • PROJETO MULHERES DO BAIRRO CAPACITA PARA ATIVIDADES DE CORTE E COSTURA. Disponível em: <http://www.univali.br/imprensa/noticias/Paginas/mulheres-do-bairro-capacita-para-atividade-em-corte-e-costura.aspx>. Acesso em: 10 fev. 2017. • CABRAL, Maria Rosaiame. Maria Rosaiame Cabral: entrevista. Disponível em: <https://vivavozunivali.wordpress.com/2016/03/11/projeto-capacita-mulheres-do-bairro/>. Acesso em: 10 fev. 2017. • MULHERES DO BAIRRO: UNIVALI. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTgsIOam7CY>. Acesso em: 10 fev. 2017. • SELO SOCIAL 2015. Mulheres do Bairro. Disponível em: <http://www.selosocial.com/univali/projeto/1227-Mulheres+do+Bairro.html>. Acesso em: 10 fev. 2017.

ANEXOS

ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

ANEXO 2 – CARTAS DE ANUÊNCIA

ANEXO 3 – AUTORIZAÇÃO PARA BIBLIOTECA

ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DESIGN E PROJETOS SOCIAIS: PROCESSOS E EFEITOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pesquisador: LETICIA HERMES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 58821716.9.0000.5366

Instituição Proponente: FUNDACAO EDUCACIONAL DA REGIAO DE JOINVILLE - UNIVILLE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.840.445

Apresentação do Projeto:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 1.730.612.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 1.730.612.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 1.730.612.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 1.730.612.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 1.730.612, contudo, os documentos que estavam pendentes (Carta de anuência e instrumentos de pesquisa) foram anexados e estão de acordo com a Resolução 466/12.

Recomendações:

Ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) responsável deve enviar ao Comitê de Ética, por meio do sistema Plataforma Brasil, o Relatório Final (modelo de documento na página do CEP no site da Univille Universidade).

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 17.

Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710

UF: SC **Município:** JOINVILLE

Telefone: (47)3461-9235

E-mail: comitetica@univille.br



Continuação do Parecer: 1.840.445

Segundo a Resolução 466/12, no item

XI- DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

d) Elaborar e apresentar o relatório final;

Modelo de relatório para download na página do CEP no sítio da Univille Universidade.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto "DESIGN E PROJETOS SOCIAIS: PROCESSOS E EFEITOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA", de CAAE 58821716.9.0000.5366 teve sua(s) pendência(s) esclarecida(s) pelo(a) pesquisador(a) LETICIA HERMES, de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares, portanto, encontra-se aprovado. Informamos que após leitura do parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no sítio da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso (<http://community.univille.edu.br/cep/status-parecer/577374>).

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_775401.pdf	16/10/2016 21:45:29		Aceito
Outros	Carta_Resposta.docx	16/10/2016 21:45:06	LETICIA HERMES	Aceito
Outros	instrumento_3.docx	16/10/2016 21:40:10	LETICIA HERMES	Aceito
Outros	instrumento_2.docx	16/10/2016 21:39:43	LETICIA HERMES	Aceito
Outros	instrumento_1.docx	16/10/2016	LETICIA HERMES	Aceito

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 17.

Bairro: Zona Industrial

CEP: 89.219-710

UF: SC

Município: JOINVILLE

Telefone: (47)3461-9235

E-mail: comitetica@univille.br



Continuação do Parecer: 1.840.445

Outros	instrumento_1.docx	21:39:23	LETICIA HERMES	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	cartas_de_anuencia.pdf	16/10/2016 21:33:05	LETICIA HERMES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	LeticiaHermes_doc_qualificacao.pdf	17/08/2016 11:21:18	LETICIA HERMES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	17/08/2016 11:16:41	LETICIA HERMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_leticiahermes.pdf	14/08/2016 20:32:22	LETICIA HERMES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOINVILLE, 28 de Novembro de 2016

Assinado por:
Eleide Abril Gordon Findlay
(Coordenador)

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 17.
Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710
UF: SC **Município:** JOINVILLE
Telefone: (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br

ANEXO 2 – CARTAS DE ANUÊNCIA

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE

Joinville, 26 de setembro de 2016

Declaramos para os devidos fins que concordamos com os itens citados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será assinado pelos sujeitos de pesquisa participantes de nossa empresa. Assim, autorizamos a Leticia Hermes, aluna do Mestrado Profissional em Design da UNIVILLE (Universidade da Região de Joinville), a realizar a pesquisa com o título "Design e Projetos Sociais: Processos e Efeitos da Extensão Universitária".

Cumpriremos o que determina a Resolução CNS 466/2012 e contribuiremos com a pesquisa mencionada sempre que necessário, fornecendo informações.

Sabemos que nossa universidade Feevale poderá a qualquer fase desta pesquisa retirar esse consentimento. Também foi, pelo (a) pesquisador (a) acima mencionado (a), garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Concordamos que os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e/ou revistas científicas, de maneira totalmente anônima.

Colocamo-nos à disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente,



Responsável - Mariana Seibert Cesar
Líder do Projeto

Empresa
Projeto Recosturas da Moda
Universidade Feevale
Associação Pro-Ensino Superior em Novo Hamburgo
CNPJ: 94.693.534/0001-62

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE

Joinville, 26 de setembro de 2016

Declaramos para os devidos fins que concordamos com os itens citados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será assinado pelos sujeitos de pesquisa participantes de nossa empresa. Assim, autorizamos a Leticia Hermes, aluna do Mestrado Profissional em Design da UNIVILLE (Universidade da Região de Joinville), a realizar a pesquisa com o título "Design e Projetos Sociais: Processos e Efeitos da Extensão Universitária".

Cumpriremos o que determina a Resolução CNS 466/2012 e contribuiremos com a pesquisa mencionada sempre que necessário, fornecendo informações.

Sabemos que nossa Associação Damas e Tramas poderá a qualquer fase desta pesquisa retirar esse consentimento. Também foi, pelo (a) pesquisador (a) acima mencionado (a), garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Concordamos que os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e/ou revistas científicas, de maneira totalmente anônima.

Colocamo-nos à disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente,

Ana Mary Sebbe De Carli
 Responsável
 ANA MERY SEBBE DE CARLI CPF 134.285.780-15

Empresa
 Associação de Atrizãs da Serra Gaúcha Damas e Tramas
 CNPJ: 17.423.337/0001-04

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE

Joinville, 26 de setembro de 2016

Declaramos para os devidos fins que concordamos com os itens citados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será assinado pelos sujeitos de pesquisa participantes de nossa empresa. Assim, autorizamos a Leticia Hermes, aluna do Mestrado Profissional em Design da UNIVILLE (Universidade da Região de Joinville), a realizar a pesquisa com o título "Design e Projetos Sociais: Processos e Efeitos da Extensão Universitária".

Cumpriremos o que determina a Resolução CNS 466/2012 e contribuiremos com a pesquisa mencionada sempre que necessário, fornecendo informações.

Sabemos que nossa universidade Univille poderá a qualquer fase desta pesquisa retirar esse consentimento. Também foi, pelo (a) pesquisador (a) acima mencionado (a), garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Concordamos que os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e/ou revistas científicas, de maneira totalmente anônima.

Colocamo-nos à disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente,



Responsável Eliete Carmen Morgenstern
coordenadora do projeto
CPF: 51242788034

Empresa

Projeto Sumpreviva
Universidade Univille - Universidade da Região de Joinville
CNPJ: 84.714.682/0001-94

ANEXO 3 – AUTORIZAÇÃO PARA BIBLIOTECA

AUTORIZAÇÃO

Nome do autor: Leticia Hermes

RG: 5674255

Título do Projeto Final: DESIGN E PROJETOS SOCIAIS: PROCESSOS E EFEITOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias do projeto final de minha autoria.

Joinville, 20 de Maio de 2017.

Leticia Hermes Mestrando(a)